



## **Assembleia Legislativa da Região Autónoma dos Açores**

### **Diário da Sessão**

**VIII Legislatura**

**Número: 93**

**IV Sessão Legislativa**

**Horta, Quinta-Feira, 24 de Janeiro de 2008**

**Presidente:** *Deputado Fernando Menezes*

**Secretários:** *Deputados António Loura e Cláudio Lopes*

### **Sumário**

*(Os trabalhos tiveram início às 10 horas e 25 minutos)*

#### **Período de Informação Parlamentar:**

##### **Correspondência:**

Após a leitura da correspondência passou-se à apresentação dos votos.

Primeiro foi apresentado um Voto de Pesar pelo falecimento do Padre Roberto de Serpa, pelo Grupo Parlamentar do PS. A apresentação foi feita pelo Sr. Deputado Herberto Rosa, seguindo-se a votação, em que o Voto foi aprovado por unanimidade.

Seguiu-se um Voto de Saudação ao velejador Genuíno Madruga pela passagem do Cabo Horn, apresentado pela Representação Parlamentar do CDS/PP. A apresentação foi feita pelo Sr. Deputado Artur Lima, usando da palavra sobre o mesmo, os Srs. Deputados Lizuarte Machado (*PS*) e Costa Pereira (*PSD*). O Voto foi aprovado por unanimidade.

Seguiu-se uma comunicação à Assembleia Legislativa da Região Autónoma dos Açores, pelo Sr. Secretário Regional da Presidência (*Vasco Cordeiro*).

Proferiram intervenções os Srs. Deputados José Manuel Bolieiro (*PSD*), Artur Lima (*CDS/PP*) e José San-Bento (*PS*).

No período dedicado a intervenções de interesse político relevante, usaram da palavra os Srs. Deputados Nuno Amaral (*PS*), Fernanda Mendes (*PS*), Sérgio Ferreira (*PSD*), Alberto Costa (*PS*), Piedade Lalanda (*PS*) e António Marinho (*PSD*), os Srs. Secretários Regionais da Economia (*Duarte Ponte*), da Habitação e Equipamentos (*José Contente*), da Educação e Ciência (*Álamo Meneses*) e ainda o Sr. Subsecretário Regional das Pescas (*Marcelo Pamplona*).

## **Agenda da Reunião**

1. Continuação do debate do **Projecto de Decreto Legislativo Regional – "Primeira alteração ao Decreto Legislativo Regional n.º 20/2005/A, de 22 de Julho – Apoio financeiro a atribuir no combate à infestação por térmitas"**, apresentado pela Representação Parlamentar do CDS/PP.

- Usaram da palavra os Srs. Deputados Carla Bretão (*PSD*) e Artur Lima (*CDS/PP*), e ainda o Sr. Secretário Regional da Habitação e Equipamentos (*José Contente*).

- O Projecto foi aprovado por unanimidade.

2. **Proposta de Resolução – "Resolve recomendar ao Governo Regional dos Açores que promova o estabelecimento de tarifas promocionais nos voos da Sata Air Açores para residentes nos Açores"**, apresentada pela Representação Parlamentar do CDS/PP, na pessoa do Sr. Deputado Artur Lima (*CDS/PP*).

- Usaram da palavra os Srs. Deputados Jorge Macedo (*PSD*), Lizuarte Machado (*PS*), Francisco Coelho (*PS*) e Clélio Meneses (*PSD*) e ainda o Sr. Secretário Regional da Economia (*Duarte Ponte*).

- A Proposta foi aprovada por unanimidade.

3. **Projecto de Decreto Legislativo Regional – "Cria o complemento para aquisição de medicamentos pelos idosos (COMPAMID)"**, apresentado pelo Sr. Deputado Artur Lima (*CDS/PP*).

- Usaram da palavra os Srs. Deputados Nélia Amaral (*PS*), Luís Henrique Silva (*PSD*), Francisco Coelho (*PS*), José Manuel Bolieiro (*PSD*) e Clélio Meneses (*PSD*) e ainda os Srs. Secretários Regionais dos Assuntos Sociais (*Domingos Cunha*) e da Presidência (*Vasco Cordeiro*).

- O Projecto foi aprovado por unanimidade.

**4. Proposta de Decreto Legislativo Regional – "Reestrutura a Escola Profissional de Capelas, alterando o Decreto Legislativo Regional n.º 26/2005/A, de 4 de Novembro"**, apresentada pelo Sr. Secretário Regional da Educação e Ciência (*Álamo Meneses*).

- Usaram da palavra os Srs. Deputados Catarina Furtado (*PS*) e José Manuel Bolieiro (*PSD*).

- A Proposta foi aprovada por maioria.

**5. Proposta de Resolução – "Contributo para uma política sustentável e competitiva de produção de leite nos Açores"**, apresentada pelo Grupo Parlamentar do Partido Social Democrata, na pessoa do Sr. Deputado António Ventura (*PSD*).

- Usaram da palavra os Srs. Deputados Luís Paulo Alves (*PS*) e Paulo Gusmão (*Indep*) e ainda o Sr. Secretário Regional da Agricultura e Florestas (*Noé Rodrigues*).

- A Proposta foi aprovada por unanimidade.

**6. Petição – "Deslocalização dos estaleiros da Tecnovia, sita na Barca – Madalena Pico"**, apresentada pelo Senhor Alberto Oliveira.

- Usaram da palavra os Srs. Deputados Rogério Veiros (*PS*), Jaime Jorge (*PSD*), Hernâni Jorge (*PS*) e ainda o Sr. Secretário Regional da Presidência (*Vasco Cordeiro*).

**7. Proposta de deliberação que declara findo o período legislativo de Janeiro**, a qual foi aprovada por unanimidade.

*(Os trabalhos terminaram às 19 horas e 45 minutos.)*

**Presidente:** Bom dia, Sras. e Srs. Deputados, Sra. e Srs. Membros do Governo Regional.

Vamos proceder à chamada dos Srs. Deputados.

*(Eram 10 horas e 25 minutos)*

*Procedeu-se à chamada à qual responderam os seguintes Deputados:*

**Partido Socialista (PS)**

**Alberto da Silva Costa**

**Ana Isabel Damião de Serpa Arruda Moniz**

**António Gonçalves Toste Parreira**

**António** José Tavares de **Loura**  
**Catarina** Paula Moniz **Furtado**  
**Fernanda** Correia Garcia **Trindade**  
**Fernando** Manuel Machado **Menezes**  
**Guilherme** de Fraga Vicente **Nunes**  
**Hélder** Guerreiro Marques **Silva**  
**Henrique** Correia **Ventura**  
**Hernâni** Hélio **Jorge**  
**José** Carlos Gomes **San-Bento** de Sousa  
**José** de Sousa **Rego**  
**José** Gabriel Freitas **Eduardo**  
**José** Gaspar Rosa de **Lima**  
**José** Manuel Gregório de **Ávila**  
**Lizuarte** Manuel **Machado**  
**Luís** Paulo de Serpa **Alves**  
**Manuel** Avelar Cunha Santos  
**Manuel** **Herberto** Santos da **Rosa**  
**Manuel** Soares da **Silveira**  
Maria **Fernanda** da Silva **Mendes**  
Maria **Piedade** Lima **Lalanda** Gonçalves Mano  
**Mariana** Rego Costa de **Matos**  
**Nélia** Maria Pacheco **Amaral**  
**Nuno** Alexandre da Costa Cabral **Amaral**  
**Rogério** Paulo Lopes Soares **Veiros**

***Partido Social Democrata (PSD)***

**Alberto** Abílio Lopes **Pereira**  
**António** Augusto Batista Soares **Marinho**  
**António** Lima Cardoso **Ventura**  
**António** Pedro Rebelo **Costa**

**Carla** Patrícia Carvalho **Bretão** Martins

**Cláudio** José Gomes **Lopes**

**Clélio** Ribeiro Parreira Toste **Meneses**

Jorge Alberto da **Costa Pereira**

**Jorge** Manuel de Almada **Macedo**

**José** Manuel Avelar **Nunes**

**Luís** Henrique **Silva**

**Maria** José Botelho de Viveiros da Silva Lemos **Duarte**

**Mark** Silveira **Marques**

**Pedro** António de Bettencourt **Gomes**

**Sérgio** Emanuel Bettencourt **Ferreira**

***Partido Popular (CDS/PP)***

**Artur** Manuel Leal de **Lima**

**Presidente:** Estão presentes 43 Srs. Deputados.

Está aberta a Sessão, pode entrar o público.

Têm a palavra os Srs. Secretários da Mesa para apresentar a correspondência.

**Secretário** (*António Loura*): Do Grupo Parlamentar do PSD, envio do Projecto de Decreto Legislativo Regional que “Cria o Conselho Consultivo de Segurança Pública”.

Baixou à Comissão de Política Geral.

**Secretário** (*Cláudio Lopes*): Da Comissão de Assuntos Parlamentares, Ambiente e Trabalho, Relatório e Parecer no âmbito da audição dos órgãos de governo próprio das Regiões Autónomas sobre o Projecto de Decreto-Lei n.º 684/2007, que “Procede à Primeira Alteração ao Decreto-Lei n.º 152/2005, de 31 de Agosto, que regula a aplicação na ordem jurídica interna do artigo 16.º e do n.º 1 do artigo 17.º do Regulamento n.º 2037/2000, do Parlamento Europeu e do Conselho, de 29 de Junho, relativo às substâncias que empobrecem a camada de ozono”.

**Secretário** (*António Loura*): Da Comissão de Assuntos Parlamentares, Ambiente e Trabalho, Relatório e Parecer sobre o Projecto de Decreto-Lei n.º 707/2007, que “Assegura a execução e garante o cumprimento na ordem jurídica interna das obrigações decorrentes

para o Estado Português do Regulamento CE n.º 1013/2006, do Parlamento Europeu e do Conselho, de 14 de Junho de 2006, relativo à transferência de resíduos, e revoga o Decreto-Lei n.º 296/95, de 17 de Novembro.”

Está apresentada a correspondência, Sr. Presidente.

**Presidente:** Apresentada a correspondência, passamos aos Votos.

Primeiro, um Voto de Pesar que já entrou ontem, ao fim do dia, apresentado pelo Partido Socialista, relativo ao falecimento do Padre Roberto Serpa.

Sr. Deputado Manuel Herberto Rosa, tem a palavra.

**Deputado Manuel Herberto Rosa (PS):** Sr. Presidente da Assembleia, Sras. e Srs. Deputados, Sra. e Srs. Membros do Governo Regional:

### “Voto de Pesar

No pretérito dia 9 do corrente mês de Janeiro, faleceu na Clínica do Bom Jesus, na cidade de Ponta Delgada, o Reverendo Padre Roberto de Serpa, que poucos dias antes havia completado 84 anos de idade.

Filho de António Caetano Serpa e de Maria Amélia de Serpa, o Padre Roberto de Serpa era natural de Santa Cruz das Flores, onde nasceu no dia 4 de Janeiro de 1924. Dos onze filhos do casal, foi o último a falecer.

Concluídos os primeiros estudos na sua vila natal, ingressou no Seminário de Angra em 1936.

Ordenou-se sacerdote dez anos depois, mais concretamente no dia 7 de Julho de 1946.

Após a sua ordenação, o Padre Roberto de Serpa dedicou os primeiros anos da vida sacerdotal ao trabalho da cúria diocesana, como agente da secretaria Episcopal, quando era Bispo de Angra e Ilhas dos Açores D. Guilherme Augusto da Cunha Guimarães.

Em 1955 foi nomeado Vigário Económico da Paróquia de Santa Bárbara, na Ilha Terceira.

Em 1969 foi nomeado pároco da mesma freguesia, tendo-se dedicado vinte anos ao serviço daquela paróquia terceirense até que, no ano de 1975, emigrou para os Estados Unidos.

Tendo-se excardinado da Diocese de Angra em 1983, ficou ligado à diocese de Providence, no Estado de Rhode Island.

Ali desenvolveu a pastoral junto da numerosa comunidade da diáspora açoriana e foi capelão hospitalar.

Chegada a idade da reforma, regressou aos Açores, tendo passado os últimos anos da sua vida, primeiro na ilha Terceira, até ao falecimento da sua irmã Isabel, que sempre o acompanhou durante a vida sacerdotal, e finalmente na ilha de São Miguel.

Dotado de profundo sentido humanista, nas duas décadas em que exerceu o seu múnus sacerdotal na freguesia de Santa Bárbara, o Padre Roberto de Serpa distinguiu-se pela preocupação para com os paroquianos mais humildes e necessitados.

Num tempo de carências e dificuldades, fazia de farmacêutico, aconselhando medicações e preparando e disponibilizando mezinhas caseiras a quem de tais cuidados necessitava.

Tendo sido durante algum tempo o único proprietário de um automóvel naquela freguesia, disponibilizava-o sempre que necessário, para transportar ao hospital quem necessitava de cuidados médicos urgentes.

Conta-se também que a sua preocupação com a subsistência dos mais pobres o levava, volta e meia, a subtrair alguns animais aos lavradores mais abastados, com os quais eram confeccionadas refeições comunitárias.

A memória colectiva reporta ainda que o seu elevado senso de humor fazia com que nunca se esquecesse de convidar para o repasto aquele, ou aqueles que, mais ou menos involuntariamente, haviam contribuído para o tornar possível.

Foi esta sua faceta de verdadeiro Robin dos Bosques que lhe grangeou grande respeito e admiração por parte dos mais pobres da comunidade barbarensense, e que mantém viva a sua memória.

Assim, nos termos regimentais e estatutários aplicáveis, os Deputados do Grupo Parlamentar do Partido Socialista subscritores propõem à Assembleia Legislativa da Região Autónoma dos Açores a aprovação de um Voto de Pesar pelo falecimento do Padre Roberto de Serpa.

Horta, Sala das Sessões, 24 de Janeiro de 2008.

**Os Deputados Regionais:** *Francisco Coelho, Manuel Herberto Rosa, José Gaspar Rosa de Lima e José Gabriel Freitas Eduardo.*”

**Presidente:** Srs. Deputados, está aberto o debate sobre este Voto de Pesar. Não havendo nenhuma inscrição, passamos à votação.

Os Srs. Deputados que concordam, por favor mantenham-se como se encontram.

**Secretário:** O voto de pesar foi aprovado por unanimidade.

**Presidente:** Deu entrada na Mesa mais um Voto, este de Saudação, voto que, devo dizer-vos, me dá particular satisfação, por razões pessoais, um Voto de Saudação apresentado pelo CDS/PP relativo ao velejador Genuíno Madruga, que acaba de passar o Cabo Horn no sentido Oeste-Este.

Tem a palavra o Sr. Deputado Artur Lima.

**Deputado Artur Lima (CDS/PP):** Sr. Presidente:

### **“Voto de Saudação**

O dia 24 de Janeiro ficará para sempre na história dos Açores, e indelevelmente marcará a vida do Genuíno Madruga.

De facto, o Velejador Genuíno Madruga, natural da freguesia de S. João, na ilha do Pico, passou há poucos minutos o Cabo Horn, na sua viagem de circum-navegação, em solitário, a bordo do “Hemingway”.

A passagem do Cabo Horn, no Chile, ponto mais austral do continente americano, local de confluência entre os oceanos atlântico e pacífico, marca indelevelmente a vida de cada navegante que ousa enfrentar aquelas águas.

Naquelas latitudes as tempestades são frequentes, sucedendo-se com violência extrema e terminando tão repentinamente como surgem. A transposição do Cabo constitui, por isso, um desafio à tenacidade dos navegantes.

Após a passagem do Estreito De Le Maire, no passado Domingo, sem problemas e na companhia de pinguins e albatrozes, o navegador açoriano viu-se forçado a arribar na Baía Aguirre, na terra do fogo, na Argentina, depois de verificadas as previsões de forte agravamento do estado do tempo, com ondulação e vento forte.

Após um dia de descanso e enfrentando um clima agreste, próprio daquelas paragens, Genuíno Madruga levantou ferro na manhã de terça-feira, 22 de Janeiro, e rumou a poente. Ao longo do dia as condições meteorológicas foram-se agravando, forçando Genuíno Madruga a procurar abrigo numa baía da ilha de Horn, a escassas 6 milhas do Cabo Horn.

Finalmente na manhã de hoje, 24 de Janeiro de 2008, transpôs o Cabo Horn, pelas dez horas e quarenta e cinco minutos, tempo universal.

Estabeleceu, pois, um marco na história dos navegadores açorianos como o primeiro deles a transpor o Cabo Horn, em solitário, numa embarcação à vela, contribuindo desta forma para a projecção dos Açores.

Assim, ao abrigo das normas estatutárias e regimentais aplicáveis, a Assembleia Legislativa da Região Autónoma dos Açores, reunida em plenário no dia 24 de Janeiro de 2008, emite o seguinte voto:

«A Assembleia Legislativa da Região Autónoma dos Açores saúda o velejador Genuíno Madruga que, a bordo do seu veleiro “Hemingway”, é o primeiro açoriano a atravessar o Cabo Horn em solitário».

**O Deputado Regional:** *Artur Lima.*”

**Presidente:** Estão abertas as inscrições.

Tem a palavra o Sr. Deputado Lizuarte Machado.

**(\*) Deputado Lizuarte Machado (PS):** Sr. Presidente da Assembleia, Sras. e Srs. Deputados, Sra. e Srs. Membros do Governo Regional:

Associamo-nos, com gosto, a este voto de saudação do CDS/PP. Eu, no meu caso pessoal, associo-me com um gosto muito especial porque sinto os problemas e as dificuldades que está a viver o picaroto Genuíno Madruga.

Aquela é uma zona que eu conheço particularmente bem, porque na década de 80 fiz várias campanhas para o arquipélago das Falkland e, por isso, aqui à distância sinto e antevejo o que se está lá a passar e, por isso, é com particular gosto que me associo a este voto.

De facto, aquela é uma zona muito difícil para a navegação à vela, a instabilidade meteorológica é imensa, aquilo que é uma previsão normal do Atlântico Norte que se faz, e que o Instituto de Meteorologia faz, para três ou quatro dias, no Cabo Horn é para três ou quatro horas, são situações particularmente difíceis aquelas que se vivem, repito, para a navegação à vela e, por isso, este é efectivamente um feito notável que fica registado na história dos Açores e dos homens do mar dos Açores.

Por isso, é com gosto que nos associamos a este voto.

**Presidente:** Tem a palavra o Sr. Deputado Costa Pereira.

**(\*) Deputado Jorge Costa Pereira (PSD):** Sr. Presidente da Assembleia, Sras. e Srs. Deputados, Sra. e Srs. Membros do Governo Regional:

O PSD associa-se ao Voto de Saudação ao Velejador Genuíno Madruga, não só pelo feito individual que ele acaba de realizar e que foi aqui devidamente registado, mas também porque este feito acaba por levar o nome dos Açores bem longe e bem alto no contexto internacional.

Por isso, o PSD, com gosto, associa-se também a este Voto.

**Presidente:** Srs. Deputados, vamos votar.

Os Srs. Deputados que concordam com este Voto de Saudação ao velejador Genuíno Madruga, por favor mantenham-se como se encontram.

**Secretário:** O Voto de Saudação foi aprovado por unanimidade.

**Presidente:** Prosseguindo nos nossos trabalhos e no uso que confere o artigo 75.º do nosso Regimento, vai usar da palavra o Sr. Secretário Regional da Presidência, para uma comunicação do Governo Regional.

**Secretário Regional da Presidência (Vasco Cordeiro):** Sr. Presidente, Sras. e Srs. Deputados, Sr. Presidente, Sras. e Srs. Membros do Governo:

A 13 de Junho passado, o Governo veio a esta Assembleia apresentar as prioridades políticas dos Açores para a Presidência Portuguesa da União Europeia.

Terminado esse período, cá está, novamente, o Governo a informar esta Câmara sobre o trabalho desenvolvido, os sucessos alcançados e, também, os objectivos para os quais continuamos a direccionar os nossos esforços, na defesa intransigente dos interesses da nossa Região.

Em primeiro lugar, então aqui afirmou-se como fundamental a reforma institucional da União Europeia, com a melhoria e agilização do seu funcionamento, com o reforço e aprofundamento das ultraperiferias, bem como com a consagração da coesão territorial como objectivo da União.

O Tratado de Lisboa, assinado no passado mês de Dezembro, embora com uma ambição diversa da do Tratado Constitucional e com termos e consequências jurídicas, políticas e institucionais diferentes, cumpre com o objectivo de colocar, novamente, o projecto europeu nos trilhos conducentes ao reforço da confiança dos cidadãos na União, a um controlo

democrático e a uma maior capacidade de acção e de realização por parte das suas instituições.

A ratificação parlamentar do Tratado de Lisboa constitui, por isso, o próximo passo no processo de dotar a União com um novo quadro jurídico de funcionamento. Nesta matéria, e mais uma vez, o Governo da República assumiu uma decisão que corresponde, por um lado, às exigências que o momento que atravessa o processo de construção europeia exige e, por outro, às especiais responsabilidades que, no âmbito europeu, o nosso País tem no sucesso desta solução institucional.

Senhor Presidente, Senhoras e Senhores Deputados, Senhora e Senhores Membros do Governo,

Os motivos de regozijo para os Açores, como Região empenhada no processo de construção europeia, não residem apenas nestes sucessos de carácter mais geral, mas encontram, também, satisfação na forma como foi possível aprofundar e reforçar o carácter político do conceito de Ultraperiferia.

Assim aconteceu, em primeiro lugar, quando se assumiu, do ponto de vista formal, uma solução que autonomiza o tratamento destas questões, ao contrário do que até aqui se encontrava estabelecido no nº 2 do Artigo 299º do actual Tratado.

Se do ponto de vista de organização sistémica do Tratado de Lisboa esta constitui uma alteração a ter em conta, do ponto de vista político acaba por ter um significativo relevo, sobretudo se tivermos presente o contexto em que decorreu.

Houve e há, contudo, um aspecto que não correspondeu, nem às expectativas, nem aos objectivos da Região.

Trata-se da solução encontrada para a conservação dos recursos biológicos do Mar, que passa a ser considerada como competência exclusiva da União Europeia.

Não será este, porventura, o momento adequado para uma análise aprofundada sobre esta matéria, mas não podemos deixar de referir que a solução adoptada contou, conta e contará com a oposição do Governo dos Açores, não só porque não corresponde aos interesses de gestão sustentável dos recursos pesqueiros, o que já está demonstrado, mas, também, porque não corresponde aos interesses da própria União Europeia, o que também já está a ser demonstrado quando se constata o falhanço, a este nível, da Política Comum de Pescas.

Não obstante esse aspecto, do qual, reafirmo, discordamos, o Tratado de Lisboa constitui uma reforma globalmente positiva da governação europeia e vai ao encontro daquelas que eram as nossas aspirações.

Senhor Presidente, Senhoras e Senhores Deputados, Senhora e Senhores Membros do Governo,

Um segundo grupo de matérias definidas como prioritárias para a nossa Região dizia respeito à discussão e aprovação da Política Marítima Europeia, no seguimento, aliás, do trabalho e do empenho que este Governo colocou na defesa dos interesses açorianos durante a consulta pública do Livro Verde.

Também neste campo, os desenvolvimentos alcançados durante a Presidência Portuguesa confirmaram ser este um grande desafio para a Europa e uma excelente oportunidade para regiões como os Açores.

Fruto do acompanhamento e, principalmente, da estratégia delineada, desde a primeira hora, pelo Governo para a participação no debate público, foi possível reforçar, em sede de documento final, um conjunto de eixos fundamentais para o nosso arquipélago, como constituem exemplos as matérias relativas à importância do Atlântico, ou ao potencial das ilhas e das Regiões Ultra Periféricas para o sucesso de uma Política Marítima da União.

Estamos conscientes que esta é uma tarefa que exige um acompanhamento permanente. Mas já é possível constatar a forma crescente como a Região se tem afirmado em toda esta temática, na qual, devemos reconhecê-lo, a forma como a Presidência Portuguesa decorreu constituiu um importante contributo.

A matéria relativa à acção externa da União Europeia, em especial a aprovação de uma Parceria Especial com a República de Cabo Verde, alicerçada, mas indo mais além dos termos dos Acordos de Cotonu, foi por nós assumida como uma das prioridades para esse período, na sequência do Memorando de Entendimento assinado entre o Primeiro-ministro desse país e o Presidente do Governo dos Açores.

Podemos, igualmente, considerar alcançado este objectivo, uma vez que a aprovação dessa Parceria Especial reforça a importância do eixo Atlântico no relacionamento externo da União, criando, ao mesmo tempo, as condições para a afirmação da agenda global da Europa no seu relacionamento com os outros Continentes.

Senhor Presidente, Senhoras e Senhores Deputados, Senhora e Senhores Membros do Governo,

A Presidência Portuguesa da União Europeia, foi aqui afirmado, constituía uma boa oportunidade, não só para aumentar a visibilidade das temáticas europeias na Região, mas também para reforçar o conhecimento e a informação dos decisores europeus sobre a nossa realidade.

Estas prioridades seriam concretizadas através de um conjunto de realizações que trouxessem até nós vários encontros de instituições europeias e de organismos de cooperação inter-regional, nos quais a Região está presente.

Esta aposta do Governo dos Açores, não só foi conseguida, como ultrapassou a nossas expectativas, com mais realizações do que o inicialmente planeado, desmentindo aqueles que não acreditavam que estivéssemos à altura.

Gostaria, agora, de destacar três eventos que, quer pelo tema, quer pela qualidade dos participantes que convocaram, são bem ilustrativos do quadro geral alcançado.

Primeiro, a realização a 9 e 10 de Julho de 2007, na ilha Terceira, do Seminário Internacional “As Políticas Marítimas e Globalização”, o qual contou com as presenças do Comissário Europeu das Pescas, do Presidente do Comité das Regiões, do Presidente da Conferência das Regiões Periféricas Marítimas da Europa, passando pelo então Ministro da Economia polaco, do Secretário de Estado Português da Defesa e Assuntos do Mar, e de um conjunto muito variado de responsáveis políticos e técnicos dos cinco continentes.

Segundo, a realização, em Novembro, na ilha de S. Miguel, da Reunião Informal dos Ministros do Ordenamento do Território e Desenvolvimento Regional da União Europeia, na qual participou a Comissária Europeia da Política Regional, Danuta Hübner, tendo constituído uma oportunidade para tornar patente o património de políticas e acções no âmbito do ordenamento do território desenvolvido pelo Governo dos Açores e que, nalguns casos, como o do aproveitamento das energias renováveis, constituem um exemplo e uma referência para toda a União.

Terceiro, a participação, em Bruxelas, no Forum Blue Planet, o qual constituiu mais uma oportunidade para reafirmar a nossa especial ligação com o Mar e as potencialidades nas áreas da investigação marinha, da biotecnologia e da gestão sustentável dos recursos pesqueiros, reforçando o que já afirmara o Presidente da Comissão Europeia, Durão

Barroso, de que os Açores têm uma posição de indiscutível liderança nos assuntos relacionados com o Mar.

Senhor Presidente, Senhoras e Senhores Deputados, Senhora e Senhores Membros do Governo,

Se é certo que podemos considerar que a Presidência Portuguesa constituiu um sucesso para os Açores, este facto não nos pode fazer esquecer que, dos resultados positivos, crescem, também, maiores responsabilidades para a Região e, em particular, para os seus órgãos de governo próprio.

Urge, por isso, ter a consciência de que a actuação europeia dos Açores não se esgotou no semestre da Presidência Portuguesa, existindo um conjunto de temáticas e de oportunidades para a valorização quotidiana das nossas especificidades e potencialidades no seio da União. Quer seja na área da qualificação dos recursos humanos, permitindo aos pós-licenciados a frequência de estágios nas instituições comunitárias, como foi anunciado pelo Presidente do Governo aqui nesta tribuna, quer seja na apreciação e participação no debate sobre a proposta de Estratégia Europeia para as Regiões Ultraperiféricas, que hoje tem o seu primeiro debate em Ponta Delgada, ou sessão pública, o Governo dos Açores assume uma tarefa prospectiva de aproveitar todas as ocasiões para a defesa dos interesses dos açorianos, respondendo, sempre e com convicção, presente a este desafio.

Cá está, por isso, o Governo dos Açores, mais uma vez para dizer aos açorianos: missão cumprida.

**Secretário Regional da Economia** (*Duarte Ponte*): Muito bem!

**O Orador:** Estamos orgulhosos do já alcançado, mas ambiciosos na tarefa de, também na Europa, ter Sempre Mais Açores.

Disse!

*(Aplausos das bancadas do PS e do Governo)*

**Presidente:** Cada Grupo Parlamentar tem o direito de usar da palavra por cinco minutos.

Tem a palavra o Sr. Deputado José Manuel Bolieiro.

**(\*) Deputado José Manuel Bolieiro (PSD):** Sr. Presidente da Assembleia, Sras. e Srs. Deputados, Sra. e Srs. Membros do Governo Regional:

Somos europeístas convictos. Saudamos Portugal pelo sucesso alcançado quanto ao Tratado de Lisboa.

É um Tratado que orgulha a Europa e que privilegia Portugal, desde logo pelo seu nome, o Tratado de Lisboa. Agiliza e democratiza as instituições comunitárias. Faz participar, de pleno direito, as Regiões e os Açores têm sido e têm de continuar a ser uma Região activa nesse seu processo de integração europeia.

Tem muito de bom e tem muito de aquém quanto àquilo que desejávamos que correspondesse às nossas expectativas.

Concordo e reconheço a humildade do Governo Regional ao reconhecer que, designadamente, a solução encontrada para a conservação e gestão sustentável dos recursos costeiros não é a que satisfaz a ambição dos Açores.

Por isso, sendo uma solução não satisfatória, ela deve permitir sobretudo vigilância por parte da Região e persistência na defesa dos interesses dos Açores.

Na verdade os Açores são, para a Europa, uma mais-valia, não apenas uma região ultraperiférica, não apenas uma região Objectivo 1, não apenas uma região à procura do incentivo da União Europeia para a coesão territorial, para a coesão económica e social. É uma região de mais-valia para a Europa e nós devemos sempre afirmar esse contributo que a Região Autónoma dos Açores dá, alargando as fronteiras da União Europeia a Ocidente e redimensionando, de forma significativa, o espaço marítimo e geográfico da União Europeia.

Por isso é justo que reclamemos um papel e voz principal em matéria de gestão e de recursos do mar, porque a dimensão marítima que a Europa tem hoje deve-a, em grande parte, pela sua significativa dimensão, a Portugal e à Região Autónoma dos Açores em particular.

Portanto, é justo, e aí está, o Partido Social Democrata, ao lado dos órgãos de governo próprio da Região na defesa dos interesses da Região quanto à solução ideal para assegurar de outra forma uma gestão sustentável dos recursos costeiros da União Europeia e, em particular, das nossas ilhas dos Açores.

Saudamos por isso a Europa e o papel português em matéria de agilização e de, desde logo, direcção na assinatura do Tratado de Lisboa para a União Europeia.

Estamos, aliás, tão sintonizados com este objectivo de valorizar o contributo que os Açores dão à Europa e ao país em matéria marítima e numa política europeia para o mar, que, também no processo de revisão do nosso Estatuto, nós destacamos o mar como uma grande dimensão e um grande contributo que os Açores dão ao país e à União Europeia.

Para terminar como comecei, enquanto europeísta convicto, fazemos fé que o Tratado de Lisboa sirva bem os interesses e a democratização da Europa e possa corresponder às ambições da participação da Região no seu processo de integração na União.

Muito obrigado.

**Deputado Pedro Gomes (PSD):** Muito bem!

**Presidente:** Tem a palavra o Sr. Deputado Artur Lima.

**(\* Deputado Artur Lima (CDS/PP):** Sr. Presidente da Assembleia, Sras. e Srs. Deputados, Sra. e Srs. Membros do Governo Regional:

Na rectificação do Tratado de Lisboa os portugueses ficaram, podemos dizer, de algum modo a perder. Ficaram a perder porque não lhes foi dada oportunidade de se pronunciarem, afinal, sobre aquilo que foi um momento histórico para Portugal.

No entender do CDS/PP as questões europeias não se devem temer. Deve-se falar, esclarecer, dar oportunidade ao povo para também dar a sua opinião ou, quando muito, ser esclarecido. Teria também servido para isso o referendo.

Mas nós somos a favor do Tratado reformador da construção europeia, que promove, obviamente, o desenvolvimento sócio-cultural dos países num mundo cada vez mais globalizado, num mundo cada vez mais competitivo.

Queria louvar – não posso deixar de o fazer aqui, com toda a justiça – o trabalho desenvolvido pelo Governo Regional dos Açores na defesa sempre intransigente, sem titubear, na manutenção em texto, em artigo próprio, com a dignidade própria, ao contrário do que se chegou às vezes aí a temer, do Estatuto das Regiões Ultraperiféricas. Foi uma luta do Governo, é uma vitória do Governo e por isso merece ser salientada.

Também queria referir, com pena, a questão dos recursos marinhos que, infelizmente, não conseguimos e que fica por competência exclusiva da União Europeia. Tal facto deixa-nos pena. O Governo Regional tem feito algum trabalho e tem-se empenhado nisso. Exorto o Governo a continuar empenhado na defesa intransigente dos nossos recursos marinhos, a trazer para cá a decisão sobre muita coisa e a reclamar o que tiver que reclamar.

Finalmente, dizer que o CDS/PP, sendo naturalmente a favor do Tratado, não teria medo de ter ouvido a opinião dos portugueses.

Muito obrigado.

**Presidente:** Tem a palavra o Sr. Deputado José San-Bento.

**(\*) Deputado José San-Bento (PS):** Muito obrigado, Sr. Presidente.

Sr. Presidente da Assembleia, Sras. e Srs. Deputados, Sra. e Srs. Membros do Governo Regional, Sr. Secretário da Presidência:

Gostaria de começar por felicitar o Governo e o Sr. Secretário em particular, pela forma como geriu este semestre que correspondeu à Presidência Portuguesa da União Europeia, concordar com a expressão que utilizou de terem sido ultrapassadas expectativas. Foram, realmente, amplamente ultrapassadas, nós, quando digo nós alguns deputados desta casa, ao longo deste semestre, tivemos oportunidade de acompanhar em algumas cerimónias, em alguns eventos, de muito perto o desenvolvimento dos trabalhos dessa Presidência, através da participação em diversas reuniões, em diversas iniciativas, algumas até aqui, na Sala de Plenário da Assembleia, e foi sempre possível acompanhar ao longo desse período o bom trabalho, o excelente trabalho que o Governo da República, também é justo dizer isso, mas sobretudo, naquilo que nos tocava mais particularmente, do Governo Regional.

Isso deve ser destacado, nós temos de ter consciência que, realmente, a nossa vida depende cada vez mais da Europa, mas também temos de perceber que, no processo de construção europeia, sobretudo depois da Presidência Inglesa de 2005, há um grupo de países que olha para as políticas de coesão e de desenvolvimento regional – e vou-me abster de comentar a importância dessas políticas para os Açores – como “políticas velhas” e há um outro conjunto de países que considera essas políticas como ainda centrais e importantes. Portanto, a Europa vive um pouco nesta dicotomia entre as “políticas velhas” da coesão e do desenvolvimento regional e as “políticas novas” da inovação e da investigação.

Eu acho que a Presidência Portuguesa, e com o contributo também do Governo Regional, conseguiu construir uma “terceira via”. Mesmo para quem não goste da expressão porque tem, certamente, outras conotações com o passado, a verdade é essa, nós estamos a construir uma “terceira via”, uma via que concilia, para usar a designação que usei agora nesta intervenção, as “políticas velhas” com as “políticas novas”.

Isso é muito importante para os Açores, porque os Açores têm que viver da coesão e do desenvolvimento regional, porque nós temos uma base económica e temos um processo de convergência que depende dessas políticas, mas também queremos, e estamos a integrar, a inovação, a investigação e o futuro.

Portanto, é preciso conciliar e os Açores são um exemplo claro da necessidade de se fazer esse esforço e de se densificar essa perspectiva de conciliação dessas políticas.

Os Açores não se reduzem, e isso tem de ser afirmado e reafirmado, a nove ilhas no meio do Atlântico, afastadas dos grandes países, dos grandes mercados e dos grandes fluxos. É com duzentas e quarenta e três mil almas aqui espalhadas no meio do Atlântico que os Açores têm, e representam, para a União Europeia, um enorme potencial ao nível do conhecimento e da experiência em diversas áreas e em áreas muito importantes para a construção europeia e para o futuro da Europa. Isso tem de ser destacado.

Tal como também tive oportunidade de referir numa declaração política que o Grupo Parlamentar do PS fez, em Outubro passado, a Presidência Portuguesa – e no papel que os Açores também tiveram – teve um outro aspecto que nós também devemos referir porque, no fundo, esses desenvolvimentos têm importância para todos nós.

Nós temos de compreender que a aprovação do Tratado reformador foi muito importante e mesmo no aspecto mais sensível, a gestão dos nossos recursos marinhos – e eu acho que isso também tem de ficar bem claro –, aspecto que o Sr. Deputado Artur Lima muito bem focou. Eu sou de opinião que não vem aí nenhuma desgraça, ao contrário do que tenho visto escrito e dito em muito sítio. Porque é bom que se diga que a União Europeia, por mais tecnocracia que predomine e por mais insensibilidade que algumas pessoas possam revelar, ou que alguns responsáveis possam revelar, é muito sensível a aspectos da preservação do ambiente e mesmo do impacto social que uma delapidação de recursos piscícolas pode ter numa região como os Açores.

O que nós temos de perceber é que os Açores, daqui para a frente, eventualmente, vão ter que desempenhar um papel de defesa dos seus interesses baseado eventualmente na Universidade dos Açores e na sua investigação e, assim, ter um outro potencial que, no fundo, para quem acompanhou os trabalhos, o contributo dos Açores na política marítima europeia, já está a ser feito.

**Presidente:** Sr. Deputado, agradecia que se aproximasse do fim.

**O Orador:** Já vou terminar, Sr. Presidente, isto é tão importante que nós acabamos por...

**Presidente:** Eu sei que está entusiasmado.

**O Orador:** Portanto, acho que isso também deve ficar claro.

Em segundo lugar, também, muito rapidamente, gostava só de fazer uma outra referência. Uma referência àquilo que foi, ainda no âmbito da presidência portuguesa – isto pode parecer que não tem nada a ver com os Açores, mas eu acho que é importante – quando se conseguiu, da forma que foi conseguido, uma cimeira entre a Europa e a África, e entre a Europa e o Brasil. É muito importante nós percebermos que a Europa se vira para o mundo, que deixa de olhar só para o seu umbigo e, nesse aspecto, a aprovação do Tratado reformador é muito importante e os Açores também ganham com isso. Uma Europa debruçada sobre o mundo, envolvida nos grandes problemas e nos grandes desafios que assolam a Humanidade num futuro próximo, isso também é muito importante.

Terminava reiterando as felicitações ao Governo e em particular ao Sr. Secretário da Presidência. O senhor revelou um desempenho, ao longo destes seis meses, que nós já conhecíamos mas que, de facto, só é possível para quem tem uma determinação e uma vontade alicerçada em grandes convicções. Julgo que também é justo nós o salientarmos e digo isto com muita sinceridade.

Muito obrigado.

*(Aplausos da bancada do PS)*

**Presidente:** Tem a palavra o Sr. Secretário Regional da Presidência.

**(\* Secretário Regional da Presidência (Vasco Cordeiro):** Sr. Presidente da Assembleia, Sras. e Srs. Deputados, Sra. e Srs. Membros do Governo Regional:

Queria agradecer as palavras que foram dirigidas ao Governo sobre esta matéria e gostava a este propósito de deixar registados, no fim desta declaração política e do debate que se lhe seguiu, alguns aspectos que me parecem importantes do ponto de vista do significado político.

Em primeiro lugar, da parte do Grupo Parlamentar do PSD, a não contestação à conclusão, desde sempre assumida pelo Governo, de que os resultados da Presidência Portuguesa no

que diz respeito ao Tratado de Lisboa constituem, efectivamente, um aprofundamento e um reforço da noção de ultraperiferia.

Eu acho que isso é importante porque, inicialmente, quando surgiram os comentários a propósito das conclusões do Tratado de Lisboa no que diz respeito às ultraperiferias, surgiram posições da parte do líder do PSD em que dizia que esta tinha sido uma oportunidade perdida para a Região. Ora, não foi uma oportunidade perdida, conforme ficou demonstrado na altura, e conforme tacitamente foi assumido, também, pelo Grupo Parlamentar do PSD, neste momento e na sequência da declaração política.

Em segundo lugar, gostava de reafirmar esta questão da conservação dos recursos biológicos do mar. Efectivamente, nós temos esta matéria que não é do agrado do Governo Regional. Não é uma matéria que nos consideremos que corresponda aos interesses e aos objectivos da Região Autónoma dos Açores e, desse ponto de vista, nós continuaremos, com todos os mecanismos que estão à disposição da Região, a lutar para que os nossos interesses sejam defendidos. Isto acontece com o Tratado, nos termos do Tratado, é óbvio, são regras que temos de seguir, mas há algo que não há tratado nenhum que possa mudar, que é a vontade, a ambição e, sobretudo, a determinação do Governo Regional dos Açores de lutar sempre para que aquilo que é demonstrado, na prática, como a nossa razão tenha vencimento em certas instituições comunitárias.

É fruto do trabalho que já foi feito nesta matéria que se alcançaram já algumas vitórias: a proibição da utilização de determinadas artes de pesca na zona entre as 100 e as 200 milhas, que veio na sequência do processo que foi intentado pela Região, constitui efectivamente já vitórias que foram alcançadas pelo Governo, que foram alcançadas pelos Açores, para a salvaguarda dos nossos interesses. Desse ponto de vista, é importante reafirmar aqui que nós não prescindimos, nós não abdicamos de manter esta luta permanente em defesa dos interesses dos Açores.

Em relação ao Sr. Deputado Artur Lima, agradecer-lhe as palavras que dirigiu ao Governo, mais uma vez, e também dizer-lhe que, efectivamente, há aqui um ponto em que estamos em discordância e que tem a ver com a ratificação parlamentar do Tratado.

Eu compreendo a posição do CDS/PP mas não concordo com os argumentos que o CDS/PP invoca. Nós vivemos numa democracia parlamentar, nós vivemos numa democracia representativa e é efectivamente o povo português que ratifica o Tratado de Lisboa. Não há

menor legitimidade democrática em ser o povo, através dos seus representantes, a ratificar o Tratado, do que sê-lo directamente. O referendo não é mais democrático do que a actuação dos representantes eleitos do povo. Se assim fosse, Sr. Deputado, está a ver o que é que nós não teríamos aqui. Não estaria o povo açoriano que deu o seu voto ao CDS/PP a aprovar ou a rejeitar determinadas matérias nesta assembleia, estaria sim o Sr. Deputado Artur Lima apenas. Ora, isso não é verdade. O senhor está aqui mandatado pelo povo, está aqui no exercício do mandato democrático, que é tão válido quanto se estivessem aqui todas as pessoas que votaram no CDS/PP.

Desse ponto de vista, não pode o Governo aceitar nem concordar, com os argumentos de que se perdeu a oportunidade para o povo se pronunciar e se perdeu a oportunidade para que os portugueses se pronunciassem. Não é esta a opinião do Governo Regional. É tão democrático um voto no exercício da democracia representativa como um voto no exercício da democracia directa.

Segundo aspecto: também não é imputável ao Governo que os portugueses não se pronunciem, não conheçam, não debatam o Tratado de Lisboa. Esta é uma tarefa de todos nós – esta é uma tarefa de todos nós –, basta querermos. Esclarecer o Tratado de Lisboa é uma tarefa de todos nós, basta querer. Esclarecer as temáticas europeias é uma tarefa de todos nós. São essas as razões de discordância do Governo Regional em relação àquelas que são as posições do CDS/PP.

Em relação ao Sr. Deputado José San-Bento: efectivamente esta questão do relacionamento com entidades externas da União Europeia – referiu a propósito a Cimeira da União Europeia/África – para além da importância, sobretudo, do potencial que tem sobre esta matéria da afirmação do projecto europeu, também demonstra algo. Quando o Governo Regional define os arquipélagos de Cabo Verde e de São Tomé e Príncipe como parceiros preferenciais no âmbito das suas relações externas está, efectivamente, não só a desenvolver uma actuação externa própria mas está, sobretudo, integrado numa orientação ou num sentido político global, neste caso na União Europeia.

Muito obrigado.

**Presidente:** Srs. Deputados, temos uma questão para resolver em termos de Conferência de Líderes.

Vamos suspender os nossos trabalhos por quinze minutos, para que eu possa reunir com os Srs. Presidentes dos Grupos Parlamentares e com o Sr. Secretário da Presidência.

*(Eram 11 horas e 15 minutos)*

**Presidente:** Sras. e Srs. Deputados, vamos reiniciar os nossos trabalhos.

*(Eram 11 horas e 30 minutos)*

Passamos ao período destinado a intervenções de interesse relevante.

Tem a palavra o Sr. Deputado Nuno Amaral.

**Deputado Nuno Amaral (PS):** Sr. Presidente da Assembleia, Sras. e Srs. Deputados, Sra. e Srs. Membros do Governo Regional:

Adriano Correia de Oliveira morreu há 25 anos, a 16 de Outubro de 1982. Tinha apenas 40 anos e deixava para trás um vasto espólio de melodias que testemunharam o seu amor pela vida, pela cultura portuguesa, bem como pela luta infundável pela liberdade. A cultura e a música ficam mais pobres.

Natural do Porto, onde nasceu a 9 de Abril de 1942, Adriano Maria Correia Gomes de Oliveira tinha poucos meses quando se mudou para a Quinta de Porcas, em Avintes. Criado num meio familiar tradicionalista e católico foi em Avintes que fez a instrução primária e que primeiro se interessou pelo mundo da arte: iniciou-se no teatro amador e ajudou a fundar a União Académica de Avintes. Este dinamismo e interesse de Adriano pelo teatro, pela música e pela cultura tornar-se-iam ainda mais evidentes quando o cantor, após ter concluído o curso dos liceus no Porto, entrou para a Universidade de Coimbra. Tinha então 17 anos e o objectivo de se formar em Direito, o que nunca viria a acontecer.

Em Coimbra, Adriano foi encontrar um meio universitário que começava a despertar colectivamente para a contestação pública do regime de Salazar e a ir para a rua enfrentar a repressão policial. A revolta estudantil contra o decreto 40.900, o qual atentava contra a autonomia das Universidades, que acabou numa violentíssima carga policial contra os estudantes, no Largo da Portagem, foi o baptismo de fogo para muitos caloiros da vida

coimbrã. Também nesta altura Coimbra viveu a maior manifestação de massas de que há memória, quando o general Humberto Delgado lá se deslocou em campanha presidencial.

Foi esta Coimbra universitária que acolheu Adriano. Uma universidade conservadora, parada no tempo, em que a grande maioria dos «lentes» alinhava com Salazar. Uma Academia prisioneira de praxes sem sentido. Um estatuto feudal das raparigas universitárias, que só na Queima das Fitas as libertava para bailes e cortejos. Uma incultura, quase generalizada, de sebtas e vulgaridades, onde a poesia e a literatura não moravam.

Ao lado desta realidade caduca e entorpecente havia resistentes, uma minoria de estudantes cultos e preocupados em remar contra a maré, como José Niza, Manuel Alegre, Fernando Assis Pacheco, José Carlos Vasconcelos, António Barreto, Rui Vilar, Daniel Proença de Carvalho, José Afonso e outros mais que contribuíram para que se abrissem as portas de Abril, a quem presto a minha singela homenagem de agradecimento.

Os anos 60 – sobretudo 1961— foram um terramoto de grau 5 na escala da liberdade: não deitaram abaixo o regime, mas abriram brechas nas paredes e nas consciências, ao mesmo tempo que uma lista de esquerda, liderada por Carlos Candal, ganhava a Associação Académica ao fim de muitos anos e começava também a guerra colonial em Angola.

Tudo isto e muito mais, transformou Coimbra numa espécie de «república independente», onde a luta se reforçou em diversas frentes, a maioria delas culturais, sendo que a mais eficaz, mais portátil e mais sedutora foi a da poesia em fusão com a música.

Colaborou em inúmeras serenatas, em manifestações musicais e cultivou, por gosto e com muita qualidade, a balada (um género de música que José Afonso traz para o campo artístico, de que é, porventura, o melhor intérprete). Ao mesmo tempo, embrenha-se na recolha, na selecção e gravação de canções populares, desde as ilhas a todos os cantos do continente, onde sobressaem trechos do riquíssimo folclore minhoto, beirão e açoreano.

As gravações feitas no antigo regime são um testemunho do seu profundo amor à causa da liberdade, para a qual sempre deu o seu melhor, no sentido de levar mensagens e um pouco de conforto aos companheiros exilados, presos ou que tinham de sufocar as ideias democráticas. Foi um baluarte na defesa da Liberdade e na implementação da chamada "canção de intervenção, com a tal finalidade de reconfortar e animar os companheiros da vanguarda e da retaguarda e manter bem viva a chama da Esperança e da tão ambicionada Liberdade.

Citando Manuel Alegre, a “voz do Adriano era uma voz alegre e triste. Solidária e solitária, havia nela ternura e mágoa, esperança e desesperança, amparo e desamparo, festa e luta e também saudade e fraternidade. Nenhuma outra voz portuguesa, com excepção da de Amália Rodrigues e José Afonso, está tão carregada desse não sei quê antigo que trazemos no sangue, como o apelo do mar e o amor da terra, como toada e o som do nosso próprio ser, do seu ritmo secreto, da sua música primordial. Voz de Fado e de destino, herança talvez do mouro e do celta que nos habitam, a voz de Adriano tinha também o masculino apelo do rebate e do combate. Era uma voz que precisava de poesia e de que a poesia precisava”.

Há vozes que se tornam símbolos de libertação porque souberam identificar-se historicamente com as melhores aspirações de um povo. As do Zeca e do Adriano pertencem a essa categoria restrita definidora de uma pátria. Muitos silêncios e de vária ordem, tentaram matar muitas vezes o Adriano, como se a sua obra não resistisse ao tempo. Esqueceram-no, ignoraram-no, arrumaram-no no sótão das inutilidades e, mais grave que no período salazarista, agora não devido à censura, mas por obra e graça de uma ingratidão manifestada num Alzheimer colectivo, mas ele venceu a mediocridade e a estupidez. 25 anos depois da sua morte aí está ele de novo, pela sua voz e pela voz das novas gerações que descobriram nele inspiração futura.

Como democrata e defensor de ABRIL, não ficaria bem comigo próprio, se não prestasse esta singela homenagem ao Adriano, nesta Assembleia, símbolo maior da Democracia e da Autonomia.

Fico a ouvi-lo na diversidade do seu canto. Subitamente, pareceu-me que o fio do tempo se diluía e que Adriano batia à porta, com a sua viola debaixo do braço, com as suas cantigas e as suas trovas, e se juntava a nós para lembrar, como um aviso, “ há sempre alguém que resiste / há sempre alguém que diz não”.

Disse.

**Secretário Regional da Economia** (*Duarte Ponte*): Muito bem!

*(Aplausos das bancadas do PS e do Governo)*

**Presidente:** Estão abertas as inscrições.

Tem a palavra a Sra. Deputada Fernanda Mendes.

**(\*) Deputada Fernanda Mendes (PS):** Sr. Presidente da Assembleia, Sras. e Srs. Deputados, Sra. e Srs. Membros do Governo Regional:

Não posso deixar de me associar à intervenção efectuada pelo meu colega de bancada, Nuno Amaral, porque assinalar os vinte e cinco anos da morte de Adriano Correia de Oliveira é lembrar uma figura de relevo na luta anti-fascista em Portugal e é trazer à luz uma figura importante da música portuguesa. Ao lado de José Afonso, é um dos mais importantes intérpretes e cantores de intervenção. Se “Grândola Vila Morena” é a canção que nos leva à madrugada do 25 de Abril de 1974, através da voz do Zeca Afonso, a “Trova do Vento que Passa” imortaliza a voz de Adriano Correia de Oliveira.

Quem não conhece “Há sempre alguém que resiste, há sempre alguém que diz não”? Foi um hino do movimento estudantil em Coimbra em 1962 e continuou a sê-lo em 1969.

Adriano era um homem simples, um homem de convicções, um homem de esquerda. Lutou sempre pelo despertar das pessoas e contra o adormecimento político do país.

Recordar Adriano Correia de Oliveira, mais do que o cantor, é recordar um homem íntegro, um homem de voz triste e cristalina que, através dela e da música, lutou pela liberdade, pela paz e pela democracia.

**Presidente:** Para uma intervenção, tem a palavra o Sr. Deputado Sérgio Ferreira.

**Deputado Sérgio Ferreira (PSD):** Sr. Presidente da Assembleia, Sras. e Srs. Deputados, Sra. e Srs. Membros do Governo Regional:

No final deste mês faz dois anos que a ANA-SA publicou o “NOTAM” que anunciava que o Aeroporto de Santa Maria passava a estar encerrado no período nocturno.

Nessa altura, muito se falou, fizeram-se as mais variadas profissões de fé sobre a importância desta infra-estrutura e, passado cerca de um mês, o Sr. Presidente do Governo anunciou, triunfalmente, que o Aeroporto já não encerraria das 21H30m às 00H00m.

O GACS, gabinete de informação do governo, noticiava, que só graças ao empenho pessoal do presidente é que tinha sido possível evitar a entrada em vigor desta medida e, acrescentava, que a questão do funcionamento do Aeroporto de Santa Maria, bem como a questão das infra-estruturas administradas pela ANA, seriam discutidas no âmbito de uma Comissão constituída pela Secretaria de Estado dos Transportes, o Governo Regional e a ANA-EP.

Passaram dois anos, o aeroporto, pelos vistos e, a avaliar pelo discurso do Sr. Presidente, afinal, já não é tão importante quanto isso, sendo que, realmente, aquilo que se conseguiu foi o adiar da entrada em vigor do NOTAM e, quanto às infra-estruturas, nunca mais se ouviu falar.

Mas será que o aeroporto perdeu tanta importância para Santa Maria, como o Sr. Presidente quer fazer querer?

Será que não pode ser uma mais valia na fixação de pessoas e na criação de postos de trabalho na ilha?

Analisemos os números dos últimos cinco anos:

Em 2003 o aeroporto recebeu cerca de 1.000 voos, dos quais 549 foram escalas técnicas, e vendeu cerca de 7,5 milhões de litros de combustível;

Em 2007, recebeu 1871 voos, dos quais 1074 foram escalas técnicas, e vendeu 15,7 milhões de litros de combustível.

Este aumento, que se vem verificando de forma constante e que, portanto, não resulta de qualquer fenómeno conjuntural, tem as suas razões, razões essas que devem ser devidamente estudadas.

É preciso ter em consideração que esses aumentos acontecem num cenário em que o aeroporto não é alvo de qualquer promoção a nível internacional e está sujeito a reaberturas entre a meia-noite e a seis da manhã, sendo o custo de cada reabertura cerca de 750 euros.

Mesmo assim, houve durante o ano de 2007 333 pedidos de reabertura, tendo sido efectivamente concretizados 182.

Perante estes números, a pergunta que não pode deixar de ser feita é a seguinte:

Se as escalas técnicas nesse aeroporto fossem devidamente promovidas e se o aeroporto não estivesse sujeito a reaberturas, será que este não poderia ser um negócio interessante para a ilha?

Seja como for, existe uma coisa que é preciso ter sempre em mente:

- O aeroporto é responsável, directa ou indirectamente, por muitas dezenas de postos de trabalho e, numa ilha onde, praticamente, não existe oferta de emprego, qualquer coisa que afecte negativamente este aeroporto poderá ter consequências gravíssimas no futuro da ilha, principalmente no que concerne à fixação da população.

Quanto à questão das infra-estruturas, volto a repetir o que já aqui disse:

Quase 10% da área total da ilha está sob administração de uma empresa cuja vocação não é, certamente, a gestão de áreas urbanas, resultando daqui que:

- A principal porta de entrada em Santa Maria, em termos de impacto visual, é uma vergonha;
- A rede de estradas está num estado miserável, se bem que nalguns casos a responsabilidade não possa ser imputada à empresa;
- Os esgotos correm, em muitos lugares, a céu aberto;
- A rede de distribuição de água está obsoleta e tenho as minhas dúvidas que ofereça todas as condições de higiene e salubridade.

Enfim, urge resolver este problema!

Urge que os anúncios de vitória apregoados há dois anos tenham as devidas consequências.

**Deputado Pedro Gomes (PSD):** Muito bem!

**O Orador:** Ou seja, está na altura dos trabalhos da anunciada comissão terem algum resultado.

Sr. Presidente, Sras. e Srs. Deputados, Sra. e Srs. Membros do Governo:

Passemos do ar para o mar.

Já aqui disse que este Governo apresenta algumas dificuldades quando executa obras marítimas, pelo menos em Santa Maria, assim tem sido.

Foi assim com o Portinho de S. Lourenço, quase 700 mil euros “deitados ao mar”;

O Porto dos Anjos, apesar de ter melhorado a operacionalidade, mesmo assim, ficou aquém das expectativas dos pescadores;

O Cais Ferrie, como se sabe, está inoperacional, prejudica em termos de agitação todo o saco do Porto Comercial de Vila do Porto, e a pergunta que nos surge ao olhar para aquilo é – como é que foi possível gastar tantos milhões sem ter a noção que nada daquilo ia dar certo?

No Portinho da Maia, finalmente, resolveram iniciar lá umas pequenas obras, que não resolvem nada e que, principalmente, não agradam a alguns utilizadores.

Mas nem tudo está mal.

Felizmente, está chegando o dia da inauguração do Porto de Recreio de Vila do Porto, obra importante para a ilha, bem dimensionada, construída sem grandes atrasos ou percalços, enfim, parece-nos, francamente, uma excelente infra-estrutura.

No entanto, é de lamentar o facto de o Governo, quando projectou esta obra, se ter esquecido que esta área também era utilizada pela pesca profissional.

Agora, e depois de alguns avanços e recuos, principalmente por parte do Sr. Sub-Secretário Regional das Pescas que, inclusivamente, chegou a propor a hipótese de utilizar parte do Porto de Recreio para porto pescas, situação que teria como resultado um mau porto de pescas e um péssimo porto de recreio, finalmente chegou-se a uma solução.

Não conhecendo bem a solução, mas tendo em consideração aquilo que já ouvi, tanto da parte dos pescadores, como da parte dos potenciais utilizadores do Porto de Recreio, chamava a vossa atenção para o facto de a obra a promover não poder, de forma alguma, condicionar, quer seja a operação dos barcos da pesca profissional, quer seja a operação das embarcações de recreio.

Sr. Presidente, Sras. e Srs. Deputados, Sra. e Srs. Membros do Governo:

Dia 18 do corrente mês, inaugurou-se em Santa Maria a Estação de Rastreo de Satélites da Agência Espacial Europeia.

Tratou-se duma inauguração onde não faltou ninguém, já em ritmo de pré-campanha e com uma cobertura mediática que raras vezes foi vista nessa ilha de Gonçalo Velho.

Qual não foi o meu espanto quando verifiquei que a RTP-AÇORES, que nunca tem dinheiro para deslocar equipas de reportagem, que tem critérios editoriais extremamente “exigentes” e “selectivos”, estava presente com uma equipa alargada de técnicos e jornalistas, viaturas, enfim, com tudo aquilo que normalmente diz não poder deslocar, aquando dos eventos que por Santa Maria acontecem.

Espero que isto não tenha sido um acto isolado e que, por exemplo, quando for o festival Maré de Agosto, se possa ter a cobertura, por parte da televisão, que este certamente merece.

**Vozes da bancada do PSD:** Muito bem!

**O Orador:** Mediatismos à parte, saúda-se, como não poderia deixar de ser, a concretização desta obra, marco histórico por aquilo que representa, para a Ilha, para os Açores e, sem dúvida, para Portugal.

No seu discurso, aquando da inauguração, disse o Sr. Presidente do Governo, e passo a citar, “ A inauguração desta Estação de Rastreo de Satélites é um acontecimento com um relevante significado nos processos de modernização e de qualificação dos Açores, que se

consubstancia na atracção, aprovação e instalação de projectos estruturantes e inovadores que garantam novas oportunidades e novas referenciações de desenvolvimento da nossa Região. É esse, de resto, um caminho que as nossas ilhas devem percorrer, a par da consolidação e dos proveitos das nossas actividades económicas tradicionais, atraindo empresas e empregos qualificados e qualificantes”, fim de citação.

**Deputado Clélio Meneses (PSD):** Muito bem!

**O Orador:** Estamos completamente de acordo com o Sr. Presidente, agora, torna-se necessário é que o governo entenda que a Estação é em Santa Maria, é Santa Maria que necessita urgentemente de investimento e da consequente criação de postos de trabalho e que, portanto, deverá ser incentivada a fixação de empresas na ilha, não querendo dizer com isto, como é óbvio, que não se desenvolvam projectos noutras ilhas.

O que não queremos é que por falta de incentivo ou devido a estratégias que não tenham em conta princípios como a coesão, Santa Maria fique com umas antenas e com as mesmas dificuldades e que o desenvolvimento se concentre noutro lado qualquer.

Disse.

**Vozes da bancada do PSD:** Muito bem! Muito bem!

*(Aplausos da bancada do PSD)*

**Presidente:** Estão abertas as inscrições. Neste momento, estão inscritos o Sr. Secretário Regional da Economia, o Sr. Subsecretário Regional das Pescas, o Sr. Secretário Regional da Habitação e Equipamentos e o Sr. Deputado Alberto Costa.

Tem a palavra, para esclarecimentos, o Sr. Secretário Regional da Economia, tem três minutos.

**(\*) Secretário Regional da Economia (Duarte Ponte):** Sr. Presidente da Assembleia, Sras. e Srs. Deputados, Sra. e Srs. Membros do Governo Regional:

A história do Partido Socialista, a história deste Governo, da responsabilidade do Partido Socialista, em relação a Santa Maria, é clara, na defesa dos interesses desta ilha.

Eu só gostaria de lembrar três situações:

Projecto NAV II: era praticamente abandonado. Foi este Governo, foi com o entendimento entre este Governo e o Governo da República, que foi possível colocar o NAV II em Santa Maria.

**Deputado Sérgio Ferreira (PSD):** Foi com o outro!

**O Orador:** É uma honra, é um orgulho, termos feito isso por Santa Maria e Santa Maria merece.

Este Governo lutou, e devo dizer que a oposição foi muito grande, para que o aeroporto de Santa Maria se mantivesse aberto. Foi clara a vitória deste Governo. Até agora, o Governo Regional pagou o que foi preciso à ANA para o manter aberto. O aeroporto mantém-se a funcionar tal como estava. Vitória deste Governo.

Também vão ser uma vitória deste Governo as negociações – que agora se vão acelerar, porque o processo da OTA e de Alcochete já está resolvido – do processo de privatização da ANA. Mas é agora que terá de ser resolvido, porque é muito recente.

Portanto, nós temos uma história clara em relação a Santa Maria, estamos a actuar bem em Santa Maria.

Cometemos erros, como toda a gente comete, mas a realidade é esta: o núcleo de recreio náutico é uma excelente infra-estrutura em Santa Maria; o que se vai fazer nas pescas, de que o meu colega vai falar, também vai ser uma excelente infra-estrutura; aquilo que se fez em relação ao cais de passageiros vai ser corrigido, está a ser experimentado em modelo reduzido e em Julho vai ser lançado o concurso; vai ser corrigido e tudo o que se fez vai ser aproveitado, apenas uma pequena inflexão e o porto fica normal, sem qualquer problema. Portanto, estamos a fazer bem feito.

Para não falar do investimento privado que está a acontecer em Santa Maria em termos de hotelaria; para não falar do crescimento turístico de Santa Maria, este ano foi o maior de todos os anos e de todos os Açores; para não falar do campo de golf de Santa Maria, cujo projecto já está a ser elaborado.

Nós estamos a investir em Santa Maria, porque Santa Maria tem futuro e tem futuro com este Governo da responsabilidade do Partido Socialista.

**Deputado Nuno Amaral (PS):** Muito bem!

*(Aplausos das bancadas do PS e do Governo)*

**Presidente:** Tem a palavra o Sr. Subsecretário Regional das Pescas.

**(\*) Subsecretário Regional das Pescas (Marcelo Pamplona):** Sr. Presidente da Assembleia, Sras. e Srs. Deputados, Sra. e Srs. Membros do Governo Regional:

Relativamente aos investimentos no sector das pescas na ilha de Santa Maria, nunca se investiu tanto e nunca se criaram tantas condições para os pescadores poderem exercer a sua actividade, quer através da construção de casas de aprestos, quer através das obras de melhoramento da operacionalidade dos portos, quer através até da própria renovação e modernização da frota de pesca.

Em concreto, em Santa Maria, o Porto dos Anjos foi uma obra da anterior legislatura, o Porto da Maia é uma obra que está em fase de acabamentos e que serve perfeitamente a comunidade piscatória local, bem como a comunidade que utiliza as embarcações de recreio, o que não é, é um porto de abrigo, obviamente, é um porto para utilização das embarcações de boca aberta, as embarcações pequenas e que, dotado de uma grua que vai ser contemplada neste investimento, ficará com óptimas condições de operacionalidade.

Quanto à construção da zona de pescas de Vila do Porto, o Sr. Deputado está um pouco desatento, porque foi lançada a concurso público no dia 12 de Janeiro, a abertura das propostas é no dia 12 de Fevereiro e obviamente que a obra começará ainda dentro do primeiro semestre do corrente ano. É uma obra que tem um valor base de 850.000 euros e que vai criar excelentes condições para o sector das pescas na ilha de Santa Maria.

Muito obrigado.

**Presidente:** Tem a palavra o Sr. Secretário Regional da Habitação e Equipamentos.

**(\*) Secretário Regional da Habitação e Equipamentos (José Contente):** Sr. Presidente da Assembleia, Sras. e Srs. Deputados, Sra. e Srs. Membros do Governo Regional:

Era também só para, em nome do Governo, voltar a realçar as palavras do Sr. Presidente, no sentido de reforçar quão estruturantes são os projectos que vão aparecer à volta do projecto da ESA.

Como se sabe, a estação da ESA estava inicialmente prevista ser uma estação móvel e foi conseguido que ela se mantivesse agora sempre lá em permanência. Isso significa também que os técnicos da Segma, que já tiveram formação nos centros mais avançados da Agência

Espacial Europeia, têm um forte contributo naquela estação. É como nós sempre dissemos, a estação é um embrião de futuros e de possíveis novos projectos.

Aliás, foi anunciado também, no seguimento das possibilidades técnicas daquela estação, o Centro Nacional de Vigilância Marítima do Atlântico Norte, que será sediado com um projecto da EDISOFT, em Santa Maria. Isto é verdadeiramente um ganho, não só para os Açores e Santa Maria mas também para o país, nomeadamente para a vigilância da nossa Zona Económica Exclusiva, uma vez que a estação será dotada de equipamentos mais sofisticados ligados à actual Banda S, desta feita também com a Banda X, que permite, por exemplo, detectar embarcações mesmo quando há nevoeiro no Atlântico, entre outras possibilidades, mas é só para ilustrar um pouco as potencialidades deste novo projecto. Este é verdadeiramente um projecto estruturante, também para Santa Maria.

Como eu tive já oportunidade de dizer uma vez, há um ano visitei a estação de Vila Franca, perto de Madrid, que se iniciou com uma estação daquele tamanho e o Director dizia-me que essa estação tinha sido fundamental para aquilo que eu estava vendo naquele momento, que era um grande aglomerado de edifícios com funções na área da tecnologia espacial, onde já se empregavam mais de 150 pessoas, mas que há vinte anos tinha começado com uma estação igual a Santa Maria. É esse o caminho que eu acho que nós podemos pensar, porque ele é realista, é essa a intenção daqueles que já se querem instalar ao lado da ESA, como a EDISOFT, com esse projecto de vigilância nacional do Atlântico Norte.

Mas nós sabemos também que tudo isto gera movimento para Santa Maria, há-de gerar encontros científicos naquela área, há-de gerar vindas de técnicos para Santa Maria, há-de crescer no sentido de um conjunto de situações que gravitam à volta do emprego qualificado, mas também à volta de outras situações, da limpeza e da manutenção da estação, que são coisas que não são os técnicos que fazem e que serão vantagens para a ilha de Santa Maria.

Por isso o Governo tem fundadas esperanças nesta nova âncora de desenvolvimento que está a fundar em Santa Maria e pensamos que esta é mesmo a área nobre do futuro dos Açores, que deve ser e foi agarrada, que nós não estamos a deixar e que já tem projectos concretos a ser desenvolvidos. É preciso notar que a própria EDISOFT tem já um negócio de 63 milhões de euros com os Estados Unidos para quando instalar o seu projecto ao lado da ESA.

Portanto, estamos a falar de emprego qualificado e receitas para a Região. É esse o entendimento do Governo dos Açores.

**Presidente:** Tem a palavra o Sr. Deputado Alberto Costa.

**(\* Deputado Alberto Costa (PS):** Sr. Presidente da Assembleia, Sras. e Srs. Deputados, Sra. e Srs. Membros do Governo Regional:

Tudo mais ou menos já foi dito em relação às questões que o Sr. Deputado Sérgio Ferreira pôs, mas mais algumas referências, só para complementar.

Relativamente ao “NOTAM” de há dois anos, foi devido à acção do Governo que se conseguiu que o aeroporto não fechasse e esse “NOTAM”, que era questionado de meses a meses até já deixou de o ser. O que quer dizer que essa vitória foi tão grande que até já nem sequer se fala, de três em três meses, naquele sufoco, se vai ser renovado ou não. O Sr. Deputado sabe que de três em três meses andávamos nós, aflitos de coração na mão, a ver se a renovação era feita e isso já entrou em rotina.

Evidentemente, o que se passou aqui foi aquilo que o Sr. Secretário disse já, a privatização da empresa ANA. Neste processo teve influência aquele problema entre a Ota e o Alcochete. Só agora, muito recentemente, é que houve uma indicação para Alcochete, que vai ser sujeito a um estudo de impacto ambiental. Por seu lado, este estudo ainda implica mais seis a doze meses de espera. A decisão final se é Alcochete ainda se pode alterar, mas penso que o estudo de impacto ambiental não irá trazer uma alteração grande, levará à privatização da empresa e, aí sim, entra a Região com o tal grupo de trabalho, sendo então que se pode dizer alguma coisa. Até lá, a Região não pode dizer nada, e não pode dizer nada em relação às escalas técnicas que, como o senhor diz e muito bem, são um negócio. Se, com os preços e as taxas que se praticam, ainda temos esses voos todos, se tivéssemos outros preços e outras taxas de certeza que era muito melhor para a ilha e para os Açores.

É importante que a Região assumia de uma vez por todas que tem três aeroportos grandes e devia vocacioná-los, nomeadamente: São Miguel para passageiros, a Terceira para a base aérea e Santa Maria para as escalas técnicas, como um aeroporto que tem todo o tempo livre e não tem restrições como outros aeroportos têm.

Em relação às obras de mar, as obras foram feitas, como o Sr. Deputado Sérgio sabe, conversando com os interessados. O Sr. Subsecretário foi a Santa Maria diversas vezes.

Agora, há vários grupos, o senhor ouve um grupo, eu oiço outro, depois cada um tem a sua opinião, mas a verdade é esta: as obras estão sendo feitas com o consenso das maiorias.

Em relação à ESA, o Sr. Secretário já deu algumas das explicações do futuro próximo, a verdade é que a empresa Azores Space vai nascer em São Miguel por uma proximidade com a Universidade dos Açores, mas é também um desejo nosso que esses *interfaces* se possam fazer em Santa Maria. Evidentemente que, quanto mais for a presença física de empresas em Santa Maria, mais será possível fixar os nossos jovens e arranjar postos de trabalho lá.

**Presidente:** Tem a palavra o Sr. Deputado Sérgio Ferreira.

**(\*) Deputado Sérgio Ferreira (PSD):** Sr. Presidente da Assembleia, Sras. e Srs. Deputados, Sra. e Srs. Membros do Governo Regional:

Sr. Deputado Alberto Costa, o «NOTAM» desta vez não foi prorrogado três meses, foi prorrogado quatro, portanto, quando chegarmos a Fevereiro estamos com o mesmo problema, é preciso fazer outra vez a prorrogação do «NOTAM», porque ele acaba em Março. Pelo menos, até agora, Sr. Secretário.

**Secretário Regional da Economia (Duarte Ponte):** O aeroporto ainda não fechou.

**O Orador:** Não vejo qual é o vosso incómodo, porque eu limitei-me a constatar um facto. O facto é que, desde o anúncio do Sr. Presidente do Governo, que foi feito em vinte e tal de Fevereiro do ano passado, até agora, a única coisa que se conseguiu foi prorrogar sucessivamente o prazo do «NOTAM» e, quanto às infra-estruturas, nada.

Arranjar agora, como desculpa, que não se resolve a questão das infra-estruturas por causa de Alcochete ou da Ota, francamente. Em Junho deste ano, o aeroporto era para fazer na Ota e nem sequer se punha a questão de Alcochete. Portanto, agora não me digam que Alcochete também tem a ver com Santa Maria, ou a Ota.

A privatização da ANA não pode servir de desculpa e digo-lhe porquê. Porque a privatização da ANA, numa primeira fase, serviu de desculpa ao contrário, ou seja, o Governo dizia: vamos ver se resolvemos a questão dos terrenos antes de a ANA ser privatizada. Como não conseguiu, agora diz: agora temos de esperar que a ANA seja privatizada, ou entre em fase de privatização, para resolvermos a questão dos terrenos. Em que é que nós ficamos?

**Vozes da bancada do PSD:** Muito bem! Muito bem!

**O Orador:** Portanto, é preciso ter cuidado quando se fazem certas afirmações. Sr. Secretário.

Quanto à questão dos investimentos em Santa Maria e à questão do turismo, o senhor não gosta mais do que eu, de certeza, que o turismo cresça muito em Santa Maria e que se façam lá muitos investimentos. Mas tome cuidado com esses números, Sr. Secretário, porque a questão de 2007 é uma questão conjuntural.

**Secretário Regional da Economia (Duarte Ponte):** Porquê?

**O Orador:** Porquê? Porque tem a ver com o turismo sénior. O senhor vá retirar os números do turismo sénior e vai ver se os números de 2007 não são mais ou menos os mesmos que em 2006. Faça essas contas. O senhor nunca veio para aqui falar dos números de 2006, andou sempre caladinho. Agora em 2007 os números cresceram e o senhor já vem para aqui falar nisso como sendo é uma grande vitória. Eu tenho muito gosto, quero que os números cresçam e que a hotelaria em Santa Maria tenha o máximo sucesso, mas acho que também devemos ser sérios no tratamento destas questões e não devemos criar falsas expectativas.

Só uma questão relativamente aos portos. Eu não disse que o porto de pescas de Vila do Porto ia deixar de ser feito. A única coisa que eu fiz foi um alerta, um alerta que não tem nada a ver nem com posições de um lado, nem com posições do outro. Tem a ver com o meu conhecimento pessoal daquela zona, porque ando muito por ali. É preciso ter cuidado, para que a obra a promover ali não venha – é só um cuidado, um alerta, mais nada – a condicionar nem o recreio, nem as pescas. É tão só um alerta.

De resto acho óptimo que façam o porto de pescas, aliás, óptimo não, tem de se fazer, é bom para os pescadores, e estará parabéns o Governo, se a obra for boa como é, por exemplo, o porto de recreio. Quando o Governo está de parabéns eu também digo que está de parabéns. Era só isso. Obrigado.

*(Aplausos da bancada do PSD)*

**Presidente:** Tem a palavra o Sr. Secretário Regional da Economia.

**(\* Secretário Regional da Economia (Duarte Ponte):** Eu posso dizer isso várias vezes, Sr. Deputado, mas o senhor não acredita. Eu vou dizer-lhe uma coisa: os números são o que são. Não vale a pena estarmos a enganar-nos.

Dormidas, totais do ano inteiro: 2004, 17 mil; 2005, 18 mil; 2006, 21 mil; e 2007, até Novembro, já estamos com 23 mil, novecentos e tal. Portanto, estamos a crescer todos os anos.

Quando se construíram as duas novas unidades hoteleiras começámos a crescer, francamente, em Santa Maria. Cresceu, com certeza, também com o turismo sénior, mas também com outras ligações que foram feitas entre São Miguel e Santa Maria. Até foram feitas o ano passado e anunciei isso na BTL.

Em relação à privatização da ANA, é evidente que terá um desfecho. Não sei se será daqui a um mês, se daqui a três ou quatro meses, se daqui a um ano. Mas na realidade, quando se decidir este dossier, vai-se decidir também se o património da ANA existente na Região é da Região ou não e se passa ou não passa para a Região. Essa é uma hipótese que está em cima da mesa.

Eu não posso apressar este dossier que está, também a nível nacional, a ser discutido, por um interesse muito concreto: porque isto está tudo envolvido no seu bolo, na privatização. É tão claro como isso. Nós tivemos essa reunião, estivemos nesta comissão, com várias reuniões, houve uma determinada altura em que parou, devido à situação que se gerou a nível nacional, agora vão ser retomadas novamente as conversações e há-de chegar-se a um consenso.

A realidade é que o Governo Regional sempre defendeu os interesses de Santa Maria. Santa Maria tem hoje algumas infra-estruturas importantes, porque este Governo defendeu muito bem Santa Maria e soube defender Santa Maria.

É o caso da ESA. É o caso da NAV II. É a manutenção da abertura do aeroporto, que é fundamental, para Santa Maria e nós reconhecemos que é fundamental. Assim fizemos um grande esforço para que isso acontecesse, até nos oferecemos para pagar, se fosse preciso, mas não pagámos, porque a ANA sempre disse que não era preciso. Não pagámos nada, Sr. Deputado, foi a demonstração da nossa razão, conseguimos isso.

São as infra-estruturas que estamos a fazer no terreno, é o núcleo de recreio náutico, é a melhoria do porto de passageiros, vai ser mais tarde o campo de golfe, de apoio concreto aos empresários de Santa Maria. Nós não falamos, nós actuamos, nós fazemos obra.

**Presidente:** Não havendo mais inscrições, passamos a outra intervenção. Tem a palavra a Sra. Deputada Piedade Lalanda.

**Deputada Piedade Lalanda (PS):** Sr. Presidente da Assembleia, Sras. e Srs. Deputados, Sra. e Srs. Membros do Governo Regional:

No passado dia 9 de Janeiro do corrente ano, foi publicamente apresentado o Proemprego, programa operacional do Fundo Social Europeu para a Região Autónoma dos Açores, que representa um investimento de cerca de 190 milhões de euros, inserido no âmbito dos fundos disponíveis no Quadro de Referência Estratégica (conhecido por QRESA) que irá vigorar até 2013, de um total de 1,5 milhões de euros.

Ainda neste plenário, a oposição falou de ciclos, que a vida é feita de renovação. Esqueceu-se foi que a mudança não se faz apenas porque se mudam apenas os protagonistas, mas porque se é capaz de avaliar o percurso realizado, as linhas de força e as fragilidades manifestas e, a partir desse diagnóstico, se prospectivam as estratégias mais adequadas para a concretização dos objectivos a que se propõe.

A mudança não se faz pela diferença, como afirmou o líder da bancada do PSD, mas antes pela capacidade de reflexão e avaliação de resultados, pela construção de novos objectivos, e a redefinição de estratégias adequadas à sua concretização.

O período que decorre entre 2007 e 2013 será um novo ciclo no desenvolvimento dos Açores, não só porque está em curso um novo quadro de apoios financeiros, mas porque, como refere o próprio instrumento, estamos perante um Quadro de Referência Estratégica.

Importa referir que as verbas disponibilizadas ao nível deste IV Quadro Comunitário apenas foram aprovadas favoravelmente para os Açores, porque a Região soube definir os objectivos que pretende atingir e foi-lhe reconhecido o devido mérito pela forma positiva como, entre 2000 e 2006, soube investir os fundos disponibilizados, particularmente ao nível do Fundo Social Europeu.

Em matéria de desenvolvimento social, não são as eleições que definem os ciclos, é a concretização de metas que o determina. Entre 2000 e 2006, a Região Açores soube orientar o investimento, nomeadamente, para a melhoria das condições de vida das populações, a criação de infra-estruturas necessárias à formação inicial dos jovens e a estabilização de um novo sector económico estratégico, o Turismo, uma aposta ganha, com potencialidades para crescer e consolidar-se como fonte de riqueza.

2007-2013 irá definir uma nova etapa ou, se quisermos, um novo ciclo e o Proemprego é um instrumento estratégico para a concretização da política de emprego nesse período. Se hoje a

sociedade civil, as organizações empresariais, as escolas profissionais e, de um modo geral, o tecido económico e a administração pública reconhecem o caminho já realizado em matéria de educação e formação, em muito se deve a uma profunda reflexão e planeamento das acções e intervenções de promoção e enquadramento do investimento nos recursos humanos. Reflexão que se iniciou em 2003, com um estudo prospectivo, onde participaram diferentes individualidades da sociedade civil, das universidades, das empresas e da administração regional.

Para se poder planear é necessário conhecer, e nesse sentido o Proemprego parte de um quadro de “oportunidades” e “ameaças” e identifica “pontos fortes” e “pontos fracos”, como aspectos estruturantes do desenvolvimento da Região.

**Deputada Ana Moniz (PS):** Muito bem!

**A Oradora:** Em jeito de síntese, o Proemprego define como principal estratégia o investimento na qualificação dos recursos humanos e considera, como orientações a privilegiar, o alargamento da oferta formativa, a generalização da inovação tecnológica e o apoio ao empreendedorismo, em particular dos jovens.

Apesar dos indicadores favoráveis, nomeadamente a baixa taxa de desemprego, o aumento da taxa de actividade feminina, o crescimento exponencial da oferta em formação profissional inicial e a cobertura integral dos jovens com menos de 15 anos ao nível da escolaridade obrigatória, o Programa reconhece que os resultados obtidos não são suficientes.

O futuro exige mais.

Mas ninguém pode pensar em mais para os Açores se não tiver alicerces fortes, se não tiver feito o percurso inicial necessário. Pensar a melhoria das condições de trabalho no futuro implica considerar o presente de forma consolidada, se não o desejo não é mais do que um mero sonho irrealista.

Sr. Presidente, Sras. e Srs. Deputados, Sra. e Srs. membros do Governo

Uma análise crítica às características sociais dos recursos humanos da Região permite identificar, por um lado, as suas fragilidades e, por outro, fazer emergir as linhas de força a partir das quais se pode evoluir.

No que diz respeito aos aspectos a debelar, refira-se:

O facto de subsistir uma baixa escolaridade dos activos (70% dos trabalhadores não tem mais do que o 9º ano e apenas 5% possui o grau de licenciatura), apesar, é certo, de uma evolução registada nos últimos anos.

Em termos da escolarização, e ultrapassada a fasquia do 3.º ciclo, um terço da população estudantil prolonga os seus estudos ao nível do ensino superior e, dos restantes, metade escolhe o ensino profissional. Há por isso um potencial de cerca de um terço dos alunos que se limita à escolaridade obrigatória e que importa qualificar.

No que concerne à taxa de actividade feminina, e apesar da rápida evolução registada nos últimos anos, passando de 28,7% em 2000 para 34,9% em 2006, o certo é que ainda estamos longe das médias nacionais e europeias que rondam os 60%.

A fraca mobilidade profissional e a tendência dos activos em querer permanecer no mesmo posto de trabalho a vida inteira, ou seja cerca de 35 anos, sem investir na sua qualificação, é outro ponto frágil da nossa realidade humana. Não sendo um aspecto específico da Região, esta característica agrava-se com a descontinuidade do território insular e surge associada à sobrevalorização da categoria dos trabalhadores por conta de outrem, em detrimento dos trabalhadores por conta própria, sinal do ainda incipiente espírito empreendedor e da fraca iniciativa na criação do próprio emprego.

Finalmente um último aspecto prende-se com a terciarização progressiva da economia açoriana, sector onde se situava 61,7% dos activos em 2006. A esta progressiva criação de empregos no sector terciário, apenas se registou um ligeiro reforço sector secundário (passando de 25,4% em 2005 para 25,9% em 2006), mantendo-se a tendência de decréscimo do sector primário (que passa de 16,4% em 2000 para 12,4% em 2006).

Tendo em conta estes aspectos, que podemos classificar de “fragilidades”, mas que na realidade representam pontos de referência num planeamento que se quer eficaz e adequado às necessidades, o Proemprego potencia os pontos fortes que a Região também manifesta.

Refira-se por exemplo:

A manutenção de uma baixa taxa de desemprego (3,9% no 3.º trimestre de 2007), contrária à tendência nacional e até internacional (7,9% em Portugal, total do país, 6,8% na Região Autónoma da Madeira em 2007 e 7,8% na zona Euro em 2006);

A percentagem significativa da população em idade activa: em 2006 registava-se 68,3% da população com entre 15 e 64 anos, contribuindo para uma sustentabilidade social em termos da relação dos activos com os idosos.

Outro aspecto forte da nossa realidade humana e social é a crescente entrada de estudantes no ensino profissional, que abrangia quase 6000 jovens no ano de 2004/05, contra os 400 que a Região registava em 1996.

Outro aspecto, finalmente, é a escolarização total da população em idade da escolaridade obrigatória, integrada em equipamentos escolares progressivamente renovados, que podem contribuir para uma melhor qualidade do ensino aí ministrado.

Sr. Presidente, Sras. e Srs. Deputados, Sra. e Srs. membros do Governo

Estruturado segundo três grandes objectivos, a concretização do Proemprego irá permitir:

- 1.º) Modernizar o tecido produtivo e fomentar o emprego qualificado.
- 2.º) Adequar a resposta científica e tecnológica ao tecido empresarial.
- 3.º) Fomentar a empregabilidade de públicos vulneráveis.

Não se trata por isso de um conjunto avulso de iniciativas mas de um plano estratégico que, devidamente executado, poderá contribuir para a sustentabilidade do desenvolvimento social e económico da Região, apostando nas potencialidades das ilhas, na sua autonomia energética, com ênfase para as energias alternativas; investindo nas novas tecnologias; apoiando o empreendedorismo, fomentando o crescimento do emprego nas ilhas mais pequenas e abrindo as portas à qualificação e empregabilidade de grupos sociais mais vulneráveis.

São três as áreas de acolhimento de projectos:

Primeira área: incremento do investimento no ensino profissional como formação inicial de jovens e reforço da formação e qualificação de activos, domínio que importa melhorar, apesar dos avanços já registados, uma vez que em 1997/98 apenas 1,8% dos açorianos activos possuía um curso técnico-profissional e em 2005 essa percentagem atingia 13%; pretende-se com o Proemprego que, em 2010, se atinjam os 25%.

Uma segunda área enquadra os projectos que visem o apoio à investigação com vista à inovação e o incremento de novas tecnologias, fomentando a consultadoria e a realização de projectos de doutoramento no âmbito da modernização das empresas.

Finalmente, uma terceira área surge como uma nova linha de investimento e visa a execução de projectos que tenham em conta a criação de oportunidades inclusivas para públicos vulneráveis, nomeadamente com baixos níveis de escolaridade e formação tradicional, por via do emprego, apostando no combate à iliteracia e investindo na dupla certificação (académica e profissional).

Refira-se a propósito que as candidaturas ao Proemprego irão processar-se por via digital, permitindo uma maior eficácia no tratamento das candidaturas, acompanhamento e avaliação da execução dos projectos que vierem a ser aprovados.

A título de estratégia transversal, o Programa salvaguarda a importância que uma política de emprego deve ter ao nível da adequação da oferta à procura, nomeadamente quando se programam cursos de formação profissional que devem responder às necessidades do tecido empresarial. A oferta formativa não pode por em causa os níveis de desemprego existentes na Região e por esse facto, o Programa aponta algumas orientações estratégicas, nomeadamente:

O investimento nas novas tecnologias como forma de combate à fragmentação territorial e ao isolamento.

A igualdade de oportunidades e de género, na melhoria de uma cultura democrática e o investimento nas competências;

Finalmente, reconhece-se a necessidade de incentivar e apoiar o empreendedorismo inovador, particularmente protagonizado pelos jovens, e assente na investigação.

Sr. Presidente, Sras. e Srs. Deputados, Sra. e Srs. membros do Governo

Os tempos que correm são diferentes no que concerne à relação com o trabalho/emprego.

O desenvolvimento da Região carece de um tecido empresarial inovador, capaz de iniciativas que tenham em conta as oportunidades de investimento; exige recursos humanos qualificados que dêem resposta a esses desafios; implica a mobilidade dos trabalhadores; carece de maior justiça e democraticidade, no que diz respeito à igualdade de oportunidades, à paridade de género, à valorização do mérito e à melhoria da qualidade dos recursos humanos, critérios que devem ser estruturantes das organizações laborais, para que se possa perspectivar um desenvolvimento social assente na justiça, em paralelo com o crescimento económico, ou seja, com a criação da riqueza.

Este é um patamar da modernização para o qual os activos e os empresários nem sempre estão disponíveis, porque se recusam a investir nas novas tecnologias, resistem à mobilidade e à qualificação dos recursos humanos, arriscam pouco ao nível do empreendedorismo e desejam, por vezes, uma segurança financeira sem riscos.

2007-2013, é tempo de novos desafios que apostem no potencial humano e económico que as nossas ilhas oferecem, de Santa Maria ao Corvo, fixando jovens em empresas inovadoras que façam das novas tecnologias a melhor estratégia de combate ao isolamento e à inércia e estructurem novos pólos de desenvolvimento.

Foi bem clara, há pouco, a situação da ESA em Santa Maria.

Não basta desejar, é preciso planear; e planear implica conhecer a realidade. Mas só conhece a realidade quem trabalha soluções, avalia resultados e pondera quais as linhas de força a potenciar e as fragilidades a combater.

O Proemprego é um bom exemplo do que deve ser feito em política, sobretudo quando se tem por meta o investimento nas pessoas e a construção de meios para as ajudar a serem, diria mesmo, mais felizes.

Disse.

*(Aplausos das bancadas do PS e do Governo.)*

**Presidente:** Tem a palavra o Sr. Deputado António Marinho.

**(\* Deputado António Marinho (PSD):** Muito obrigado, Sr. Presidente da Assembleia.

Sr. Presidente, Sras. e Srs. Deputados, Sra. e Srs. Membros do Governo Regional:

Apenas para deixar uma nota, relativamente a algumas das questões faladas pela Sra. Deputada Piedade Lalande.

Relativamente ao início da sua intervenção dizer que, obviamente, da nossa parte, da parte do PSD, o facto de o Proemprego ou o QRESA, de uma forma geral, estar associado a um valor elevado, merece uma apreciação positiva. Consideramos que é importante o valor de 1538 milhões de euros constantes de todo o QRESA e consideramos que é positivo que esse dinheiro chegue à Região, por via desse instrumento.

Mas antes também existiram estes instrumentos e os montantes também foram elevadíssimos, independentemente de agora ter crescido 20, 24 ou 13, os montantes foram

elevadíssimos e, no entanto, os resultados estão, em nosso entender, perfeitamente à vista bastando, para tal, consultar indicadores de carácter global que dão nota que a Região não evoluiu, inclusivamente até regrediu em certos aspectos ao longo dos sete anos de aplicação do Quadro Comunitário de Apoio anterior.

Por isso, ter muito dinheiro não significa, *per se*, que se consigam atingir bons resultados. É aqui, nesta matéria, que existe obviamente uma divergência entre nós, que estamos aqui deste lado, e os senhores, que estão aí desse lado. Verificou-se agora uma ligeira alteração no discurso do Sr. Presidente do Governo – mas continuamos a falar ao nível das palavras – na tomada de posse da administração da APIA. Curiosamente, começou a ter um tipo de discurso que se tem ouvido já desde há muitos meses, mas não propriamente da boca das pessoas responsáveis pelo Partido Socialista. Tem sido justamente um discurso verificado no outro lado, isto é, tem sido o nosso discurso, mas ainda bem, tarde é o que nunca chega e ainda bem que o Sr. Presidente do Governo agora começou a adoptar um discurso que a nós nos parece mais sensato.

No entanto, é bom que faça reflectir isso na prática, nos sete anos que se aproximam, aliás, nos seis anos, porque um ano já passou, pelo que temos seis anos para dar ambição à aplicação dos tais 1538 milhões de euros. Foi isso que criticámos no momento em que demos a nossa posição relativamente ao QRESA, é aquilo que continuamos a criticar, porque nos parece que os objectivos são, manifestamente, pouco ambiciosos. Sendo pouco ambiciosos, obviamente, restam-nos mais seis, sete anos, em que a Região evoluirá de uma forma que não consideramos minimamente satisfatória.

Relativamente ao Proemprego e às verbas que lhe estão afectas, ainda bem, têm é de ter cuidado com uma coisa: o dinheiro não pode ser mal aplicado. Isto, independentemente da discussão à volta da taxa de desemprego, se é aquela ou não e se há verdadeiramente 3 ou 4% de desemprego na Região. Não existe, obviamente, há uma coisa que é a realidade estatística, com algumas insuficiências, muitas delas relativamente profundas, e há a realidade sentida pelas pessoas.

**Presidente:** Sr. Deputado, agradecia que terminasse.

**O Orador:** Eu termino já, Sr. Presidente.

Eventualmente depois poderemos falar em mais algumas questões, mas o que é preciso é que as verbas do Proemprego e relativamente à variável emprego não sejam destinadas à

formação profissional que gera frustração, não sejam destinadas à formação profissional que apenas pretende criar realidades estatísticas favoráveis e para colorir, digamos assim, o oásis que o Governo Regional e o Partido Socialista tentam, permanentemente, criar. É preciso, definitivamente, que a formação profissional a dar nos Açores e com as verbas significativas que chegam da União Europeia seja, definitivamente, formação profissional para o emprego. Isso não tem acontecido, mas é o que tem de ser feito, acompanhado de um estudo criterioso, muito mais profundo do que aquele que é feito, que é meramente para cumprir calendário, das necessidades de formação profissional do tecido económico açoriano para que, na sequência dessa formação profissional, haja profissionais que obtenham emprego, daí obtenham os rendimentos subsequentes e haja um contributo efectivo para que a Região evolua e se atinjam resultados, de modo que a Região deixe de divergir, conforme foi constatado através dos últimos dois anos conhecidos.

Muito obrigado.

**Deputado Pedro Gomes (PSD):** Muito bem!

**Presidente:** Tem a palavra o Sr. Secretário Regional da Educação e Ciência.

**(\*) Secretário Regional da Educação e Ciência (Álamo Meneses):** Sr. Presidente da Assembleia, Sras. e Srs. Deputados, Sra. e Srs. Membros do Governo Regional:

Sr. Deputado António Marinho, o senhor, de todas as vezes que intervém, levanta sempre dúvidas sobre as taxas de emprego, sobre a empregabilidade dos jovens que fazem os cursos profissionais, dúvidas essas que o Sr. Deputado tinha obrigação de saber que não é assim.

Sr. Deputado, a aplicação das verbas do último quadro comunitário resultou, no caso dos Açores, numa evolução que não tem paralelo em nenhuma outra região do país, e se calhar não tem paralelo em nenhuma outra região da Europa, em termos do crescimento do número de jovens e do número de activos que obtiveram a sua formação profissional.

Nós passámos, numa década, de quatrocentos e poucos jovens por ano, para mais de dez mil por ano a fazer a sua formação profissional. São números que, creio, honram os Açores e que nos honram a todos. É uma pena que o Sr. Deputado teime em ignorá-los.

Por outro lado também, Sr. Deputado, o senhor deveria saber que a empregabilidade dos jovens que saem das nossas escolas profissionais anda tipicamente acima dos 70%, nalguns casos acima dos 80%. O Sr. Deputado queria melhor? Queria 100% de empregabilidade

directa? É o que, aliás, felizmente, acontece nalguns cursos, até obtemos isso nalguns cursos.

Sr. Deputado, a empregabilidade desses jovens tem crescido ano após ano. Os cursos que têm sido abertos têm sido os cursos acertados e que correspondem às necessidades das empresas. Os cursos que têm sido abertos têm sido abertos com base no estudo que o Sr. Deputado bem conhece, feito pelo Observatório do Emprego e feito e testado pela realidade, porque este nível tão elevado de empregabilidade não se mantém por acaso. Não é obra do acaso, é obra do planeamento ajustado que tem sido feito.

É uma pena que o Sr. Deputado continue, como aquele soldado que marchava com o passo desacertado, a ser o único que não vê essa realidade. Mas olhe, é um problema seu, não é com certeza um problema dos açorianos.

**Secretário Regional da Economia** (*Duarte Ponte*): Muito bem!

**Presidente:** Tem a palavra a Sra. Deputada Piedade Lalanda.

**(\*) Deputada Piedade Lalanda** (*PS*): Sr. Presidente da Assembleia, Sras. e Srs. Deputados, Sra. e Srs. Membros do Governo Regional:

Sr. Deputado António Marinho, eu compreendo o seu discurso, como economista que é, mas também espero que admita que a questão do emprego não é meramente uma questão económica e é, essencialmente, uma questão social.

Se há patamar que se ultrapassou nestes últimos dez anos, e eu tenho assistido a esse efeito, ou a esse indicador, que é eventualmente mais subjectivo que aqueles que pretende aqui trazer à Assembleia, foi uma certa insatisfação por se ter pouca escolaridade, por se ser analfabeto, por não se ter, no mercado de trabalho, as competências necessárias para poder ser um candidato de pleno direito.

Criou-se, felizmente, nas pessoas, uma necessidade de mais. A prova é que este Proemprego aposta, e bem, na qualificação de públicos-alvo vulneráveis e pode apostar, inclusive, na qualificação dos activos, ou seja, inclusive esta mentalidade de que o emprego é para toda a vida está a mudar, as pessoas começam a perceber que não há nada garantido a nível do emprego e que é preciso melhorar as suas competências. A melhor coisa que se fez nos últimos dez anos foi conseguir criar nas pessoas motivação para quererem mais formação. Não há escola profissional ou não há mercado de trabalho que tivesse conseguido isso antes

da implementação de medidas na promoção do emprego. Portanto há aqui uma dimensão ao nível das apetências.

Outra questão extremamente importante é a desvalorização do ensino profissional e eu tenho pena que os senhores façam essa propaganda, o que inclusivamente já ouvi a nível municipal.

Ainda bem que os nossos jovens chegam ao 9.º ano de escolaridade, ou até ao 10.º, depois de se terem inscrito no secundário e reconhecem que a via secundário/ensino superior não é a sua via de realização pessoal. Ainda bem que há muitos jovens que dizem: eu vou para uma escola profissional criar o meu instrumento de trabalho e entrar por outra via. É uma alternativa credível, é uma alternativa tão válida e importante como a alternativa dos pretensos doutores da licenciatura. Temos de deixar essa cultura. Já lá vão os tempos em que a pessoa vinha licenciada e infelizmente tinha logo um “Dr” atrás do nome. Nós vivemos num país que valorizou demasiado o ensino superior.

Temos de valorizar as competências técnicas e de dar importância à nossa população estudantil, que fez essa opção de forma consciente. Isso também é uma mais-valia que não existia há dez anos. A escola profissional era de menor importância. Hoje em dia, as médias para se entrar nas escolas profissionais são elevadas, e ainda bem, porque é sinal de valorização desta via de ensino.

Portanto, ainda bem que há um terço dos nossos jovens que, chegando ao final do terceiro ciclo, optam pelas escolas profissionais. Muitos deles fazem ainda a “burrice” (desculpe o termo) de insistir no secundário. Só reconhecem isso depois de perderem um ou dois anos. Podiam aproveitar mais cedo. Mas se eles optam conscientemente, ainda bem.

Outra questão que o senhor conhece perfeitamente, até porque já passou pelas áreas do trabalho, é a opção de cursos das escolas profissionais ser definida a partir das necessidades das empresas. É definida a partir da auscultação do tecido empresarial. Portanto, o seu discurso do formar para o desemprego não faz sentido nenhum, a não ser que as empresas não sejam suficientemente honestas ao manifestarem as suas necessidades.

Nós sabemos que inclusive o plano curricular das escolas profissionais é flexível e é rotativo, pelo que há cursos que se vão abrindo e fechando em função das necessidades do mercado. Isso é fundamental e dá muito mais garantias, inclusive, do que um aluno que, por

exemplo, pretenda fazer História ou Filosofia no ensino secundário e que sabe à partida que o mercado não se vai, forçosamente, alargar, em termos de oferta, para a sua inserção.

Há aí críticas do ponto de vista social. O senhor disse que os indicadores não revelam uma boa eficácia do investimento feito na área do emprego. Eu não sei que indicadores são esses de insucesso, gostava que me desse esses dados concretos. Referiu que é pena que os resultados não sejam adequados ao investimento que foi feito. Então, faça referência objectiva a essa ineficácia do investimento.

**Presidente:** Tem a palavra o Sr. Deputado António Marinho.

**(\*) Deputado António Marinho (PSD):** Obrigado, Sr. Presidente da Assembleia.

Sr. Presidente, Sras. e Srs. Deputados, Sra. e Srs. Membros do Governo Regional:

Quando falei em ineficácia, a ineficácia está à vista, em termos da aplicação do Quadro Comunitário de Apoio anterior e, naturalmente, segundo a nossa leitura do fenómeno do desemprego que, obviamente, é uma leitura realista, está também presente na observação da variável emprego.

Comecemos por aí, pelo emprego económico e social. Obviamente, Sra. Deputada – justamente porque diz que eu também passei pelas áreas – eu não passei pelas áreas, eu sou das áreas, o meu lugar em termos técnicos no Governo Regional a que pertenço e que agora está suspenso, é na Direcção Regional, actualmente em Trabalho e Qualificação Profissional. Portanto, passei pelas áreas não, estou lá há vinte e cinco anos.

Assim, encaro o emprego nem, obviamente, como uma variável exclusivamente económica, nem como uma variável exclusivamente social. Como o económico é fundamental também no domínio social, isto é, para que uma família tenha uma situação social de maior estabilidade precisa de ter rendimentos e os rendimentos são gerados pela economia, quer queiramos quer não, isto está tudo ligado. Por isso, às vezes, pôr a discussão a este nível, “só pensas em números e eu é que me preocupo com as pessoas”, não é bem assim, a economia é feita para as pessoas e as pessoas são o fim último das medidas que queremos implementar no domínio da economia.

Tentando ir, aqui, aos diversos assuntos lançados, quer pelo Sr. Secretário quer pela Sra. Deputada Piedade Lalanda, provavelmente não vou chegar a todos e vou dizer isto de uma forma mais telegráfica.

Sr. Secretário: muita formação. Eu não estou a dizer que não há muita formação. Muita formação não é sinónimo de boa formação.

Quanto à empregabilidade, ligo esta questão a uma questão falada pela Sra. Deputada Piedade Lalanda relativamente à desvalorização do ensino profissional. Ligo isto à questão da empregabilidade porquê? Porque, por obra do acaso, tenho uma filha que frequentou o ensino profissional e que eu considere, aliás como a Sra. Deputada sabe, extremamente adequado, e o ensino profissional que ela frequentou foi bom, foi positivo, mas também me deu para conhecer uma realidade, que é a empregabilidade de uma turma de quinze, em que ela se inseria, à excepção dela, que depois seguiu para o ensino superior na área na qual tinha obtido formação no ensino profissional, e de outra que, efectivamente está a trabalhar numa empresa ligada à área, todos os outros treze estão em áreas profissionais completamente opostas àquela em que se traduziu a sua formação.

**Secretário Regional da Economia (Duarte Ponte):** Mas estão a trabalhar, não?

**O Orador:** Portanto, a questão da empregabilidade, os 60 ou 70% de que o Sr. Secretário fala, vamos “dar de barato” que correspondem à realidade. Pergunta-me se eu quero que fosse 100%? Quero, obviamente, a situação ideal é 100%. Mas vamos considerar que são os 70%, agora tem de ter aí um indicador de qualidade desse emprego. No entanto, uma pessoa acabar um curso profissional na área do turismo, técnico de turismo, e ir trabalhar como caixa de um hipermercado, obviamente que temos de questionar se a frequência dele naquele curso foi precedida de um estudo aprofundado sobre aquilo que as empresas pretendem em termos da formação ministrada.

Isto tem a ver com outra questão que a Sra. Deputada Piedade Lalanda referiu há pouco sobre os estudos que têm estado na base das opções que depois existem em documentos que vão para o Emprego. Os estudos que são feitos – o sistema estatístico – e que estão previstos, aliás, na regularidade em termos estatísticos que existe, das necessidades de formação profissional, são... Quando eu digo de “cumprir calendário”, não estou a dizer que são débeis, ou que são perfeitamente dispensáveis. O que eu estou a dizer é que não são suficientemente aprofundados para que se tomem decisões a prazo de sete anos.

Isto é, para assegurar a empregabilidade nos Açores, decorrente da frequência de cursos de formação profissional ou decorrente de acções de qualificação ao longo de sete anos, tem de

ser feito um estudo de natureza estrutural que não pode ser propriamente pegar num inquérito e entregar numa determinada empresa.

**Presidente:** Sr. Deputado, agradecia que concluísse.

**O Orador:** Termino já, Sr. Presidente.

Tem de ser um estudo muito mais aprofundado, envolvendo um conjunto de pessoas das formações mais diferenciadas e que leve a um estudo de natureza estrutural onde, efectivamente, sejam detectadas as necessidades que existem em termos de formação profissional. Só dessa forma se assegurará que o dinheiro não é mal gasto e se transforma, depois, em emprego efectivo para as pessoas e, conseqüentemente, tudo isso se vai reflectir em termos da própria economia e do nível de desenvolvimento da Região.

É isso que é fundamental, não é andarmos com coisas feitas “em cima do joelho”.

Muito obrigado.

**Vozes de deputados da bancada do PSD:** Muito bem! Muito bem!

**Presidente:** Tem a palavra o Sr. Secretário Regional da Educação e Ciência.

**(\*) Secretário Regional da Educação e Ciência (Álamo Meneses):** Sr. Presidente da Assembleia, Sras. e Srs. Deputados, Sra. e Srs. Membros do Governo Regional:

O Sr. Deputado António Marinho surpreende-me. Então o senhor participou num desses estudos, esteve lá e já se esqueceu? Ou afinal aquilo que fez não serviu? Quer dizer, há coisas que, quando nós participamos nelas, acho que assumimos algum grau de responsabilidade. Esse trabalho que foi feito o senhor tem a obrigação de o conhecer, porque foi uma das pessoas que participou num desses painéis.

Em relação a esta questão dos indicadores, é muito importante que nós olhemos para os números.

Só para lhe dar uma ideia, Sr. Deputado, em 95/96 estavam em formação profissional 237 pessoas. No ano passado estavam mais de 4 mil. Mais exactamente, nas escolas profissionais estavam 2391, nos cursos do PROFIJ estavam 1220 e ainda existiam no REACTIVAR cerca de 900 pessoas. São números esmagadores, Sr. Deputado, é um crescimento que não tem paralelo, volto a repeti-lo, em qualquer outra região.

Quanto às questões que o senhor aqui levanta, de boa formação e má formação. Quanto à boa formação, eu não tenho dúvidas que a formação que as nossas escolas profissionais dão é boa. É boa porque tem sido premiada, é boa porque é adequada à realidade das nossas

empresas, é boa porque o desempenho profissional dos jovens que fizeram essa formação nas nossas escolas testemunha a qualidade da formação que receberam. Nós hoje temos um sistema de formação profissional nos Açores que é grande, cobre toda a Região, que é sólido e já deu boas provas de si. Apesar de ser jovem, de ter crescido apenas ao longo dos últimos dez anos, já hoje apresenta um grau de maturidade que é invejável e que é melhor do que aquilo que acontece a nível nacional.

Portanto, nós temos boa formação.

Quanto à questão da empregabilidade, Sr. Deputado, a empregabilidade é demonstrada pelos tais instrumentos estatísticos que o senhor bem conhece.

O senhor levantou aqui outra questão, que tem a ver com a escolha de emprego e tem a ver com a relação entre o curso feito e o emprego efectivamente a seguir. Sr. Deputado, aí entram factores que têm a ver com o mercado. Nalguns dos nossos cursos, as pessoas que saem da formação profissional encontram imediatamente emprego e começam a trabalhar na área da sua formação, porque os ordenados são atraentes, são competitivos, porque vale a pena. Noutros casos, as pessoas encontram empregos melhores do que esses. Ora, quem faz um curso profissional...

**Deputado António Marinho (PSD):** Quando treze em quinze não vão para a área em que foram formados, há algo a dizer.

**O Orador:** O Sr. Deputado está a “tomar a árvore pela floresta”, e é muito interessante nós tomarmos árvores pela floresta, quando conhecemos um caso. Eu se calhar podia vir aqui contar-lhe muitos outros casos que têm um resultado completamente diferente.

A questão fundamental aqui é outra. A questão é que quem faz um curso profissional não está condenado a exercer essa profissão, mesmo que o mercado de trabalho lhe seja mais favorável noutra área. Complicado seria se essas pessoas estivessem no desemprego. Não estão. Conseguiram empregos que, seguramente, pagam melhor do que aqueles empregos que encontrariam na área de formação. Mas aí, é a economia que se encarregará de levar as coisas ao lugar.

A nossa economia está a mudar muito rapidamente e a valorização da formação profissional está a crescer também muito rapidamente.

É preciso não esquecer que nós tínhamos uma economia essencialmente assente sobre mão-de-obra não qualificada, 70% dos trabalhadores açorianos há dez anos tinha seis ou menos

anos de escolaridade; praticamente ninguém, 8%, tinha formação profissional; hoje a situação do mercado de trabalho é completamente diferente. Em cada ano que passa, é mais um milhar de jovens que entra no mercado de trabalho e que entra com formação. Num mercado de trabalho de cento e poucas mil pessoas, como é o nosso, isto tem um impacto profundo. É uma questão de tempo até que a nossa economia se adapte a isto. A verdade é que este é um processo que devia ter começado há muitas décadas e começou apenas há uma. Mas aí, Sr. Deputado, olhe para mais perto de si.

Muito obrigado.

**Secretário Regional da Economia** (*Duarte Ponte*): Muito bem!

**Presidente:** Tem a palavra a Sra. Deputada Piedade Lalanda.

**(\* Deputada Piedade Lalanda** (*PS*): Sr. Presidente da Assembleia, Sras. e Srs. Deputados, Sra. e Srs. Membros do Governo Regional:

É só para acrescentar mais alguns aspectos àquilo que foi dito.

Sr. Deputado, essa sua estatística dos treze em quinze não é nenhum indicador negativo.

Aliás, primeiro há que avaliar as motivações desses quinze para a área em causa. Felizmente que alguns querem fazer essas formações não pela área profissional que está em causa mas pela certificação que essa formação lhes permite adquirir; porque, sendo cursos com dupla certificação, saem com o 12.º ou saem com o 9.º ano e para eles essa é a mais-valia. Portanto, terminando a área de turismo, ou terminando a área da mecânica, vão trabalhar para outros sectores, porque não era propriamente a área profissional que lhes interessava. O senhor não disse que eles estavam em casa a fazer croché, o senhor disse que não estavam na área em que fizeram a formação inicial, o que quer dizer que estão empregados, estão a trabalhar e, se estão a trabalhar, é sinal de que quem os empregou reconheceu, nessas pessoas, competências que foram adquiridas na formação profissional. Provavelmente isso é bom sinal, quer dizer que os cursos profissionais preparam as pessoas, até, para uma adaptabilidade ao mercado de trabalho que ultrapassa as fronteiras da vertente profissional que recebem. Há competências adquiridas nas escolas profissionais que são transversais e que permitem fazer inserir mais pessoas no mercado de trabalho de forma qualificada. Esse é um aspecto importante.

Outra coisa: o senhor se for ver as universidades, nomeadamente as áreas de Direito, de Economia, de Engenharias, etc., muito frequentemente as grandes empresas vão “caçar” os

finalistas, os melhores finalistas dessas universidades e prometem-lhes um emprego ou até um estágio ainda eles não acabaram o seu curso superior. Quer dizer que há uma cultura de excelência, que deve ser impressa, para fazer parte do tecido económico, que deve ir buscar às escolas profissionais os melhores. Isso não é negativo para quem faz cursos de formação profissional, nem é negativo para quem faz cursos nas universidades. É um sinal que deve aumentar o brio, o rigor, a exigência e a necessidade de ter boas classificações nos cursos, porque isso dá quase uma garantia de emprego.

Portanto, não me admirava nada que, na área do turismo, as empresas nesse sector fossem buscar os melhores dos vários cursos no turismo e os restantes até nem tivessem, forçosamente, trabalho nesse sector. Isso não é negativo. Seria negativo se essas empresas fossem buscar todos os formados na área do turismo, quer dizer que não se estava a formar o número suficiente, nem pessoas excelentes para o nosso tecido económico.

Esse é um aspecto que eu acho que não foi referido nas suas críticas, ou nos seus comentários, ao Proemprego, que me parece que é fundamental. É que o Proemprego traz uma novidade que permite às empresas libertar os seus trabalhadores para formação contínua, para formação permanente. Cria, à semelhança do Berço de Emprego, um sistema de substituição. Isto é extremamente interessante. Ou seja, as empresas não podem alegar não poderem dispensar o seu funcionário para uma semana por ano, pelo menos, de formação. Portanto, há que apostar na qualificação dos activos actuais.

Agora, nós reconhecemos, e sabemos, que nem sempre o tecido empresarial está disponível para esse investimento. Eles até, muitas vezes, e isso foi uma crítica inicial aos cursos de hotelaria, nem querem que as pessoas formadas em hotelaria pratiquem da forma que aprenderam nas escolas. Depois têm lá as suas próprias regras de funcionamento e, muitas vezes, desvirtuam a própria aprendizagem profissional. Portanto, há aqui um trabalho a fazer, também, no nosso tecido económico, tornando-o até mais exigente e mais qualificado e tendo o cuidado de a qualidade da prestação de serviços que oferecem, nomeadamente estamos aqui a falar na área da hotelaria, do turismo, aos nossos visitantes ser cada vez melhor. Porque se há coisa que hoje em dia nós reconhecemos é que podemos ter muitos hotéis, podemos ter muitos restaurantes, mas se o nosso visitante for mal acolhido, mal recebido e for mal tratado no sentido do atendimento, ele não volta. Assim, se queremos manter este sector em pujança temos de melhorar a qualidade do atendimento. Isto passa

pela formação profissional e pela reciclagem permanente, mas também pela cultura dos empresários nesse sector.

**Presidente:** Agradecia que concluísse, Sra. Deputada.

**A Oradora:** Isso é uma área em que, se calhar, também há que pensar na possibilidade de as escolas profissionais fazerem cursos para empresários, na área da hotelaria, por exemplo.

**Presidente:** Tem a palavra o Sr. Deputado António Marinho.

**(\* Deputado António Marinho (PSD):** Obrigado, Sr. Presidente.

Sr. Presidente da Assembleia, Sras. e Srs. Deputados, Sra. e Srs. Membros do Governo Regional:

Muito rapidamente, só para falar nesta questão da muita formação ou boa formação.

Quando eu digo boa formação não estou aqui a colocar em causa a qualidade da formação ministrada, eu diria, em todas as escolas profissionais da Região. Não é a qualidade da formação ministrada. Quando eu digo boa formação é a formação que tenha e que gere efeitos, é a formação que sirva, efectivamente, para que as empresas, para que o tecido económico consiga absorver as pessoas. Acerca da estatística do treze em quinze – que é uma estatística reduzidíssima e muito localizada e teria, em termos estatísticos, as mesmas insuficiências metodológicas que tem a medição da taxa de desemprego da Região –, o facto de haver treze que estão empregados e estão a fazer alguma coisa tem como consequência a frustração que se pode criar nas pessoas.

Eu, Sra. Deputada, confronto-a com uma coisa: tinha acabado o seu curso, quando o acabou, e ia trabalhar para uma...

*(Aparte inaudível da Deputada Piedade Lalanda)*

**O Orador:** Pois foi, eu também fui e todos nós fomos, numa base inicial, mas enquanto não estivemos a fazer aquilo para o qual tínhamos sido preparados durante não sei quantos anos, sentimos uma enorme frustração. É verdade e é razoável, ou não, que as pessoas se sintam frustradas por esse motivo?

A questão pode ser evitada se, *à priori*, se definir um programa de formação profissional que sirva a economia e sirva para dar emprego às pessoas.

Quanto à empregabilidade dos 70%, eu vou “dar isso de barato”. Eu quero é saber, dentro desses 70%, quem é que está a trabalhar nas áreas para as quais foi formado.

*(Apartes inaudíveis da câmara)*

**O Orador:** Eu estou a falar com o Sr. Secretário. Dois mil trezentos e não sei o quê, eu já não me lembro. Isso não me diz nada, Sr. Secretário. São duas mil trezentas e tal pessoas que não estão a pressioná-lo, nos centros de emprego, para o senhor lhes arranjar emprego. Isso o senhor consegue. Alguns estão a ter formação da qual vai resultar algum emprego favorável. Desses dois mil trezentos e tal, muitos haverá que, para o ano, nas suas estatísticas, constam noutra escola profissional a frequentar um curso diferente.

O senhor sabe isso tão bem como eu.

**Secretário Regional da Economia (Duarte Ponte):** O senhor não diga isso, que é grave.

**Presidente:** Tem a palavra a Sra. Deputada Piedade Lalanda.

**(\*) Deputada Piedade Lalanda (PS):** Sr. Presidente, só mais uma notazinha.

Acho que há aqui realmente duas formas de ver a formação e duas formas de entender, inclusive, a liberdade das pessoas.

Voltando a essa estatística, há bocadinho tentei dizer-lhe que as razões porque as pessoas não estão nos sectores para os quais fizeram formação não têm forçosamente a ver com a falta de oferta de emprego. Há outras motivações individuais que levam a que as pessoas, até tendo emprego nessa área, não o queiram. Isto é um princípio que leva a pensar que os alunos, quando estão no secundário, também só deveriam escolher áreas científicas e áreas de encaminhamento para o ensino superior que tivessem empregabilidade. Pobres dos filósofos, pobres até dos sociólogos, pobres das pessoas em áreas, se calhar da Teologia, porque não valia a pena fazer cursos superiores nessa área, já que o emprego é muito limitado.

Sr. Deputado, a realização das pessoas não tem forçosamente a ver com a adequação da licenciatura ao local de trabalho. Tem a ver com a realização das competências das pessoas, não é exclusivo. Há pessoas que se realizam na mesma área, mas há pessoas que se realizam, com a formação profissional que têm, noutras áreas.

Portanto, o senhor não pode limitar essa estatística, até porque nem tem os dados para isso, a dizer que as pessoas não estão realizadas nas outras profissões. Pode haver até um misto de pessoas, eventualmente porque têm baixas qualificações no curso profissional que tiraram, que não conseguiram entrar no sector profissional para o qual estavam destinadas e que tiveram de aceitar oportunidades de emprego eventualmente menos qualificadas. Mas há outras que fizeram livremente essa opção.

O senhor tem de deixar esse espaço de liberdade às pessoas e não fazer estatísticas redutoras, como está a tentar fazer.

**Secretário Regional da Economia** (*Duarte Ponte*): Muito bem dito.

**Presidente:** Srs. Deputados, não há mais inscrições. Sr. Deputado José Ávila, V. Ex.<sup>a</sup> consegue, em três minutos, fazer a sua intervenção?

**Deputado José Ávila** (*PS*): Não, Sr. Presidente.

**Presidente:** Vamos então interromper os nossos trabalhos para o almoço. Regressamos às 15 horas.

*(Eram 13,00 horas)*

**Presidente:** Muito boa tarde, Srs. Deputados, vamos continuar os nossos trabalhos.

*(Eram 15 horas e 15 minutos.)*

*(Neste momento o Sr. Presidente foi substituído na Mesa pelo Vice-Presidente, Sr. Deputado Jorge Costa Pereira.)*

**Presidente:** Srs. Deputados, vamos prosseguir com a discussão do **Projecto de Decreto Legislativo Regional – "Primeira alteração ao Decreto Legislativo Regional n.º 20/2005/A, de 22 de Julho – Apoio financeiro a atribuir no combate à infestação por térmitas"**, apresentado pela Representação Parlamentar do CDS/PP.

Estava inscrita a Sra. Deputada Carla Bretão, a quem dou a palavra.

**(\*) Deputada Carla Bretão** (*PSD*): Sr. Presidente da Assembleia, Sras. e Srs. Deputados, Sra. e Srs. Membros do Governo Regional:

Eu realmente não gostaria de prolongar muito mais este debate, porque muito já foi dito nesta casa sobre este assunto, mas, perante as declarações do Sr. Secretário ontem aqui nesta casa e depois de tudo o que ele disse, eu não poderia deixar de reafirmar a nossa posição relativamente a este assunto.

Eu acho que o Sr. Secretário sabe tão bem como eu, ou muito melhor do que eu, que o combate a esta praga não se fará apenas com medidas avulsas, como as que ontem enunciou. Não é só a formação dos técnicos, não é só o estudo de várias madeiras em autoclave, não é só os apoios financeiros. Muito, muito há a fazer.

É isso mesmo que a comunidade científica diz e a verdade é que já apontaram muitos caminhos e quase nenhum deles foi seguido. Eu gostaria de saber porquê.

Já foi apontado que realmente é necessário alguém que coordene todo este processo.

Já foi apontado que é preciso fazer um levantamento sério em todas as ilhas dos Açores, para se perceber em que ponto é que está a situação da praga das térmitas.

Já foi dito que é necessário que haja uma obrigatoriedade de declaração da existência dessa praga nos edifícios.

Já foi dito que é necessário que haja empresas certificadas para actuar neste domínio.

Etc., etc., etc. Eu podia elencar um rol de caminhos que a comunidade científica já apontou e que, até agora, não foram tidos em consideração, não percebo porquê. A verdade é que, em todos os órgãos de comunicação social, desde que esta situação surgiu, os investigadores afirmam que realmente desconhecem e que o Governo desconhece, por completo, se esta praga está controlada, se está a aumentar ou a expandir-se para outras ilhas.

Nós sabemos que há um estudo em andamento para um tratamento nesta área. Mas sabemos, também, que os tratamentos possíveis são difíceis de implementar nas nossas ilhas e principalmente nas nossas cidades. Sabemos também que, muito mais do que estudar, é necessário determinar procedimentos, para que as pessoas que eventualmente até não adiram a estes apoios ou não têm enquadramento nestes apoios, possam fazer as suas obras da forma mais adequada. Isto não está a acontecer.

É este alerta e este apelo que deixo novamente aqui, Sr. Secretário.

Eu não digo que não está a fazer nada, o que eu digo é que é preciso fazer muito mais e que esses caminhos já foram apontados pela comunidade científica. No entanto, já passaram

alguns anos e não há meio de percebermos qual é a verdadeira estratégia que o Governo Regional está a assumir nesta matéria.

Obrigada.

**Presidente:** Muito obrigado.

Tem a palavra o Sr. Deputado Artur Lima.

**(\*) Deputado Artur Lima (CDS/PP):** Sr. Presidente da Assembleia, Sras. e Srs. Deputados, Sra. e Srs. Membros do Governo Regional:

Para, e apenas numa intervenção muito rápida, dizer o seguinte:

Não estamos aqui, não valerá a pena, também, talvez, para desvalorizar esta medida, que é uma medida muito importante, que é uma medida urgente, que urge ser tomada porque, a acreditar nas coisas como elas estão e no diagnóstico da Sra. Deputada, há casas que já estão, enfim, a precisar amanhã, hoje, ontem, de obras. Portanto, é uma medida urgente, importantíssima, estrutural, a tomar, sem prejuízo de outras.

Eu queria deixar isto muito claro: é estrutural, importantíssima, no combate a esta praga.

Não valerá a pena, não se trata de uma medida avulsa, trata-se de uma medida pensada, estudada, para abranger quem não tinha apoios, para abranger mais famílias e para dar mais apoios, porque era isso que era preciso, nos casos em que as pessoas não tinham e não podiam reconstruir as suas casas. Assim, é uma medida estrutural e não uma medida avulsa.

Para terminar, Sr. Presidente, gostaria de dizer apenas o seguinte:

Só gostaria, enfim, que também as câmaras municipais tivessem um papel activo e pró-activo nisto, inclusivamente no financiamento. Porque se arranja dinheiro para muita festa, para muito fogo-de-artifício e para muita inauguração e, enfim, para isso tudo, também as câmaras das principais cidades açorianas, afectadas por este problema, deviam ter a sua quota de responsabilidade financeira, além de técnica, além de higio-sanitária, deviam ter também uma quota-parte e uma responsabilidade muito grande de colaboração com o Governo, de colaboração com a Universidade e fazer o seu papel, que também é conservar o património edificado do seu concelho.

Muito obrigado.

**Presidente:** Muito obrigado, Sr. Deputado.

O Sr. Secretário Regional da Habitação e Equipamentos tem a palavra.

**(\*) Secretário Regional da Habitação e Equipamentos (José Contente):** Sr. Presidente da Assembleia, Sras. e Srs. Deputados, Sra. e Srs. Membros do Governo Regional:

Eu gostaria de reafirmar, hoje, de modo mais concreto que, de facto, o Governo tem uma trajectória de acções concretas, positivas, que se afastam muito da intervenção da Sra. Deputada Carla Bretão, porque correspondem a trabalho feito, mesmo na comunidade científica, que deve propor e o Governo deve decidir, não à risca todas as propostas, até porque não há certezas nem verdades nesta matéria, nem nos Açores nem em nenhuma parte do mundo onde há térmitas, é preciso que se diga.

Mas vejamos os projectos de investigação científica. São vários.

Já foi feito um projecto para determinar quais as espécies, quais as medidas em relação a essas espécies, qual o ciclo de vida dessas espécies, uma publicação em português e inglês cujo investimento com a comunidade científica já correspondeu a 75 mil euros.

Depois foi feito um outro estudo sobre o tratamento com pesticidas, um projecto na ordem dos 90 mil euros, candidatado à Comunidade Europeia, que está em reformulação porque a Comunidade Europeia entendeu que este tipo de tratamento não era o mais adequado.

Depois há, também, um outro projecto de 25 mil euros com a comunidade científica que se debruça sobre esta matéria. Portanto, perceba quais são os projectos, porque com certeza desconhecia isto. As térmitas têm um projecto de educação, consciência de educação para um folheto a entrar em todas as escolas, de 25 mil euros. Isto é com a comunidade científica, minha senhora.

Portanto, quando vem para aqui dizer que o Governo não liga à comunidade científica e que não entende o que a comunidade científica diz, é exactamente ao contrário, porque nós estamos a trabalhar com a comunidade científica. É essa comunidade científica que fez um *workshop* com as empresas e com as câmaras municipais, com os técnicos das câmaras municipais, onde estavam especialistas americanos e canadianos, num investimento de 15 mil euros, na Terceira e também em São Miguel.

Para além disso, há também um projecto de reabilitação e avaliação das madeiras danificadas no Laboratório Regional de Engenharia Civil – ouça, que isto é importante para o seu “dossier térmita” – num total de 102 mil euros, onde já foram adquiridos equipamentos como a câmara climática, um humidímetro, um detector de térmitas por microondas, um detector acústico de térmitas, um resistógrafo para avaliar a perda da secção

das madeiras e foi realizado um curso de formação sobre infestação das térmitas na madeira seca, destinado a fiscais de obras, a outros profissionais e às autarquias, no qual foram certificados cerca de cem técnicos das câmaras municipais e dos departamentos do Governo. Portanto, minha senhora, das duas uma: ou efectivamente não conhece o trabalho feito e vem com um conjunto de situações que não correspondem a uma trajectória que está feita nesta área ou, então, está num registo que é o registo do PSD.

O PSD, infelizmente, nesta como noutras matérias, não está a inovar. Reclama sempre muito oxigénio mas deixou os açorianos em anoxia durante anos e anos, ou seja, com falta de oxigénio. Diz que o Governo controla tudo, mas quer agora um organismo que controle todo o projecto das térmitas nos Açores. O PSD o que gostaria, e nós percebemos isso, era uma entidade “espiatória”, à base de críticas, recebidas por toda a gente, mas muito incentivadas por um tipo de fazer política, que é: como não há agenda, temos ali uma entidade para falar nas térmitas todos os dias, todas as semanas, todos os meses, porque nós sabemos que isto é uma praga que, de facto, tem grandes problemas de extermínio e, portanto, nós vamos ter aqui matéria para todo o sempre.

O PSD assemelha-se, deste modo, com um partido termiteira, que já há onze anos a esta parte acaba por não resolver nada, e é por isso que os açorianos já lhe arranjam a solução e um antídoto: é passarem mais quatro anos na oposição.

**Presidente:** A Sra. Deputada Carla Bretão tem a palavra.

**(\*) Deputada Carla Bretão (PSD):** Sr. Presidente da Assembleia, Sras. e Srs. Deputados, Sra. e Srs. Membros do Governo Regional:

Para ser muito rápida e não continuar com esta demagogia barata por parte do Sr. Secretário...

**Secretário Regional da Habitação e Equipamentos (José Contente):** Demagogia barata é a sua, que não conhece o dossier.

**A Oradora:** Sr. Secretário, eu não vou, sinceramente, descer ao seu nível. Isso talvez fique para si e para os seus.

Eu, sinceramente, apenas lhe vou dizer o que a comunidade científica diz que o Governo Regional está a fazer.

O que a comunidade científica diz é que desconhece por completo se a praga está controlada, a aumentar ou a expandir-se para outras ilhas e que não se conhece nenhuma

iniciativa oficial do Governo Regional no sentido de se aprofundar o estudo deste problema e o combate a este problema.

Acho que, por aqui, está tudo dito, Sr. Secretário.

Muito obrigada.

*(Aplausos da bancada do PSD)*

**Presidente:** Srs. Deputados, não havendo mais inscrições, está concluído o debate. Passamos à votação. Vamos começar com a votação na generalidade.

Os Srs. Deputados que concordam com o Projecto de Decreto Legislativo Regional – "Primeira alteração ao Decreto Legislativo Regional n.º 20/2005/A, de 22 de Julho – Apoio financeiro a atribuir no combate à infestação por térmitas" mantêm-se como se encontram.

**Secretário:** Na generalidade, o Projecto de Decreto Legislativo Regional foi aprovado por unanimidade.

**Presidente:** Srs. Deputados, vamos passar à especialidade e, se não houver inconveniente por parte da câmara, punha à votação os artigos que compõem este Projecto de Decreto Legislativo Regional em conjunto à votação na especialidade. Há alguma objecção?

Então, Srs. Deputados, na especialidade, os artigos 1.º, 2.º e 3.º estão à votação.

Os Srs. Deputados que concordam por favor mantenham-se como se encontram.

**Secretário:** Os artigos anunciados foram aprovados por unanimidade.

**Presidente:** Temos uma proposta de aditamento, que é do conhecimento da câmara e vamos também pô-la à votação.

Os Srs. Deputados que concordam com a proposta de aditamento por favor mantenham-se como se encontram.

**Secretário:** A proposta de aditamento foi aprovada por unanimidade.

**Presidente:** Passamos à votação final global.

Os Srs. Deputados que concordam com o Projecto de Decreto Legislativo Regional em votação final global por favor mantenham-se como se encontram.

**Secretário:** Em votação final global o Projecto de Decreto Legislativo Regional foi aprovado por unanimidade.

**Presidente:** Entramos agora na análise do segundo ponto da Agenda da reunião para hoje, **Proposta de Resolução – "Resolve recomendar ao Governo Regional dos Açores que promova o estabelecimento de tarifas promocionais nos voos da Sata Air Açores para residentes nos Açores"**, apresentada pela Representação Parlamentar do CDS/PP.

Tem a palavra o Sr. Deputado Artur Lima.

**(\*) Deputado Artur Lima (CDS/PP):** Sr. Presidente da Assembleia, Sras. e Srs. Deputados, Sra. e Srs. Membros do Governo Regional:

O CDS/PP orgulha-se, mais uma vez, de trazer a esta casa um Projecto de Resolução útil e, mais uma vez, a favor dos açorianos.

O nosso Projecto de Resolução recomenda ao Governo Regional tarifas promocionais na Sata Air Açores nos voos inter-ilhas.

É, quanto a nós, importantíssimo implementar este tipo de tarifas, sobretudo – e como é possível, porque somos razoáveis, na época entre Maio e Setembro, excluindo os três meses da época alta, aproveitar a capacidade dos aviões – tarifas mais baratas para os açorianos, para poderem viajar inter-ilhas, para se poderem conhecer melhor uns aos outros, ou seja, aumentar a coesão social, aumentar o turismo interno. É um projecto útil, nas suas mais diversas vertentes.

É certo que já havia o tarifário das Ilhas da Coesão. Achamos que era importante alargar-se as tarifas promocionais a todos os açorianos, a todos os residentes nos Açores, sendo certo também que já havia uma tarifa deste género para os cidadãos norte-americanos.

Acho espantoso como se faz uma Petição a reclamar de uma coisa que já está a ser feita e que vai ser, felizmente, aprovada hoje. Acho espantoso que se questione como é que foram propostas as coisas, como é que as coisas aparecem e se peça explicações ao CDS/PP e ao Presidente do Governo Regional. Isto revela que quem fez a Petição está muito atento ao que se passou nesta casa no Plano e Orçamento. Um dos fundamentos era justamente esse e, naturalmente, não ouviram, tendo depois feito a Petição a reclamar de uma coisa que já estava a ser feita.

O nosso interesse não é fazer política, às vezes demagoga, a roçar algum populismo e, depois, não propor nada. Somos consequentes. Já propusemos ao Governo que introduza, no próximo contrato de serviço público aéreo para a Região Autónoma dos Açores, tarifas promocionais para os Açores. Não foi preciso fazer grandes parangonas – adjectivo que às

vezes se usa – propusemos aqui, em debate, ao Secretário da Economia, que tivesse em consideração, tal como existia na Madeira, que no contrato de serviço público também existissem tarifas promocionais para residentes nos Açores. Demos um passo em Março do ano passado. Demos outro, agora, com tarifas promocionais na Sata Air Açores, entre 1 de Setembro e 31 de Maio. Aqui, mais uma vez, a maioria e o Governo Regional reconheceram à oposição, ao CDS/PP, a justiça e a utilidade da sua proposta.

Portanto, é a prova de que a maioria, quando a proposta é boa, vinda de uma oposição responsável e construtiva, pelos vistos não tem problema em aprová-la. É a realidade dos factos, por muito que se queira escamotear.

Portanto, estamos todos satisfeitos que os açorianos, dentro em breve, possam ter viagens, na Sata Air Açores, mais baratas, muito mais baratas, possam, se calhar, pelo preço de uma viagem actual, levar a sua família a conhecer as outras ilhas e os Açores.

Termino sublinhando, mais uma vez, a satisfação do CDS/PP e, mais uma vez, o exemplo de humildade democrática do Governo Regional dos Açores.

**Presidente:** Tem a palavra o Sr. Deputado Jorge Macedo.

**(\*) Deputado Jorge Macedo (PSD):** Obrigado Sr. Presidente da Assembleia, Sras. e Srs. Deputados, Sra. e Srs. Membros do Governo Regional:

A Proposta de Resolução em discussão tem méritos.

Começo por referir que um dos méritos é disponibilizar tarifas promocionais nos voos inter-ilhas da Sata Air Açores.

Mas maior mérito tem quando é uma proposta que consegue romper com uma visão conservadora, restritiva e, mesmo, perdoem-me a expressão, “quadrada”, que o Governo Regional dos Açores tem relativamente ao sistema tarifário, quer nos voos inter-ilhas, quer também nos voos de e para os Açores, no âmbito do serviço público de transporte aéreo. Este mérito é ainda maior quando, durante três anos, o PSD e a sociedade civil têm reclamado passagens mais baratas, passagens com tarifas Pax, passagens com tarifas promocionais.

Há unanimidade em todos os sectores da sociedade civil que o custo das passagens inter-ilhas e as passagens de e para o exterior dos Açores é exagerado, não é adequado para uma Região insular e periférica. O que se passa com as tarifas aéreas nos Açores, dentro dos Açores e de e para os Açores começa a ter contornos de situação perfeitamente absurda.

Como já afirmámos, por diversas vezes, nesta Assembleia, há condições objectivas para reduzir as tarifas inter-ilhas da Sata Air Açores em 20%. Há condições objectivas, já foi isso discutido aqui até à exaustão, para reduzir as tarifas nos voos de e para os Açores, no âmbito do serviço público de transporte aéreo, em 25 %. Nos Açores, uma redução de 20% é possível. Nas ligações com o exterior, no âmbito do serviço público, é possível uma redução de 25%.

Agora, surge uma Proposta de Resolução que propõe a criação de tarifas promocionais entre 1 de Setembro e 31 de Maio. É bom verificar que é um primeiro passo, embora tímido, porque ficam de fora, naturalmente, os meses em que há mais disponibilidade dos açorianos e dos que nos visitam para viajar inter-ilhas, nomeadamente os meses de Junho, Julho e Agosto.

O próprio Sr. Secretário Regional da Economia afirmou recentemente num jornal de São Miguel que o transporte aéreo tem sofrido profundas e enormes alterações e acrescentou que a política de promoções das diversas companhias aéreas revolucionou também os processos de intermediação. É verdade, Sr. Secretário. É verdade em todo o mundo, só não é verdade nos Açores.

O que já não é, de certo, verdade é que, como o Sr. Secretário Regional afirmou, a Sata Internacional tenha custos por lugar – e cito a sua entrevista – normalmente inferiores a muitas *low-costs*. Não é verdade, Sr. Secretário, o senhor sabe muitíssimo bem que isso não é verdade. Espero que não seja acusado de gralha ou má interpretação das suas palavras para o jornal, mas aquilo que o senhor afirmou não é verdade.

**Secretário Regional da Economia (Duarte Ponte):** Telefone para o Presidente da Sata!

**O Orador:** O custo médio de uma tarifa praticada pelas companhias chamadas *low-costs* é de 60 euros para uma viagem de três horas. O que significa que numa viagem de ida e volta, o custo médio é de 120 euros, mais taxas, naturalmente.

A Sata Internacional pratica, numa viagem de ida e volta de duas horas, Açores/Lisboa – Lisboa/Açores, uma tarifa publicada de 194 euros, o que representa muito mais do que o dobro do que cobram e praticam as companhias *low-cost*. Isto, ainda sem considerar os 87 euros que são pagos, pela República, por cada passageiro nos Açores, residente ou estudante.

Não se podem dizer inverdades, sob pena de confundir todos os açorianos, inverdades essas que bastará uma simples consulta a um site de uma *low-cost* para verificar que são inverdades perfeitamente absurdas.

Volto ao princípio da intervenção, referindo que esta Proposta de Resolução tem o mérito de abrir uma brecha no muro de incoerências que o Governo Regional tem praticado e insiste em praticar em tudo o que se relaciona com o transporte aéreo.

Obrigado.

**Presidente:** Tem a palavra o Sr. Deputado Lizuarte Machado.

**(\*) Deputado Lizuarte Machado (PS):** Sr. Presidente da Assembleia, Sras. e Srs. Deputados, Sra. e Srs. Membros do Governo Regional:

A Proposta de Resolução do PP agora em análise e que em boa hora foi apresentada e chegou a esta casa, que pretende recomendar ao Governo o estabelecimento de tarifas promocionais nos voos da Sata Air Açores para residentes tem, naturalmente, o apoio do Grupo Parlamentar do Partido Socialista. O que está em discussão é a proposta, não é o autor.

De resto, esta proposta enquadra-se numa política mais vasta, relativa ao tarifário aéreo, que inclui também tarifas especiais para os nossos emigrantes nos Estados Unidos e no Canadá e respectivas bagagens e, também, pacotes turísticos para idosos. É perfeitamente clara a proposta, faz referências que são, obviamente, muito pertinentes relativamente àquilo que é desejável para o tráfego interno e para o movimento interno dos nossos residentes.

Pouco mais há a dizer relativamente à proposta, a não ser que é bem vinda e que se enquadra, também, nos objectivos do Governo e do Partido Socialista.

Queria, ainda, na sequência desta proposta e relativamente ao que afirmou o Deputado Jorge Macedo, dizer o seguinte:

Relativamente ao custo das passagens eu gostava de ver – sinceramente ainda não vi e por isso ainda não contestei, como é óbvio, não posso contestar sem ver – o estudo e as contas que o PSD fez relativamente às propostas de redução de 20 e 25%.

**Deputado Jorge Macedo (PSD):** O senhor diz sempre isso! Solicite-as!

**O Orador:** Eu gostava de ver as contas para poder, obviamente, pronunciar-me sobre elas, porque acho essas contas, no mínimo, estranhas e lembro, apenas, uma questão muito simples: o Grupo Sata anunciou, para o ano de 2007, um resultado ainda não consolidado

que andará à volta de quatro milhões de euros, cerca de 2%, mais ou menos ou pouco menos de 2%, do volume de negócios do Grupo. Portanto, não estou a ver como é que estas reduções de 20 e de 25% não deixariam de afectar o Grupo, que é fundamental, neste momento, para a Região e para a projecção da Região no exterior, não só internamente mas também no exterior. Não estou a ver como é que isso não afectaria o Grupo, a não ser que se tenha como objectivo um Grupo Sata igual, nas condições, na penúria, na miséria, ao que tínhamos na primeira vez que o Partido Socialista ganhou eleições em 1996.

Muito obrigado.

**Vozes de deputados da bancada do PS:** Muito bem! Muito bem!

**Presidente:** Muito obrigado Sr. Deputado. Tem a palavra o Sr. Secretário Regional da Economia.

**(\*) Secretário Regional da Economia (Duarte Ponte):** Eu gostaria de realçar o realismo e a forma como foi proposta esta Resolução por parte do CDS/PP.

Como foi anunciado pelo Sr. Presidente do Governo Regional aquando da discussão do Plano, vamos efectivamente, e já tivemos conversações com a Sata, mal esteja aprovada esta Resolução, anunciar o conjunto de tarifas promocionais que entrarão em vigor imediatamente, provavelmente em finais de Fevereiro ou princípios de Março, mal esta Resolução esteja aprovada e que funcionarão, de facto, de 1 de Setembro a 31 de Maio.

É uma falha que existia no nosso sistema tarifário, que sempre funcionou assim. As pessoas, nos Açores, em relação ao tarifário inter-ilhas e em relação ao continente, estavam habituadas e sempre foram habituadas a ter uma tarifa que lhes permite não aparecer no aeroporto, alterar a passagem quando pretendem e não serem penalizadas por isso. Qualquer tarifa destas, numa companhia aérea regular, é uma tarifa extremamente cara. Uma tarifa promocional será uma tarifa com restrições mas, como há pessoas que pretendem ter essas tarifas com restrições, vamos dar esse grau de liberdade a essas pessoas.

Quanto ao Sr. Deputado do PSD, devo dizer que o PSD esteve vinte anos no governo – vinte anos no governo – e durante esses vinte anos nada praticou neste sentido.

Os aviões que nós temos neste momento são os mesmos que os senhores compraram. Os tripulantes e os pilotos que nós temos a voar inter-ilhas, alguns deles foram contratados no vosso tempo. Não me consta que os seus salários sejam menores.

**Deputado Jorge Macedo (PSD):** Há quantos anos é que foi?

**O Orador:** Foi há doze anos, Sr. Deputado.

Naquele tempo, as vossas passagens aumentavam sempre, sempre acima da inflação – mas sempre acima da inflação.

Neste momento, as passagens que temos inter-ilhas são, efectivamente, muito mais baixas. Apesar do aumento dos combustíveis, nós temos tarifas muito mais baixas.

Sr. Deputado, não queira confundir uma proposta sensata do CDS/PP com a sua proposta irreflectida, demagógica e irresponsável, que nem sabe fazer contas, em que diz que cinco milhões de euros dão para fazer uma baixa de 20%. Esqueceram-se simplesmente de uma coisa tão simples: dos encaminhamentos. Sem os encaminhamentos que existem não é possível fazer essa baixa. Mas quando baixar 20% vai baixar 20% dos encaminhamentos que recebe da República. Portanto, o dinheiro que colocou lá não dava para fazer essa baixa de 20%.

**Deputado Jorge Macedo (PSD):** Não precisa sequer de cinco milhões!

**O Orador:** Não sabem fazer contas, paciência. Não conhecem os dossiers, paciência. Vão precisar de mais anos na oposição para aprenderem. Precisam de muito mais anos para aprenderem.

O Sr. Deputado não percebeu uma coisa muito simples: a diferença entre um mercado que tem elasticidade e um mercado que não tem, Sr. Deputado.

O senhor tem um *low-cost* que faz uma ligação entre Londres e Lisboa, se ele tem uma taxa de ocupação de 70%, todas as pessoas que vierem preencher até aos 100% é lucro. Na Região Autónoma dos Açores, com um mercado tão pequeno, se nós colocarmos mais pessoas hoje, amanhã não as temos, porque o mercado é pequeno. É tão simples quanto isso. Quanto àquilo que eu lhe disse, de nós termos preços por lugar em média inferiores a muitas *low-cost*, a realidade é esta: nós estamos a competir com elas, mesmo cá dentro. Nós já voamos para Estocolmo, em competição com a Sol Resort, a Sol Resort ou contratava a Sata ou contratava a Finnair, ou a Scandinavian Airlines. A ACA Flight, que é da TUR, está a voar para a Terceira. Mas nós estamos a voar para o *ship hall* de Ponta Delgada porque temos preços competitivos.

O senhor esquece-se que nós estamos, na realidade, a competir com todas as *low-cost* que existem neste mundo. Não sabe o que nós sabemos. O senhor tem muito para aprender, paciência. Também tem muitos anos para aprender.

Sr. Deputado, na filosofia que estamos a implementar, que já implementámos com o mercado norte-americano, aquilo que propusemos ao Governo da República e que muito rapidamente também será resolvido a nosso contento, vamos fazê-lo na Região Autónoma dos Açores.

Mal esteja aprovada esta Resolução, o Governo Regional irá publicar um novo tarifário com tarifas promocionais de 1 de Setembro a 31 de Maio, em combinação e em concertação com a Sata Air Açores.

Muito obrigado.

**Presidente:** O Sr. Deputado Jorge Macedo tem a palavra.

**(\*) Deputado Jorge Macedo (PSD):** Sr. Presidente da Assembleia, Sras. e Srs. Deputados, Sra. e Srs. Membros do Governo Regional:

Este Governo já não tem remédio e já não tem remédio porque durante pelo menos três anos esteve agarrado às teorias do “isso não é possível, os senhores não percebem nada disso”. Ouvimos repetidamente nesta Assembleia que os senhores sabem tudo, os senhores é que são os sábios e todos os outros não percebem nada disto. Da sua boca já ouvi a conversa “não percebem nada disso” talvez mais de uma dúzia de vezes. As conversas e os argumentos, quando são fracos e quando são parcos, acontece que o melhor argumento é dizer “vocês não sabem nada disso”.

**Secretário Regional da Economia (Duarte Ponte):** O senhor nem sequer percebe o que é o encaminhamento.

**O Orador:** Já ouvi conversas desse género acerca de futebol e de política em outros locais, embora dignos, que não nesta casa.

Julgo que não fica bem estarmos a acusar-nos mutuamente de sabermos ou não determinada matéria. Vamos discutir as questões e, depois, do fruto das discussões, da consequência das discussões, os açorianos tirarão as respectivas ilações.

**Secretário Regional da Economia (Duarte Ponte):** Isso é demagogia barata.

**O Orador:** Agora, relativamente a transportes, este Governo já não tem remédio. Durante mais de três anos disse que não era possível. Agora já é um bocadinho possível.

**Secretário Regional da Economia (Duarte Ponte):** Exactamente.

**O Orador:** Durante três anos disse que não era possível haver tarifas promocionais e Pax para os Açores. Este ano ainda não conhecemos as regras do serviço público. Na Madeira já

foram publicadas, para os Açores devem estar em vias de, pelo menos já deviam ter entrado em vigor em 1 de Janeiro, mas deve estar para breve, vamos aguardar. O Sr. Secretário já aqui traçou as linhas gerais, mas este ano, sim, perante a pressão da sociedade civil, perante a pressão do PSD, já é possível tarifas Pax e já é possível tarifas promocionais. Antes não era possível.

*(Aplausos da bancada do PSD)*

Ou seja, Sr. Secretário Regional da Economia, com o tempo os senhores iam lá, mas é que já vai faltando tempo para os senhores irem lá.

**Deputado Clélio Meneses (PSD):** Muito bem!

**O Orador:** O que significa que, melhor do que tudo, melhor do que os seus argumentos de que “os senhores não percebem nada disso”, é afirmar questões que sejam verdade.

O que o senhor diz aqui, “apesar de uma maior versatilidade das companhias aéreas designadas de *low-cost*” – e estou a citar – “o custo global por lugar dessas companhias não difere muito das companhias regulares”. Depois acrescenta: “a Sata Internacional tem custos inferiores a muitas *low-cost*”.

Faltava acrescentar, para corresponder àquilo que o senhor disse, mas que aqui não quis dizer, porque convinha o subterfúgio, o seguinte: “nós fazemos isso, mas não é para Lisboa, nós fazemos isso é para Londres, nós fazemos isso é para fora de Portugal”.

**Secretário Regional da Economia (Duarte Ponte):** Sr. Deputado, volto a dizer que o senhor não percebe nada disso!

**O Orador:** Sr. Secretário, os açorianos, em primeiro lugar, querem chegar a Lisboa. Depois, querem voar para Londres, querem voar para Dublin, querem voar para Roma, querem voar para todos os outros destinos. Em primeiro lugar, no serviço público financiado, subsidiado com 87 euros por cada passageiro residente, querem tarifas mais baratas e é já.

Já vai faltando tempo para os senhores conseguirem resolver essas situações. Continuamos no mesmo discurso: as tarifas não podem baixar, a Sata não pode dar menos um bocadinho do que dá relativamente aos seus resultados operacionais; mas nunca se pergunta: se as tarifas baixassem mais gente podia voar, se mais gente voasse significava que, por exemplo,

as taxas de ocupação poderiam ser ainda superiores, o que significa, também, que a rentabilidade da própria empresa e a rentabilidade de lugar, por cada voo, também podia ser maior. É uma questão de fazer contas para a direita ou fazer contas para a esquerda.

Agora, como as coisas estão neste momento é que ninguém percebe. Com declarações dessas ditas de uma maneira fora do contexto...

**Secretário Regional da Economia (Duarte Ponte):** Elas estão todas certas.

**O Orador:** Fora do contexto, foi o que eu disse. Declarações feitas desta maneira só servem para confundir os açorianos e não abonam em nada a favor deste Governo.

Muito obrigado.

*(Aplausos da bancada do PSD)*

**Presidente:** O Sr. Deputado Artur Lima tem a palavra.

**(\* Deputado Artur Lima (CDS/PP):** Sr. Presidente da Assembleia, Sras. e Srs. Deputados, Sra. e Srs. Membros do Governo Regional:

Vou relembrar apenas o que está aqui em discussão hoje. O que está aqui em discussão hoje é uma Proposta de Resolução do CDS/PP que diz o seguinte: "Resolve recomendar ao Governo Regional dos Açores que promova o estabelecimento de tarifas promocionais nos voos da Sata Air Açores para residentes nos Açores". Naturalmente que este assunto é muito aliciente, dará mais discussão, mas parece-me que não é para este momento.

Não posso deixar aqui de repor a verdade dos factos, como todos – todos, sem excepção – estão bem lembrados nesta casa. Não vou usar, enfim, adjectivos menos elegantes, como foram aqui ontem usados, mas quero repor a verdade dos factos.

A verdade dos factos é que o CDS/PP, numa intervenção que fez nesta casa e, em debate com o Sr. Secretário da Economia, propôs a introdução de tarifas promocionais nas tarifas de residente dos Açores para o continente e vice-versa. Esta é que é a realidade. Esta é que é a verdade.

Na Madeira já existia. Nas nossas tarifas só tínhamos a Y e vamos passar a ter até a E e a C. Porque existem, na Madeira, num contrato de serviço público e não existiam nos Açores.

Nós propusemos – nós propusemos, sublinho – e o Governo propôs ao Governo da República e espero que seja bem sucedido.

Muito obrigado.

**Presidente:** O Sr. Secretário Regional da Economia tem a palavra.

**(\*) Secretário Regional da Economia (Duarte Ponte):** Essa discussão já é antiga, já é velha, mas o Sr. Deputado Jorge Macedo continua a fazer confusão.

Uma coisa são as ligações que nós fazemos com o continente português, que estão sujeitas a regras claras e em que nós não podemos ultrapassar a taxa de ocupação de 75%.

Sr. Deputado, isto tem limitações e porquê? Porque os operadores turísticos pretendem que os aviões nunca estejam demasiado cheios, para poderem sempre, em determinada altura, ter facilidade de marcação de lugares. As *low-cost* não estão sujeitas a essas regras e enchem um avião. Se as pessoas ficam atrás, não lhes interessa. São outras as regras.

Expliquei-lhe, mais uma vez, a elasticidade do mercado. O senhor não quer saber disto, paciência, mas é a realidade. Se eu estou a voar entre Londres e Lisboa, há dezenas de companhias aéreas a voar, também, nesse mercado. Se eu retirar mercado a outra companhia não faz diferença nenhuma.

**Deputado Jorge Macedo (PSD):** A concorrência faz maravilhas!

**O Orador:** Por exemplo, do Faial para Lisboa, se faço uma promoção hoje, amanhã tenho menos pessoas para voar. Portanto, os aviões vão mais vazios. Isso é claro como água, Sr. Deputado. Não há elasticidade de mercado nos Açores. Sr. Deputado, perceba isto, porque isto leva tempo a perceber mas paciência, é a verdade.

Aliás, a Sata Air Açores e a Sata Internacional são companhias nossas, companhias que funcionam bem, graças a Deus. Veja as contas das empresas e verifique se, aí, há grandes lucros e se nós estamos a enganar o povo. Faça a verificação do relatório de contas. Nós não estamos a enganar ninguém. Temos de pagar os salários, temos de pagar os aviões. Nós, quando estamos a competir a nível internacional, temos preços competitivos, mas este mercado é diferente do mercado com que o senhor sonha, que não existe. É, de facto, alguma irresponsabilidade aquilo que o senhor propõe para os Açores. A liberalização de que o senhor fala – de que agora já não fala – é, de facto, uma grande irresponsabilidade.

Mas vamos ao assunto concreto de que estamos aqui a falar.

Açores. Inter-ilhas.

Neste momento, repare-se bem: entre São Miguel e Santa Maria, em 1996, eram 124 euros a preços constantes, agora são 82 euros. Fomos nós que fizemos isto. Apesar dos preços dos combustíveis terem subido, diminuámos cerca de 34%. Não é verdade?

Graciosa/Terceira a mesma coisa, Sr. Deputado. Antigamente eram 124 euros, agora são 82 euros.

Flores/Horta eram 197 euros no seu tempo, no tempo do seu líder, a preços constantes, agora são 82 euros, um desconto de 58%, Sr. Deputado.

**Deputado Jorge Macedo (PSD):** Isso é igual em todo o mundo.

**O Orador:** Mudou o mundo, Sr. Deputado. Os aviões não são os mesmos, as pessoas que estão a viajar não são as mesmas, as pessoas que andam nos aviões não são as mesmas, os custos são menores, certamente, não são os mesmos. A gasolina só para si é que não aumentou.

O mercado mudou. Sr. Deputado, não é assim porque as taxas de ocupação são exactamente as mesmas. Nós, à medida que foi aumentando o mercado, fomos aumentando as frequências, Sr. Deputado, as taxas de ocupação são exactamente as mesmas que eram no vosso tempo. Os aviões são os mesmos, só que o combustível é mais caro. As pessoas hoje ganham mais dinheiro. Nós fizemos descontos substantivos no inter-ilhas.

No vosso tempo, baixavam os combustíveis, vocês subiam as passagens. A empresa que vocês estão a gerir foi em 95 declarada em situação difícil e colocou algumas pessoas de fora.

Nós, felizmente, temos hoje uma empresa saudável, com lucros limitados e moderados, que funciona bem nos Açores. Acreditem que foi difícil fazer essa recuperação. Como foi difícil fazer a recuperação da geotermia, também, como foi difícil fazer a recuperação da EDA. Mas hoje temos um núcleo empresarial público saudável, graças a Deus.

**Deputado Jorge Macedo (PSD):** Graças aos açorianos, que pagam.

**O Orador:** Muito obrigado.

*(Aplausos das bancadas do PS e do Governo.)*

**Presidente:** Tem a palavra o Sr. Deputado Francisco Coelho.

**(\*) Deputado Francisco Coelho (PS):** Sr. Presidente da Assembleia, Sras. e Srs. Deputados, Sra. e Srs. Membros do Governo Regional:

Eu gostaria, em termos políticos, de centrar o debate porque, efectivamente, como há pouco lembrava o Sr. Deputado Artur Lima, o que nós estamos aqui a discutir é uma proposta concreta de tarifas promocionais que foi o PP, efectivamente, o primeiro a referi-las aqui, independentemente de elas virem ao encontro de uma preocupação do Governo. Preocupações essas que têm satisfação à medida que é possível. É essa a responsabilidade e o realismo de quem tem funções de poder executivo.

É bom dizer isso, até porque não se percebe bem a postura do PSD. Não se percebe se o PSD, ao contrário do que indicará, por um lado, o seu voto, que será favorável, está satisfeito ou está insatisfeito. O PSD parece que se dirigiu ao registo de patentes e registou lá, como seu, a verdade, a mudança e o conveniente. Portanto, qualquer coisa, agora, o PSD ou fez, ou já quis fazer, ou até já se tinha lembrado. É bom que se acabe com este discurso, que não é um discurso realista nem verdadeiro e que é um discurso politicamente ridículo. Isso é fundamental e é também fundamental ir desmascarando aqui alguns equívocos.

O Sr. Deputado Clélio Meneses, por exemplo, a respeito da audição do Director Regional da RTP Açores, dizia a um jornal da Terceira, creio não ter visto se a iniciativa era boa ou má, mas que obviamente a lei tinha isto porque o PSD tinha proposto.

**Deputado Clélio Meneses (PSD):** É falso!

**O Orador:** É o que diz o Diário Insular de hoje. Não, realmente é falso, Sr. Deputado, há um equívoco, com certeza, porque vamos ao diário das sessões e o que vemos é que essa proposta, o n.º 5 do artigo 5.º, foi proposta pelo Partido Socialista e, na Assembleia da República, o Partido Social Democrata votou contra. É isso, Sr. Deputado, que nós vemos no diário das sessões. Portanto, é bom que o PSD não queira nacionalizar a verdade, a conveniência e a virtude, o que é sempre totalitário. Aquilo que o PSD tiver de bom há-de ser reconhecido. Aquilo que os outros têm de bom é bom deixar aos outros. É bom acabar com esta ideia totalitária de querer nacionalizar a verdade e a virtude, o que sempre deu, ao longo da História, tão maus resultados.

Muito obrigado.

*(Aplausos das bancadas do PS e do Governo)*

**Presidente:** O Sr. Deputado Clélio Meneses tem a palavra.

**(\*) Deputado Clélio Meneses (PSD):** Sr. Presidente da Assembleia, Sras. e Srs. Deputados, Sra. e Srs. Membros do Governo Regional:

Para um esclarecimento, na sequência da intervenção do Sr. Presidente do Grupo Parlamentar do PS.

De facto, numa pergunta a um órgão da comunicação social sobre esta matéria foi referida a importância da audição. Foi referido, conforme informação dos membros do PSD que fizeram parte da comissão que avaliou esse diploma, que o PSD devia ter tido também a iniciativa de avançar com isso. Foi isso que foi dito, na sequência da informação dos deputados do PSD dessa comissão.

Obviamente que é assim, Sr. Deputado. A não ser assim, a verdade está sempre acima de tudo, quando é para uns é para outros. Nenhum “parente nos cai na lama” por assumirmos o que quer que seja porque, para nós, para além da nossa posição pessoal está sempre, acima de tudo, a verdade. Foi sempre assim, quer quando exigimos para os outros, quer quando queremos para nós.

Neste caso concreto, o que afirmámos, numa mera notícia de jornal, uma pergunta pelo telefone, foi da importância disso e que o PSD estava de acordo, tanto que estava de acordo que tinha sido proponente da iniciativa dos órgãos de comunicação social, a esse nível, serem ouvidos na Assembleia. Foi apenas e só isso.

Agora fazer disto o caso que o Sr. Deputado Francisco Coelho quis fazer é a demonstração que, relativamente a este caso concreto das tarifas e relativamente à questão política regional, o Partido Socialista não tem argumentos válidos que façam sustentar a sua posição.

**Vozes de deputados da bancada do PSD:** Muito bem! Muito bem!

**Presidente:** Tem a palavra o Sr. Deputado Francisco Coelho.

**(\*) Deputado Francisco Coelho (PS):** Sr. Presidente da Assembleia, Sras. e Srs. Deputados, Sra. e Srs. Membros do Governo:

Eu não quero gastar mais do nosso precioso tempo com esta questão mas, apesar de tudo, há aqui que esclarecer, Sr. Deputado Clélio Meneses, que eu quis dar aqui um exemplo e com certeza que se tratou de um equívoco da sua parte.

O que eu disse e reafirmo, Sr. Deputado, é que estamos falando, como é óbvio, de uma Proposta de Lei de competência da Assembleia da República e o que eu disse, e reafirmo, e pode ser compulsado no diário das sessões, é que o n.º 5 do artigo 5.º dessa lei, que é exactamente o que estipula a audição dos directores regionais dos centros por parte da Assembleia Legislativa foi, na Assembleia da República, proposto pelo Partido Socialista e mereceu o voto contra do PSD. Disse-o e reafirmo-o. Isto terá sido proposta da Assembleia Legislativa, terá sido também proposta do Governo Regional, terá sido proposta e foi, formalmente, uma proposta do Partido Socialista que o PSD, na Assembleia da República, votou contra.

Tudo isto tem a ver talvez com uma outra coisa, Sr. Deputado Pedro Gomes, que também é importante, é que não é o ser primeiro ou não que conta. Há aqui uma preocupação do PSD com direitos de autoria que é excessiva, que é exagerada, que revela insegurança e que, algumas das vezes, necessariamente, até corre o risco de atropelar a verdade. É para isso que se chama a atenção. Talvez seja mais importante a substância, se o PSD concorda com as tarifas promocionais tem todo o direito de concordar, votará com certeza em conformidade e os açorianos farão o seu juízo, mas talvez fosse bom, em nome da verdade, da transparência, da democracia e das regras da boa convivência democrática, que o PSD não sentisse para isso a necessidade de pioneirismos que, se calhar, não tem, de invejas de outros que, se calhar, lhe fica mal. Há lugar para todos, de acordo com o mérito que o povo soberano há-de reconhecer a cada um, na hora certa.

Muito obrigado.

**Voices de deputados da bancada do PS:** Muito bem! Muito bem!

**Presidente:** Não havendo mais inscrições, concluímos o debate desta Proposta de Resolução. Assim sendo, passamos à votação.

Os Srs. Deputados que concordam com a Proposta de Resolução que "Resolve recomendar ao Governo Regional dos Açores que promova o estabelecimento de tarifas promocionais nos voos da Sata Air Açores para residentes nos Açores", por favor mantenham-se como se encontram.

**Secretário:** O Projecto de Resolução foi aprovado por unanimidade.

**Presidente:** Srs. Deputados, vamos iniciar o ponto três da agenda, **Projecto de Decreto Legislativo Regional – "Cria o complemento para aquisição de medicamentos pelos idosos (COMPAMID)"**, apresentado pela Representação Parlamentar do CDS/PP.

Tem a palavra o Sr. Deputado Artur Lima.

**(\*) Deputado Artur Lima (CDS/PP):** Sr. Presidente da Assembleia, Sras. e Srs. Deputados, Sra. e Srs. Membros do Governo:

O CDS/PP, hoje, está profundamente orgulhoso. Como está o CDS/PP estão os açorianos, está o Partido Socialista, que foi acusado de cúmplice e está, naturalmente, o Governo. Presumo que outros também estarão.

De facto, esta é que é uma medida estruturante, uma medida útil, uma medida que dá mais a quem mais precisa. Quem mais precisa, dizem os estudos, são os idosos, sobretudo aqueles que vivem sós e sobretudo aqueles que têm mais de 70 anos, que são os que consomem mais medicamentos, diz a OMS.

Ora esta Proposta de Decreto Legislativo Regional vem, efectivamente, dar mais a quem mais precisa e vem dar mais apoio para a aquisição de medicamentos, para a aquisição de medicamentos comparticipados no âmbito do Serviço Regional de Saúde. Vem abranger milhares de pensionistas.

Tem, também, ainda, para nós, que reflectidamente preparámos esta proposta, uma grande virtude que é esta: estimular a prescrição de genéricos por parte dos médicos. Trata-se quase de uma dupla poupança. Trata-se, efectivamente, de uma dupla poupança.

Trata-se de um apoio que é dado todos os anos – todos os anos – com a pensão do mês, em princípio, de Maio, em que os idosos ficarão com um crédito na farmácia para, ao longo do ano, irem adquirindo os seus medicamentos.

Dir-me-ão que veio tarde, mas veio, apareceu.

Dir-me-á talvez alguém que, enfim, já devia ter vindo há dez anos, mas eu também posso dizer que, durante vinte, não apareceu nada, quando os protagonistas de hoje são os mesmos de ontem.

É um complemento para aquisição de medicamentos – e só de medicamentos – sujeitos a receita médica e que é personalizado em função do utente, para não haver fraude e para ser rigoroso. É uma medida inédita, inovadora, nos Açores e em Portugal.

Trata-se de mais uma postura que este partido tem tido, o CDS/PP, que respondeu a um desafio, aliás público, sem segredos, do Presidente do Governo Regional dos Açores, que desafiou a oposição a apresentar propostas que melhorassem o orçamento da Região Autónoma dos Açores. Foi isso que fizemos, com humildade.

Preparámos a nossa proposta, que já vinha sendo preparada há algum tempo, uma proposta reflectida e muito ponderada, e tendo a consciência de que não é possível dar tudo a todos ao mesmo tempo. Foi o possível, mas este possível é muito.

Fomos ao Presidente do Governo Regional dos Açores. Entendemo-nos com o Governo Regional dos Açores e com a maioria socialista que, em abono da verdade, não precisava do nosso voto para coisíssima nenhuma, quando se diz aí que foi uma troca. Não foi troca coisíssima nenhuma, o Sr. Presidente do Governo não exigiu nada em troca ao CDS/PP. O Presidente do Governo e a maioria reconheceram a justiça e a utilidade desta proposta, de um partido que é cada vez mais útil aos açorianos e de um partido que, cada vez mais, é o líder qualitativo da oposição, de uma oposição construtiva, de uma oposição responsável, de uma oposição a favor dos açorianos, porque não fomos pedir nada para o CDS/PP, não fomos negociar nada para o CDS/PP, nem às escondidas.

Fomos acusados de ir “de mão estendida e chapéu na mão”. Pois eu devo dizer: foi pena só ter duas mãos e um chapéu porque, se calhar, se tivesse levado mais, talvez os açorianos hoje tivessem mais, com a humildade do CDS/PP e com a humildade do Governo. Não temos problemas de estender a mão ao Governo quando estas medidas forem a favor dos açorianos, a favor de quem mais precisa, a favor dos idosos. Não temos esse problema, somos uma oposição responsável. Tanto somos uma oposição responsável, que o Governo Regional dos Açores reconheceu a justiça desta proposta e não teve, a maioria que o suporta, nenhuma dificuldade em a aceitar e aprovar.

Para concluir, quando as propostas são boas o Governo e a maioria, naturalmente, também as aceitam.

Queria, mais uma vez, sublinhar aqui o espírito de humildade democrática do Governo e do CDS/PP, que deram um exemplo de como se deve fazer política. Fizemo-la bem e fizemo-la sempre a favor dos açorianos, que é para isso que cá estamos. Porque um partido político não deve existir apenas para almejar o poder, mas para intervir civicamente e para intervir a favor daqueles que o elegeram. É esse, também, um desígnio da democracia e dos partidos.

Muito obrigado.

**Presidente:** Antes de passar a palavra à Sra. Deputada Nélia Amaral, quero informar a câmara que se encontra entre nós, acompanhando os nossos trabalhos, o Sr. Deputado à Assembleia da República, o Dr. Paulo Portas, a quem saúdo em nome desta câmara.

*(Saudação da câmara ao Sr. Deputado à Assembleia da República, Paulo Portas)*

**Presidente:** Sra. Deputada Nélia Amaral, tem a palavra.

(\*) **Deputada Nélia Amaral (PS):** Sr. Presidente da Assembleia, Sras. e Srs. Deputados, Sra. e Srs. Membros do Governo:

O Grupo Parlamentar do Partido Socialista vai votar favoravelmente esta Proposta de Decreto Legislativo Regional, por considerar que ela se enquadra na política de solidariedade social que os governos do Partido Socialista têm vindo a prosseguir nos Açores, nomeadamente no que concerne à política de apoio à população mais idosa.

Já tenho dito, por repetidas vezes, nesta casa, que a política de solidariedade social dos governos do PS assenta numa perspectiva de pobreza e de exclusão social como fenómenos multifactoriais, assumindo uma intervenção igualmente multifacetada.

Reconhecemos que os idosos são um dos grupos mais vulneráveis a fenómenos de pobreza e de exclusão social e, por isso mesmo, elegemo-los como um dos grupos-alvo de um vasto leque de apoios que têm ido de encontro às suas necessidades específicas e que contribuem para o risco de exclusão.

Assim, tem-se verificado nos Açores, e no âmbito desta perspectiva, uma proliferação de serviços e de apoios que visam dar resposta a essas necessidades específicas da população idosa. Necessidades económicas mas, também, necessidades de crescente fragilidade física, também necessidades específicas no âmbito da saúde, de progressiva perda da autonomia pessoal e social, de redução da rede familiar e da rede social de apoio, que muitas vezes levam a situações de isolamento e de solidão.

Na Região tem-se assistido a uma proliferação de apoios específicos, destinados a dar resposta a estas mesmas necessidades, que vão desde a prestação de cuidados continuados, a lares para idosos com níveis mais elevados de dependência, até às residências assistidas, à diversificação do apoio domiciliário, ao complemento de pensão, à criação de centros de dia

e de noite, à majoração da comparticipação, por parte do Estado, na aquisição de medicação para pensionistas com rendimentos iguais ao salário mínimo nacional, ao apoio na aquisição de medicamentos no âmbito do apoio a situações de precariedade económica, para referir apenas algumas das medidas que têm sido implementadas na Região.

É neste contexto que o Grupo Parlamentar do Partido Socialista aprova esta iniciativa legislativa do CDS/PP, por considerar que se enquadra na política social de apoio ao idoso que o Governo tem vindo a prosseguir e que propõe criar um apoio específico para uma população específica, para um objectivo claramente definido e que assim complementa os objectivos do programa do Governo que nós aprovámos nesta casa.

*(Aplausos das bancadas do PS e do Governo)*

**Presidente:** O Sr. Secretário Regional dos Assuntos Sociais tem a palavra.

**(\*) Secretário Regional dos Assuntos Sociais (Domingos Cunha):** Muito obrigado, Sr. Presidente da Assembleia.

Sr. Presidente, Sras. e Srs. Deputados, Sra. e Srs. Membros do Governo Regional:

O Governo do Partido Socialista acolheu esta proposta do CDS/PP na sequência do desafio que foi aqui anteriormente lançado pelo Sr. Presidente do Governo, quando da votação do Plano e Orçamento, em que desafiou os partidos da oposição a contribuírem para melhorar esses documentos. O CDS/PP, entre outros projectos, apresentou este que agora está em discussão.

Apraz-me registar esta oposição responsável e esta proposta equilibrada, que vem, indiscutivelmente, ao encontro daquilo que é mais e melhor solidariedade social para com aqueles que são mais vulneráveis ou que, evidentemente, possam estar em situações de risco.

**Secretário Regional da Presidência (Vasco Cordeiro):** Muito bem!

**O Orador:** Por isso mesmo, independentemente das medidas que já existem a nível da Região, dos subsídios de precariedade aplicados aos pensionistas com idade igual ou superior a 65 anos, que nos últimos sete anos já abrangeu, em média, cerca de 4500 idosos, o que ronda um investimento de cerca de 1,5 milhões de euros, o que é certo é que este documento é um documento objectivo, é um documento perfeitamente aplicável e que vem

de encontro às necessidades identificadas no âmbito da política dos idosos com mais de 65 anos no apoio à aquisição de medicamentos. Isto para dizer que estas situações identificadas na proposta do CDS/PP não carecem de outra alteração ou de qualquer outra modificação, porque desde sempre há um conjunto de situações de problemas de saúde ou de doenças que estão perfeitamente identificadas em legislação nacional, isto é, benefícios especiais e particulares para um conjunto de quarenta problemas de saúde e de doenças que já têm apoios diversificados, que estão aplicados imediatamente na Região por força de um despacho de 1999.

Por isso, penso que esta é uma proposta equilibrada, exequível e que o Governo dos Açores acolhe com toda a sua simpatia e elogia esta responsável proposta.

Muito obrigado.

**Presidente:** Tem a palavra o Sr. Deputado Luís Henrique Silva.

**Luís Henrique Silva (PSD):** Sr. Presidente da Assembleia, Sras. e Srs. Deputados, Sra. e Srs. Membros do Governo Regional:

Os portugueses têm as pensões mais baixas da Europa e associam a idade da reforma a doença, velhice e dificuldades financeiras.

Portugal é o país europeu com as pensões mais baixas, a seguir à Hungria e à República Checa, e com um desfasamento de menos 109 euros entre o que é recebido e o montante que seria necessário para fazer face às despesas domésticas.

Na generalidade dos países, reforma significa decréscimo do rendimento. Em Portugal esta realidade é ainda mais aguda. No nosso país, existem as piores expectativas sobre a evolução da qualidade de vida nesta fase de reformados.

O montante poupado por mês para a reforma pelos portugueses está, no entanto, acima dos países do Sul da Europa, apesar dos rendimentos portugueses serem significativamente mais baixos.

Os portugueses consideram que o seu sistema de Segurança Social está numa situação caótica. Há razões para que o PSD vote favoravelmente esta proposta, mas há, também razões mais que suficientes para que apresentemos propostas de alteração a esta proposta de apoio aos reformados na aquisição de medicamentos.

Não nos conformamos com a exclusão, neste benefício, dos deficientes, dos reformados por invalidez, dos beneficiários de pensão de sobrevivência e dos carenciados. Por isso, a nossa proposta pretendemos que seja inclusiva.

Propomos incluir todos aqueles que tenham reformas que não ultrapassem, anualmente, doze vezes o valor da atribuição mínima mensal, garantida em vigor na Região Autónoma dos Açores.

**Deputado Clélio Meneses (PSD):** Muito bem!

**O Orador:** O PSD é da opinião que devemos incluir os deficientes, incluir os reformados por invalidez e todos os que, independentemente da idade, tenham tanta ou mais necessidade que os cidadãos que são contemplados nesta proposta do Partido Popular.

Em 2006 tínhamos um total de 47.924 pensionistas; sendo que 24.489 eram pensões de velhice, 14.692 pensões de sobrevivência e 8.743 pensões por incapacidade.

Com esta proposta do partido Popular, ficam excluídos de apoios à aquisição de medicamentos cerca de 14.000 pensionistas.

Entre estes, estarão muitos reformados com pensões por invalidez, que naturalmente têm maiores necessidades de medicamentos, tal como muitos deficientes que auferem rendimentos baixíssimos, até inferiores à média regional, o que acontece também com os beneficiários de pensões de sobrevivência com menos de 65 anos.

Que explicação darão os senhores deputados aos açorianos que têm reformas por invalidez baixíssimas e que não estão contemplados nestes apoios à aquisição de medicamentos?

Que justificação terão os senhores deputados para se cometer a injustiça de pessoas do mesmo modo carentes, com as mesmas reformas, atribuir-se a umas os apoios à aquisição de medicamentos e aos outros ser-lhes negado este mesmo apoio.

O PSD defende que a cidadãos nas mesmas dificuldades devem ser atribuídos os mesmos apoios. Para carenciados iguais, apoios iguais.

Disse.

**Voices de deputados da bancada do PSD:** Muito bem! Muito bem!

*(Aplausos da bancada do PSD)*

**Presidente:** Tem a palavra o Sr. Deputado Francisco Coelho.

**(\*) Deputado Francisco Coelho (PS):** Sr. Presidente da Assembleia, Sras. e Srs. Deputados, Sra. e Srs. Membros do Governo Regional:

Não há dúvida e temos hoje uma prova disso aqui, em democracia a oposição é, quase sempre, útil. O Partido Socialista, que se orgulha muito, também, da sua história e dos seus anos de oposição, sabe-o por experiência própria.

Em democracia a oposição, felizmente, também tem poder. Tem o poder de denúncia, tem o poder de propositura, tem representação parlamentar, em muitos casos, tem iniciativa legislativa. Quando a oposição sabe usar o poder que o povo, em cada momento, lhe dá, sabe ler o quadro da situação política e sabe ir de encontro àquilo que é a sua sensibilidade mas que pode ser, também, uma sensibilidade comum e maior, independentemente das denominações, das palavras, que cada um, a cada tipo de política ou ao mesmo tipo de política, chama, então a oposição, mais do que em termos formais, está a ser substantivamente útil, está a ser substantivamente actuante e está a beneficiar a democracia e a sociedade que serve. Creio que foi esse o caso e é, nitidamente, o caso desta proposta do CDS/PP que, conforme já vimos, se insere e é coerente, independentemente da terminologia por cada um dos partidos usada, com toda uma política de solidariedade social que o Governo do PS vem prosseguindo e que ficou bem clara, quer na intervenção do Sr. Secretário Regional dos Assuntos Sociais, quer na da Sra. Deputada Nélia Amaral.

Quando assim é, também à maioria e ao Governo, com humildade democrática, com sentido de serviço, não custa reconhecer que a oposição foi útil e não custa juntar-se-lhe, até porque como a maioria, tal como os açorianos, também sabem, a responsabilidade do que passa nesta casa, de bom e de mau, em última análise e sempre, poderá e será também assacada à maioria que não se pode, de maneira alguma, livrar dessa responsabilidade.

Portanto, este momento que aqui vivemos, é um momento importante. É um momento importante para o Governo e para o Partido Socialista. Se é um momento importante para outros partidos, ainda bem. Desde que seja, como será, um momento importante, com consequências importantes, palpáveis, para muitas pessoas, pessoas essas que, concordamos com o diagnóstico feito pelo Sr. Deputado Artur Lima, têm situações de fragilidade objectiva a diversos níveis e precisam deste tipo de solidariedade. Agora, é preciso entendermos isto com este espírito, com esta boa-fé, com esta sinceridade, com esta abertura.

Eu lamento que, mais uma vez, o Partido Social Democrata revele aqui uma grande dificuldade, uma imensa dificuldade em ter, a respeito de qualquer medida positiva, um gozo perfeito. Há sempre qualquer coisa que interrompe a felicidade política do PSD. Ou porque nunca chega, porque agora que está na oposição, aquilo que o PSD vê é sempre que podia ser feito mais, é sempre que faltou fazer alguma coisa, isso, nitidamente, acaba por – na perspectiva do PSD – desvalorizar o bom que se está a fazer ou, até, dar uma ideia pior, de que o que verdadeiramente é valorizado pelo PSD é outra coisa que não a substância das propostas que, efectivamente, estão sendo aprovadas.

Creio que o Sr. Secretário Regional dos Assuntos Sociais foi bem claro ao explicar porque é que não faz sentido estender esta proposta aos cidadãos portadores de deficiência. Há um conjunto de regimes e há um conjunto de regulamentação administrativa que já os cobre. Depois, até, em nome da dignidade dos cidadãos portadores de deficiência, há que reconhecer que há diversos tipos, diversos graus e, com certeza, situações absolutamente diversas, também, dessa deficiência.

Portanto, o diploma será aprovado por esta maioria, será aprovado dentro da razoabilidade e da sensatez e nos moldes em que foi proposto, em que foi negociado e temos a certeza – Governo, maioria e CDS/PP – que estamos, hoje, mais uma vez, com esta medida, a fazer o nosso trabalho, a dar cumprimento aos nossos contratos e a fazer coisas positivas, coisas úteis, coisas com alcance para uma franja significativa dos cidadãos que servimos e uma franja que deve ser tanto mais cara quanto, é certo, ela tem fragilidades objectivas e são essas pessoas que precisam de um maior cuidado, de uma maior protecção, de uma maior atenção por parte dos responsáveis políticos e da Região.

Muito obrigado.

**Secretário Regional da Presidência** (*Vasco Cordeiro*): Muito bem!

*(Neste momento o Sr. Presidente reassumiu a Presidência da Mesa da ALRAA)*

**Presidente:** Tem a palavra o Sr. Deputado Artur Lima.

**(\*) Deputado Artur Lima** (*CDS/PP*): Sr. Presidente da Assembleia, Sras. e Srs. Deputados, Sra. e Srs. Membros do Governo:

Gostava de perguntar ao Sr. Deputado Luís Henrique Silva se tem noção do que é que são prioridades. Gostaria que me desse um esclarecimento sobre o que é, para si, uma prioridade.

Gostava também de perguntar ao Sr. Deputado Luís Henrique Silva se sabe o que é princípio da justiça, que me desse a sua opinião sobre essa matéria.

Gostava de lhe perguntar o que é princípio da utilidade.

Gostava que o Sr. Deputado Luís Henrique Silva me enquadrasse a proposta do PSD em termos de equidade.

*(Apartes inaudíveis da bancada do PSD)*

**O Orador:** Sr. Deputado, eu posso continuar?

Esta bancada do PSD, nestes últimos três dias, vá-se lá saber porquê, quando eu falo fica exaltada, eles enervam-se, eles ficam assim, um bocadinho desesperados, mas paciência.

Gostaria que o Sr. Deputado Luís Henrique Silva me diga, também, qual foi o regime que deu tudo a todos ao mesmo tempo e ainda existe. Qual é o regime, Sr. Deputado Luís Henrique Silva, que conhece, que tinha por lema dar tudo a todos, igualdade para todos, tudo a todos e ao mesmo tempo? O Sr. Deputado Luís Henrique Silva diga o regime que conhece e se é esse o regime e a política que o PSD defende.

*(Apartes inaudíveis da bancada do PSD)*

**O Orador:** Sr. Presidente, julgo que o Sr. Deputado José Manuel Bolieiro está ansioso por se inscrever neste debate...

Eu estou a fazer, enfim, um pedido de esclarecimentos ao Sr. Deputado Luís Henrique Silva, que espero que me esclareça e depois farei outra intervenção a seguir.

Muito obrigado.

**Presidente:** Tem a palavra o Sr. Deputado Luís Henrique Silva.

**(\*) Deputado Luís Henrique Silva (PSD):** Sr. Presidente da Assembleia, Sras. e Srs. Deputados, Sra. e Srs. Membros do Governo:

Prioridade quer dizer primazia, de tempo, de ordem ou de categoria, Sr. Deputado. Prioridade, Sr. Deputado, é dar a pessoas que têm as mesmas necessidades, as mesmas regalias.

**Deputado Clélio Meneses (PSD):** Muito bem!

**O Orador:** Qual é a prioridade de uma pessoa na reforma, por ter 65 anos, ter direito ao complemento para os medicamentos e uma pessoa de 63 anos, que foi reformada por invalidez, não ter, quando a reforma pode ser igual, ou inferior? Que critérios de equidade estão aqui, Sr. Deputado?

**Deputado Artur Lima (CDS/PP):** Quando chegar aos 65 tem.

**O Orador:** Das 14.692 pessoas com pensões de sobrevivência, 20 a 30% são viúvas reformadas. Qual é a justiça que nós temos de negar, a estas pessoas, a pensão para os medicamentos? Qual é a nossa justiça? Qual é a nossa equidade das medidas?

Das 8.992 pessoas com pensões de sobrevivência, quais são as razões que nos levam a negar o complemento para que eles possam adquirir os medicamentos? Não têm direito?

Ontem, na Assembleia da República, no documento do seu partido, vinha lá referido que 22% das despesas com a saúde, em Portugal, 22%, eram referentes a despesas com medicação. É um assumir aqui que o senhor não quer dar a todos. Eu estou mesmo a atrever-me a dizer que esta é uma medida que pretende não incluir todos, não servir todos aqueles que têm direitos, mas ser uma medida eleitoralista. Essa é que é a intenção dela. Não é incluir todos.

Qual é a justiça de uma viúva não ter o complemento porque tem menos dois anos do que a outra que tem esse complemento? Acho que se calhar as pessoas mais novas têm mais dificuldades, têm filhos dependentes e os que têm 65 anos não têm filhos dependentes. Que critérios de justiça estão na vossa proposta, que não vêm essa justiça na nossa proposta?

**Presidente:** Tem a palavra o Sr. Deputado José Manuel Bolieiro.

**(\*) Deputado José Manuel Bolieiro (PSD):** Sr. Presidente da Assembleia, Sras. e Srs. Deputados, Sra. e Srs. Membros do Governo Regional:

Saudação ao Presidente do Partido Popular nacional, Sr. Deputado na Assembleia da República, os meus cumprimentos.

O debate em análise é uma proposta que procura fazer justiça e no qual o PSD está de acordo. Procura iniciar um processo de inclusão e de tratamento de igualdade. A perspectiva

do PSD nesta matéria foi de acolher positivamente esta proposta. Descobri, no entanto, que esta proposta “ficou às portas do céu” porque afinal, pretendendo e bem ser uma proposta de justiça e de inclusão, acabou por excluir alguns.

A nossa proposta de alteração, votando na generalidade favoravelmente este diploma, é de aperfeiçoamento e para fazer cumprir um objectivo primordial, o de se fazer justiça aos que mais necessidade têm de apoio para os seus medicamentos.

Portanto, quando se avalia o papel da oposição como sendo proponente, responsável, ao serviço e ao cuidado dos mais necessitados nesta matéria, não se pode excluir o Partido Social Democrata quando, no contexto desta iniciativa, também se propõe cumprir um objectivo de justiça e de inclusão.

As contas não estão por fazer porque, na verdade, quando se avalia o universo de pessoas que ficam excluídas da proposta do Partido Popular, são cerca de 14 mil, o que, tendo em conta os valores em causa, não é incompatível com as disponibilidades orçamentais que o Governo Regional propôs para esta matéria. Por isso, a nossa proposta é aceitável sob o ponto de vista orçamental, é aceitável sob o ponto de vista do espírito da proposta inicial do Partido Popular, só não é certo que o Partido Socialista nem o próprio Partido Popular votem favoravelmente as nossas iniciativas de alteração e de aperfeiçoamento porque, mais que um objectivo político de servir os açorianos, tem o objectivo da cumplicidade entre o Partido Socialista e o Partido Popular. Isso é inaceitável.

**Deputado Clélio Meneses (PSD):** Muito bem!

*(Aplausos da bancada do PSD)*

**O Orador:** Se quer cumprir o seu objectivo possamos, então, avaliar as propostas do Partido Popular e incluir pessoas portadoras de deficiência, os pensionistas e, designadamente, os reformados abaixo dos 65 anos que tenham pensões de miséria e estejam no nível, no limiar da pobreza, ainda, na Região Autónoma dos Açores. Isso sim, é sério, e seria um contributo de aperfeiçoamento para cumprir o próprio objectivo que o Partido Popular quis aqui apresentar.

Muito obrigado.

**Vozes da bancada do PSD:** Muito bem! Muito bem!

*(Aplausos da bancada do PSD)*

**Presidente:** Tem a palavra o Sr. Deputado Artur Lima.

**(\*) Deputado Artur Lima (CDS/PP):** Sr. Presidente da Assembleia, Sras. e Srs. Deputados, Sra. e Srs. Membros do Governo:

Obviamente que não fiquei minimamente esclarecido na intervenção do Sr. Deputado Luís Henrique Silva que, prontamente, se socorreu da vice-presidência para vir a terreiro fazer a sua explicação.

Vamos por pontos.

O PSD resolveu fazer hoje aquilo que não fez em vinte anos. Resolveram, hoje, fazer a justiça toda de uma vez, vindo com uma proposta eleitoralista e demagoga. Isto é que é demagogia e eleitoralismo, Sr. Deputado José Manuel Bolieiro. Demagogia e eleitoralismo é o que vem dessa parte. Querem dar tudo a todos, quando sabem que não é possível. Deve saber V. Ex.<sup>a</sup> que um dos princípios é que há necessidades infinitas e recursos finitos.

Agora, o que os açorianos sabem, lá em casa, é que podem contar com o CDS/PP para melhorar e apresentar outras propostas, no futuro, que venham ainda melhorar esta e dar mais apoios, Sr. Deputado José Manuel Bolieiro.

Quero lembrar-lhe que este PSD vota esta proposta com dor, vota com dores, porque lhe dói a consciência. Dói-lhe a consciência de, entre 80 (da Direcção Regional da Segurança Social, passando por Secretário Regional dos Assuntos Sociais) até 88, ter sido o Dr. Costa Neves Director Regional e Secretário Regional da Saúde e não ter feito nada para combater a situação dos açorianos e para dar mais reformas, para dar mais apoios aos medicamentos. Os senhores agora vêm aqui querer fazer tudo de uma vez.

Esta é que a verdade, esta é que é a realidade e essa, por muito que os senhores queiram, os senhores não a podem esconder. Bem que tentam apagar o vosso passado mas não podem.

Já o disse aqui várias vezes e já o disse lá fora: os açorianos podem, eventualmente, estar fartos daqueles senhores mas não se esqueceram; podem, eventualmente, e haverá alguns descontentes, mas o que eles não querem é o regresso ao pior do passado.

*(Aplausos de alguns deputados da bancada do Partido Socialista)*

**O Orador:** Isso eles não querem e isso nós sabemos, não temos dúvidas nenhuma nessa matéria. Não tenho eu, nem têm os açorianos, na rua, com quem falamos.

Depois, eu fico é satisfeito por termos 18 mil incluídos.

O PSD vem pela negativa, com a “ciumeira”. Como veio com a “ciumeira” ao Centro de Oncologia dos Açores, que vai ser melhorado por proposta do CDS/PP, nesta casa, aquando da discussão do Plano e Orçamento. No tempo deles não valia nada, queriam acabar com ele. Ultimamente queriam integrá-lo no Hospital de Angra. Agora é a melhor unidade do mundo, depois de o CDS/PP ter lá ido, ter chamado a atenção, e ter proposto, nesta casa, 100 mil euros para a requalificação do Centro de Oncologia dos Açores. Fazemos sempre mais a favor dos açorianos.

O que os pensionistas que me estão hoje a ouvir sabem é que, com o CDS/PP, se tiver mais força, porque vai ter, no próximo Outubro de 2008, sabem que vão ter mais e melhor, sempre, proposto pelo CDS/PP a favor dos mais desfavorecidos. Porque isto sempre nos preocupou, há muitos anos, desde a nossa fundação.

Agora, eu percebo que quem esteve...

**Presidente:** Agradecia que concluísse, Sr. Deputado.

**O Orador:** Vou concluir, Sr. Presidente.

Eu referi o Dr. Costa Neves mas poderia ter referido o Dr. António Meneses, que herdou a Secretaria Regional da Saúde e dos Assuntos Sociais. O que é que fez, alguém se lembra? Eu não me lembro.

Muito obrigado.

**Vozes de deputados da bancada do PSD:** São pessoas novas, Sr. Deputado.

**Presidente:** Tem a palavra a Sra. Deputada Nélia Amaral.

**(\* Deputada Nélia Amaral (PS):** Sr. Presidente da Assembleia, Sras. e Srs. Deputados, Sra. e Srs. Membros do Governo:

Sr. Presidente, eu presumo que estamos a fazer a discussão na especialidade.

**Presidente:** Na generalidade, Sra. Deputada.

**A Oradora:** Estamos a fazer na generalidade.

Então, na generalidade, eu gostaria de deixar duas perguntas ao Sr. Deputado José Manuel Bolieiro.

As contas, se estão por fazer agora, não estavam feitas em sede de discussão das propostas apresentadas pelo PSD, em sede de Comissão de Assuntos Sociais. O PSD apresentou-se muito preocupado com o impacto da proposta apresentada pelo CDS/PP...

**Deputado José Manuel Bolieiro (PSD):** Se quiserem, a proposta do PSD baixa à Comissão, Sra. Deputada.

**Deputado Artur Lima (CDS/PP):** Isso era o que os senhores queriam.

**A Oradora:** O Grupo Parlamentar do PSD apresentou-se muito preocupado com o impacto do Projecto de Decreto Legislativo Regional apresentado pelo CDS/PP, mas não apresentou igual preocupação quanto ao impacto que as propostas que o próprio Grupo Parlamentar do PSD apresentava em sede de comissão. É de estranhar.

O Sr. Deputado José Manuel Bolieiro diz que esta é uma iniciativa que deixa de fora alguns. Não é, Sr. Deputado. Deixa de fora muitos. Esta é uma proposta que tem um objectivo bem definido, que tem uma população-alvo bem definida, com critérios de elegibilidade claramente definidos. As propostas que os senhores apresentam vêm precisamente desvirtuar esses pontos fortes desta Proposta de Decreto Legislativo Regional. O Grupo Parlamentar do PSD, ao propor a inclusão das pessoas com deficiência nesta Proposta de Decreto Legislativo Regional, também deixa bem claro qual é a vossa perspectiva da população com deficiência. Deficiência não é igual a doença, Sr. Deputado.

Até me surpreende é que na vossa demagogia, essa sim, eleitoralista, não vão mais longe. Porque é que pretendem incluir uma pessoa portadora de deficiência visual e excluem todos os agregados familiares com rendimento *per capita* inferior ao rendimento mínimo nacional ou ao rendimento mínimo em vigor na Região?

**Vozes de deputados da bancada do PS:** Muito bem! Muito bem!

**A Oradora:** Porque é que propõem a inclusão de uma pessoa portadora de deficiência auditiva no âmbito desta medida legislativa e não propõem a inclusão de um desempregado de longa duração que seja portador de uma doença crónica?

**Vozes de deputados da bancada do PS:** Muito bem! Muito bem!

**A Oradora:** Nós propusemos as iniciativas, Sr. Deputado, nós propusemos as alterações que achávamos convenientes, as alterações que achávamos que vinham clarificar o âmbito desta iniciativa e que vinham garantir a operacionalização desta iniciativa que, como já disse, em nosso entender, tem um âmbito claramente definido, tem em conta as

especificidades de um grupo-alvo claramente definido e são essas as virtudes que nós achamos que esta proposta tem e que se enquadra, como já tive oportunidade de referir, nos objectivos de política social que nós prosseguimos.

**Vozes de deputados da bancada do PS:** Muito bem! Muito bem!

*(Aplausos das bancadas do PS e Governo)*

**Presidente:** Tem a palavra o Sr. Deputado Luís Henrique Silva, tem três minutos a partir de agora.

**(\* Deputado Luís Henrique Silva (PSD):** Obrigado, Sr. Presidente da Assembleia.

Sr. Presidente Sras. e Srs. Deputados, Sra. e Srs. Membros do Governo Regional:

O Sr. Deputado Artur Lima disse dar mais a quem mais precisa mas, no fundo, deixa 14 mil de fora. Foi o possível, mas o possível seria a todos e não a alguns.

O Sr. Presidente do Governo não fez nenhuma exigência, aceitou na totalidade a sua proposta. Portanto, a única responsabilidade desta falha, Sr. Deputado, é sua, porque o senhor deixou aqui alguns de fora.

**Deputado Artur Lima (CDS/PP):** Não seja demagogo!

**O Orador:** Ao contrário do que disse a Sra. Deputada Nélia Amaral, nós fizemos as contas, não nos agregados familiares, não nos portadores de deficiência, mas naqueles que já recebem, por alguma razão, subsídios que atribuem o estatuto à pessoa. Não fomos nós que fomos aqui atribuir a um cego o estatuto de deficiente ou não deficiente perante isto. Os números que nós damos, Sra. Deputada, foram os números daquelas pessoas que ou são pensionistas, ou têm pensões de sobrevivência. Nós não fomos alargar o leque, como a senhora quis fazer parecer. Acredite, Sra. Deputada, nós não fizemos alargar o leque.

O que fica aqui provado é que esta proposta deixa de fora 14 mil pessoas com necessidades iguais àquelas que vão receber o complemento e que têm tanto ou mais direito a receber que as outras que ficam de fora. Isso é que fica aqui registado e a culpa é vossa, não é nossa.

**Vozes de deputados da bancada do PSD:** Muito bem! Muito bem!

*(Aplausos da bancada do PSD)*

**Presidente:** Tem a palavra o Sr. Secretário Regional da Presidência.

**(\*) Secretário Regional da Presidência (Vasco Cordeiro):** Sr. Presidente da Assembleia, Sras. e Srs. Deputados, Sra. e Srs. Membros do Governo:

O Sr. Deputado José Manuel Bolieiro, na sua intervenção, invocou alguns aspectos ou utilizou alguns argumentos que demonstram qual é, verdadeiramente, o problema do PSD nesta discussão. O problema do PSD nesta discussão não tem a ver com a proposta, nem tem a ver com a circunstância de quem fica de fora ou de quem fica dentro. Para se perceber o problema do PSD tem de se recuar até à circunstância política em que estas propostas foram, enfim, anunciadas e tratadas.

O Sr. Presidente do Governo desafiou toda a oposição – não desafiou só o PP – a dar contributos, no âmbito da discussão do Plano e do Orçamento, a dar contributos de medidas para o próximo ano.

**Deputado José Manuel Bolieiro (PSD):** O PSD apresentou aqui uma proposta.

**O Orador:** É preciso não esquecer, ou melhor, é preciso relembrar que a reacção do PSD foi que não, que não tinha nada que apresentar propostas, que não queria apresentar propostas. Agora, quando o PP apresenta esta proposta, há todas as acusações, segundo disse o Sr. Deputado José Manuel Bolieiro, de cumplicidade e de medida eleitoralista.

**Deputado José Manuel Bolieiro (PSD):** Eu disse cumplicidade.

**O Orador:** Moral da história...

Eu disse o PSD. O Sr. Deputado Luís Henrique Silva é que utilizou a expressão. Os senhores ainda são um grupo, ou não são?

De qualquer das formas, o PSD utilizou os argumentos de eleitoralista e de cumplicidade. Ou seja, o problema do PSD é, em bom português, um problema de “dor de cotovelo”. É este o problema do PSD nesta matéria.

**Deputado José Manuel Bolieiro (PSD):** Isso é prosaico...

**O Orador:** “Dor de cotovelo”.

Ora, não interessa ao Governo a questão de ser o CDS/PP. Não é isso que está em causa. O CDS/PP continuará, certamente, até Outubro, que é disso que estamos a falar, a ter propostas que não merecerão a concordância do Governo. Da mesma forma que haverá propostas do Governo que merecerão porventura o voto contra do CDS/PP. Mas há algo que

se demonstra nesta discussão: é que Governo, Partido Socialista e CDS/PP, são capazes – são capazes – de encontrar pontos de entendimento, em benefício dos Açores.

Isso é possível por duas razões, que não assistem ao PSD.

Em primeiro lugar, é possível porque o Governo, ao contrário daquilo que tanto clama o PSD, não é autista em relação às propostas da oposição. O Governo está disponível para analisar e aceitar propostas da oposição. O que é preciso é que, como acontece neste caso, estas propostas surjam e tenham, efectivamente, a validade material de serem apreciadas e a validade material de merecerem a concordância.

Em segundo lugar, do ponto de vista da oposição, conforme referia, o facto de surgirem estas propostas e o facto delas serem aceites, da parte do Governo e da parte do partido que o suporta, demonstra exactamente esta postura de abertura e de disponibilidade.

Neste caso concreto, o único que está de fora deste ambiente construtivo é o PSD.

**Deputado Nuno Amaral (PS):** Muito bem!

**O Orador:** Não é o Governo, não é o PS, nem é o PP que estão mal, não se queira agora construir aqui um clima de que há uma cumplicidade. Não senhor, o único que está com o passo fora neste processo é o PSD, porque demonstra ser incapaz de colaborar com o Governo em benefício dos Açores. O problema é esse. O problema é que o PSD prefere prejudicar os açorianos do que colaborar com o Governo. Portanto, desse ponto de vista, o problema político está pura e simplesmente de um lado – no PSD.

É pena que ainda não tenham tido a possibilidade e a capacidade de o ultrapassar. Mas este não é um problema do Governo, este não é um problema do PS, este, julgo eu, também não será um problema do PP, este é um problema única e exclusivamente do PSD.

Muito obrigado.

*(Aplausos das bancadas do PS e do Governo)*

**Presidente:** Tem a palavra o Sr. Deputado Francisco Coelho.

**(\*) Deputado Francisco Coelho (PS):** Sr. Presidente da Assembleia, Sras. e Srs. Deputados, Sra. e Srs. Membros do Governo:

Muito rapidamente, relativamente à última intervenção do Sr. Vice-Presidente José Manuel Bolieiro. Vice-Presidente aqui é uma economia, porque é Vice-Presidente da bancada e

também do partido, não sei se já tive oportunidade de o congratular. Embora atrasado, fica a congratulação.

A sua intervenção teve um mérito inegável, Sr. Deputado José Manuel Bolieiro: é que foi sincera, eu diria mesmo que ela foi, um pouco, um desabafo. Nesse desabafo, ficou claro que o Sr. Deputado José Manuel Bolieiro veio em defesa de quem ficou de fora e falou, dentro daquilo que tem sido e são as propostas de alteração do Partido Social Democrata relativamente a este diploma, da vossa proposta relativamente aos cidadãos portadores de deficiência e disse, de forma absolutamente cristalina, que também o PSD tinha ficado de fora.

Sr. Deputado, não tem nada a ver uma coisa com a outra.

**Deputado José Manuel Bolieiro (PSD):** Tinha ficado de fora mas vai votar a favor.

**O Orador:** Não tendo nada a ver uma coisa com a outra, é fundamental dizer-se que se o PSD quisesse, com razão ou sem razão, com excesso de generosidade e generosidade tardia, agora, quando teve, durante tão longos anos, responsabilidades governativas, ainda assim, naquela generosidade de quem quer dar aquilo que o povo não lhe deu para administrar...

*(Aparte inaudível do Sr. Deputado José Manuel Bolieiro)*

**O Orador:** Se V. Ex.<sup>a</sup>, Sr. Deputado José Manuel Bolieiro – e espero que a minha intervenção não prejudique os seus apartes – estiver com atenção reparará que não faz sentido, por um conjunto substantivo que foi aqui desmontado, o discurso de V. Ex.<sup>a</sup> relativamente à proposta de extensão aos cidadãos deficientes, que também o Sr. Deputado Luís Henrique já tinha lido.

Mas é muito significativa, pelo que tem de confissão, a segunda parte da sua intervenção. Parece que, afinal, o que é importante aqui para o PSD é o facto, nas suas palavras, nas suas significativas palavras, de ter ficado de fora.

Eu gostava de dizer, Sr. Deputado, que o PSD não ficou de fora, ou melhor, o PSD põe-se sistematicamente de fora. Esse é, em primeira linha, um comportamento, uma opção, legítima aliás, do PSD, mas de que o PSD não se pode aqui queixar, porque é uma maneira de fazer política, é uma opção vossa. Conforme aqui foi lembrado, o convite, a discussão, foi feita, o PSD resolveu não aceder, fez muito bem. Não se pode, agora, é queixar daquilo

que resultou, sobretudo quando o que resultou é positivo. Sobretudo, não é bonito que, relativamente àquilo que é positivo, o PSD, em vez de o reconhecer tente, com exagero e por excesso, dar a entender que, afinal, não é tão positivo como isso.

Fico por aqui.

*(Aplausos das bancadas do PS e do Governo)*

**Presidente:** Tem a palavra o Sr. Deputado Clélio Meneses.

**(\*) Deputado Clélio Meneses (PSD):** Sr. Presidente da Assembleia, Sras. e Srs. Deputados, Sra. e Srs. Membros do Governo:

Três ou quatro notas de esclarecimento e, sobretudo, lamentando que uma questão com esta importância para a vida de muitos e muitos açorianos, esteja a ser utilizada como arma de arremesso político.

**Secretário Regional da Presidência (Vasco Cordeiro):** Apoiado!

**O Orador:** É, de facto, lamentável.

Primeiro esclarecimento.

É preciso que se esclareça que é da mais vazia demagogia, da maior demonstração de falta de argumentos, vir-se para aqui dizer, com um discurso velho e esbatido, que o PSD em vinte anos não fez, o Costa Neves não fez, não fez, não fez, não fez.

Senhores, o que é que o Partido Socialista, nestes trinta anos de Autonomia, quer em doze anos de Governo, quer nos outros anos todos na oposição, fez, relativamente a esta matéria? Também não fez nada. O que é que o CDS/PP, em todos estes anos de oposição, como está agora na oposição, fez sobre isto? Não fez nada. Estamos, a este nível, da mesma forma. O passado é o passado de todos. Uns, tanto o Partido Socialista como o PSD, também estiveram no Governo e também estão na oposição e também não fizeram nada relativamente a esta matéria. Por isso, é da mais profunda demagogia vir-se dizer que para isto só conta o passado do PSD. Para isto, tem de contar o passado de todos, porque ninguém, nem no Governo nem na oposição, teve a iniciativa legislativa que agora, muito bem, o Partido Popular teve.

Esta coisa de se falar no passado do PSD, parece que o passado do PSD não presta para nada. Foi uma coisa horrível, foi um horror, para os senhores. Os açorianos sabem bem o

que foi feito. Mas o próprio Partido Socialista, enquanto ataca os dirigentes do tal velho PSD, às vezes anda por aí à cata de antigos dirigentes do PSD, para fazerem parte de listas de apoiantes do PS, como tendo sido pessoas ressuscitadas na sua valia política. Isto é a demonstração daquilo que é a demagogia clara do Partido Socialista.

Sobre aquilo que está aqui em causa, é preciso que se esclareça, é preciso que os açorianos saibam, estamos todos de acordo – o Partido Popular, o Partido Socialista e o PSD – que os idosos, com mais de 65 anos, que recebam menos do que o ordenado mínimo nacional de pensão, recebam este benefício. Estamos todos de acordo, PP, PS e PSD. Todos achamos que quem tem mais de 65 anos e recebe menos de pensão do que o salário mínimo deve, de facto receber este benefício. No que não estamos de acordo, isso é que é importante – não estamos de acordo mas vamos votar todos a favor – é que o PSD entende que um pensionista, independentemente da idade e que receba menos do que o salário mínimo nacional, também possa receber. É nisso que não estamos de acordo.

O PSD entende que todos aqueles que têm menos de 65 anos de idade e que tenham pensões de miséria também devem receber isso. Porque não faz nenhum sentido que um idoso com 65 anos, que receba uma pensão igual ao salário mínimo nacional, tenha este benefício e um idoso, por exemplo, com 60 anos, com uma pensão de invalidez – e todos sabem que a pensão de invalidez é relativa a situações que exigem outro tipo de cuidados médicos – pela qual receba menos do que o salário mínimo nacional, não receba este apoio. Ele pode receber apenas menos 20€, 100€ mas, neste caso concreto não recebe o apoio, porque o Partido Socialista e o Partido Popular não querem que receba o apoio. É isto que está em causa, é esta a nossa diferença.

As pensões de sobrevivência são muitas e são também muitas as viúvas que dependem desta pensão. Em termos estatísticos, estou a falar em termos estatísticos, a maior parte das pensões de sobrevivência são de senhoras com menos de 65 anos de idade. Estas senhoras estão excluídas deste apoio.

O que está em causa é que: no que estamos de acordo, muito bem, ainda bem que estamos de acordo, houve a iniciativa, essas pessoas vão beneficiar, esses açorianos com mais de 65 anos vão beneficiar; no que não estamos de acordo é que aqueles açorianos que têm pensões de miséria e menos de 65 anos de idade vão ficar excluídos.

É preciso que se diga que isto é feito com este simbólico – eu diria, para utilizar as palavras de alguns, histórico – aplauso do PS ao Partido Popular. Ainda bem que aplaudem, mas aplaudem a exclusão de 14 mil açorianos deste apoio.

**Deputado Mark Marques (PSD):** Muito bem!

**O Orador:** Sr. Secretário da Presidência, há aqui três questões que me deixaram perplexo, porque o senhor habituou-nos a ter alguma agilidade de raciocínio, a apresentar as coisas com alguma ligeireza em termos de fluidez e desiludiu. Porque o PSD, ao contrário daquilo que o Sr. Secretário da Presidência quis afirmar, apresentou propostas de alteração, no local e no momento certo, no Parlamento e aquando do debate do Orçamento e do Plano. No local e no momento certo, respeitando o Parlamento, porque o documento estava, exactamente, no Parlamento. Quem vota o documento é o Parlamento, já não é o Governo. Esta confusão de que o Governo manda no Parlamento é muito típica do Partido Socialista.

**Secretário Regional da Presidência (Vasco Cordeiro):** A história demonstrou!

**O Orador:** Nós não confundimos isso. Para nós, o Parlamento tem poderes e responsabilidades próprias.

Nesta legislatura, o PSD apresentou mais de 40 propostas de alteração a Planos e Orçamentos – para baixar listas de espera, para reduzir tarifas, para ajudar o apoio social, para a toxicodependência, para a agricultura, mais de 40 propostas. Sabem os açorianos qual foi o resultado destas 40 propostas? As 40 propostas foram chumbadas, na totalidade, pela maioria do Partido Socialista.

**Secretário Regional da Presidência (Vasco Cordeiro):** Porque será?!

**O Orador:** Nesta legislatura, o PSD apresentou mais de 60 propostas legislativas e parlamentares, a maioria delas chumbadas. Ainda nesta semana apresentámos oito propostas para a segurança dos açorianos, para combater o flagelo do alcoolismo nos jovens. Apresentámos isto como sempre o temos feito, apesar da vossa propaganda enganadora, no sentido assumido da responsabilidade pelas nossas funções e no sentido de melhorar a vida dos açorianos. Mas a sua intervenção, Sr. Secretário da Presidência, foi ao ponto de dizer que o PSD tem “dor de cotovelo”. Não é “dor de cotovelo”, é a dor dos 14 mil açorianos que vão ficar excluídos deste projecto.

*(Aplausos da bancada do PSD)*

É essa a dor que está em causa. Não é “dor de cotovelo”, é a dor dos açorianos.

Disse bem o Sr. Secretário da Presidência e o Sr. Presidente do Grupo Parlamentar do PS também quis dizer isso: o único que fica de fora é o PSD, como se a vossa preocupação fosse pôr o PSD de fora de alguma coisa. O único que fica de fora não é o PSD, os únicos que ficam de fora são os 14 mil açorianos que não beneficiam desta proposta. Estes são os únicos que ficam de fora e ficam de fora pela vossa arrogância, pela vossa teimosia cega e pelo vosso preconceito político-partidário que, de resto, vai, cada vez mais, a cada dia que passa, também contribuindo para a falta de credibilidade destes políticos.

Um açoriano que esteja em sua casa, inválido, que tenha 60 anos e uma pensão de miséria e veja o seu vizinho do lado com 65 anos e uma pensão maior, a receber este benefício, este açoriano não vai perceber, por muito que lhe queiram explicar, que, por causa desta arrogância e desta teimosia cega, não recebe este apoio. É isto que está em causa. Isto, sobretudo, porque o Grupo Parlamentar do PSD não se preocupa em ser o primeiro, o último, estar ao lado ou estar dentro. Preocupa-se com os açorianos.

Elogiando a medida, porque vamos votar a favor dessa medida, concordando com a medida, entendemos que esta é uma oportunidade de se corrigir um problema de muitos e muitos açorianos que vivem no limiar da pobreza. É esse o nosso propósito e lamentamos que, apesar de darmos o nosso contributo à proposta inicial, não tenhamos, da vossa parte, o sentido de responsabilidade política, o sentido de responsabilidade cívica, de apoiarem esta proposta, que é mais do que justa, porque vai de encontro ao sentido e à necessidade daquilo que os açorianos sentem por essas ilhas fora, ao nível das suas dificuldades na aquisição de medicamentos.

Infelizmente, mais uma vez, a arrogância socialista com aliados de ocasião chega a este ponto, prejudicando 14 mil açorianos.

**Vozes de deputados da bancada do PSD:** Muito bem! Muito bem!

*(Aplausos da bancada do PSD)*

**Presidente:** Tem a palavra o Sr. Deputado Artur Lima.

**(\*) Deputado Artur Lima (CDS/PP):** Sr. Presidente da Assembleia, Sras. e Srs. Deputados, Sra. e Srs. Membros do Governo:

Vamos aqui centrar o debate naquilo que verdadeiramente interessa.

A questão fulcral do debate é esta: se fosse pelo PSD, nem os 18 mil tinham alguma coisa, não tinham nada, porque eles não propuseram nada e recusaram-se a propor alguma coisa.

**Secretário Regional da Presidência (Vasco Cordeiro):** Muito bem!

**O Orador:** O que eles acusaram, na altura, foi que o PSD é um partido soberbo, não vai “de chapéu na mão nem de mão estendida” ao Presidente do Governo. É essa soberba que querem esconder hoje, aqui, e não podem.

Portanto, se fosse pelo PSD nem para um, nem para dois, nem para três, era para ninguém, porque não tinham proposto rigorosamente nada. Recusaram-se, porque não têm humildade democrática.

**Vozes de deputados da bancada do PS:** Muito bem! Muito bem!

**O Orador:** Esta é que é a realidade e é isso que os açorianos têm de perceber. Têm de perceber ainda mais o seguinte, que é para quando reflectirem na altura própria: o CDS, com um deputado, fez mais do que aqueles 19 pelos açorianos que estão lá em casa. Pelos pensionistas, pelos reformados e, portanto, fez mais do que aqueles 19. É isso que os incomoda.

Mas eu apelo ao PSD, que isto hoje é um dia de felicidade, é um dia de alegria, juntem-se a nós nesta alegria e nesta felicidade.

Não sejam azedos, como a fruta, alguma fruta que vos dá o nome, não sejam azedos como a laranja azeda, enfim, sejam doces, estejam alegres, estejam satisfeitos, mostrem boa cara, Srs. Deputados. É alegria para todos nós, não vale a pena esta tristeza, este ressentimento, Sr. Deputado José Manuel Bolieiro, não vale a pena.

Depois, dizer agora, a respeito da justiça, duas ou três coisas.

Quem gasta mais medicamentos? Os idosos, é certo. A partir de que idade? Dos 70 anos. É a OMS que o diz, não sou eu. As coisas têm base científica. Isto feito nesse espírito, isto foi estudado, foi ponderado e são os idosos com mais de 70 anos quem mais gasta e quem mais adoece.

Quanto à deficiência, eu gostaria que o PSD me explicasse quais são as deficiências que devem ser incluídas neste apoio. Porque isto é que é preciso explicar: que tipo de

deficiência? Dentro delas, quais são? Dê-me três ou quatro exemplos, que é para eu ficar satisfeito. Porque, se não forem capazes de explicar isso, não sabem o que é que estão a fazer. Eu quero, agradeço, que o PSD me explique a que deficientes destina esta medida.

Sr. Deputado Luís Henrique, permita-me V. Ex.<sup>a</sup> uma coisa, em nome da justiça que V. Ex.<sup>a</sup>, aí do seu castelo altaneiro, aí de cima, vem apregoar. Eu vou-lhe perguntar o seguinte, porque já se foi aqui à margem do debate, à margem do assunto: aplicando o princípio da justiça que V. Ex.<sup>a</sup> tão bem defende, diga-me lá, sobre a transferência de embriões, o que é que V. Ex.<sup>a</sup> tem a dizer? Aplicando o princípio da justiça, Sr. Deputado Luís Henrique Silva, explique aqui como é que aplica o princípio da justiça à transferência de embriões que se está a fazer na Graciosa? Isso eu gostava de saber, gostava que o senhor me explicasse.

**Presidente:** Muito obrigado, Sr. Deputado. Eu espero que o Sr. Deputado Luís Henrique não trate desse assunto dos embriões, que está fora da questão central.

Tem a palavra o Sr. Secretário Regional dos Assuntos Sociais.

**(\*) Secretário Regional dos Assuntos Sociais (Domingos Cunha):** Muito obrigado, Sr. Presidente da Assembleia.

Sr. Presidente, Sras. e Srs. Deputados, Sra. e Srs. Membros do Governo:

Depois deste debate que se tem, aqui, centralizado no abranger ou não abranger determinado grupo de cidadãos, eu gostaria só de esclarecer e desmistificar uma situação que se reporta, por um lado, àquilo que o Sr. Deputado Clélio Meneses disse, que é: não creio que desconheça a legislação nacional e, por isso, não a desconhecendo, não a utilizou aqui, ou por razões de ordem estratégico-política ou por razões que eu terei de dizer, com toda a frontalidade, de alguma “ciumeira” desta articulação e da cooperação entre o Partido Socialista, o Governo e o CDS/PP.

Porquê? Porque o Decreto-Lei 129 de 2005, de 11 de Agosto, redefiniu a comparticipação do Estado no preço dos medicamentos para os pensionistas cujo rendimento total anual seja ou não exceda 14 vezes o salário mínimo nacional. O que quer dizer que, eventualmente, esses 14 mil açorianos que estão fora deste projecto estão mais beneficiados do que estes que agora são aplicados. Porque na actualização de escalões podem ter medicamentos a 100%, podem ter medicamentos a 85%, podem ter medicamentos a 40%, podem ter medicamentos a 35%. Isto quer dizer que, sobre os escalões definidos neste Decreto-Lei de

2005, se aplica a majoração de 15% em todos os medicamentos em situação de pensionistas que estejam abrangidos por este leque, no âmbito do salário mínimo nacional.

Por isso, aqui se demonstra, mais uma vez, que não há qualquer trabalho de casa feito pelo PSD que venha, com rigor, dizer a todos nós, que esta é uma realidade que se vive em todo o espaço nacional e que esta medida, neste diploma apresentado pelo CDS/PP vem, de facto, melhorar e dar resposta a um grupo vulnerável de idosos com idade igual ou superior a 65 anos, que não estão abrangidos por estes regimes que aqui fazem parte deste Decreto-Lei nacional, de aplicação em todo o território nacional.

Muito obrigado.

**Vozes de deputados da bancada do PS:** Muito bem! Muito bem!

*(Aplausos da bancada do PS)*

**Presidente:** Sr. Deputado Artur Lima, tem a palavra.

**(\* Deputado Artur Lima (CDS/PP):** Muito obrigado, Sr. Presidente.

Sr. Presidente, Sras. e Srs. Deputados, Sra. e Srs. Membros do Governo:

Aqui se vê a consistência e o cuidado com que o PSD elaborou a sua proposta de alteração, porque não sabe a que tipo de deficientes a que se destina e não sabe quais são os deficientes, como o Sr. Secretário muito bem disse, que até têm medicamentos comparticipados a 100%. Ou seja, não gastam um cêntimo com medicamentos. Portanto, destes deficientes todos, o PSD foi incapaz de nos esclarecer quais os que têm medicamentos comparticipados a 100%, quais os que têm 85%, quais os que têm 95% e quais os que têm 75%. Não sabem dizer, porque isso vai por patologias e pelo grau da deficiência. É isso que diz a lei. O PSD, irresponsavelmente, apresenta aquelas alterações, mas não sabe o que é que estava a apresentar.

Eu continuo a aguardar, da parte do Grupo Parlamentar do PSD, uma explicação que seja esclarecedora da proposta que elaboraram. Aqui é que se mostra a responsabilidade daquilo que fizeram. Aqui se vê quem é ou não demagogo. Aqui se vê quem é ou não irresponsável. Têm a obrigação de, perante esta câmara e perante os açorianos, esclarecer, efectivamente, a quem se destinam aqueles apoios. Quais os tipos de deficiência que são abrangidos? É isso que os senhores têm de esclarecer, sob pena de perderem a credibilidade.

**Presidente:** Sr. Deputado Clélio Meneses, tem a palavra.

**(\*) Deputado Clélio Meneses (PSD):** Muito obrigado, Sr. Presidente.

Sr. Presidente da Assembleia, Sras. e Srs. Deputados, Sra. e Srs. Membros do Governo:

Eu sempre pensei que ler um documento era uma faculdade comum a todos nós aqui nesta sala. Obviamente, que pensei que era uma mera pergunta retórica da parte do Sr. Deputado Artur Lima, de fugir ao verdadeiro problema que está aqui em causa, que é a exclusão de 14 mil açorianos deste diploma. A vontade de fugir é tal que até já falam em embriões humanos.

**Deputado Artur Lima (CDS/PP):** Não são embriões humanos.

**O Orador:** Embriões, já falam em embriões.

A vontade de fugir ao problema é tal que já falam em embriões, como se o problema fosse esse. O problema não são os embriões. O problema são os 14 mil açorianos que ficarão excluídos desta proposta. Daqui não saímos, porque a proposta do Partido Popular prevê, exactamente e só, que beneficiem deste apoio os idosos com idade igual ou superior a 65 anos. O que é certo é que uns são beneficiados e outros são prejudicados. Não são todos.

**Secretário Regional dos Assuntos Sociais (Domingos Cunha):** São todos.

**O Orador:** O Sr. Secretário sabe que não são todos. Nem pode usar essa demagogia.

O que é certo é que beneficiam de descontos mas não beneficiam deste apoio, deste benefício em concreto, uma vez por ano, nestes termos que estão aqui regulamentados.

A proposta do Partido Social Democrata vai no sentido de abranger todos aqueles que tenham um rendimento mensal inferior ao salário mínimo e que tenham estas condições, independentemente da idade. Todos os cidadãos portadores de deficiência, que tenham rendimento inferior ao salário mínimo nacional, beneficiam deste diploma, obviamente, o contrário é que seria anormal.

É uma clara demonstração da falta de argumentos para chumbar esta proposta o ter-se tentado encontrar algum caminho, alguma canada legal, para se conseguir demonstrar o que não se conseguiu demonstrar de facto: é que com esta proposta excluem-se 14 mil açorianos.

Os deficientes são todos aqueles cidadãos, portadores de deficiência, que tenham como rendimento mensal menos do que o salário mínimo nacional. Para aqueles, o PSD entende que também devem beneficiar deste apoio.

Tão simples quanto a proposta mas, muitas vezes, quer-se complicar o simples exactamente porque não se consegue ter argumentos para demonstrar a forma como se chumba uma proposta com esta validade e com esta importância para a vida dos açorianos.

**Presidente:** Sr. Deputado Artur Lima, tem a palavra.

**(\* Deputado Artur Lima (CDS/PP):** Sr. Presidente, uma última intervenção, porque eu acho que toda a gente já percebeu o que aqui se está a passar.

O PSD foi incapaz de explicar porque é que um cidadão que tem 100% de apoio aos medicamentos precisa disto. Eu pergunto-lhe: quais são os que têm 100%, o senhor sabe quais são?

*(Aparte inaudível da bancada do PSD)*

**O Orador:** Sei sim senhor, não vou é dizer-lhe, V. Ex.<sup>a</sup> há-de ir estudar.

Sr. Deputado Clélio Meneses, ao que estamos a assistir aqui é a uma encenação demagoga, do pior que eu já tenho visto da parte do PSD e do Sr. Deputado Clélio Meneses.

O Sr. Deputado Clélio Meneses sabe que as suas propostas foram rejeitadas na Comissão, no dia 17 de Dezembro, sabe que nessa altura ninguém falou nisso e sabe que agora, pouco antes deste plenário, fez uma encenação que o PSD ia apresentar propostas de alteração ao diploma, mandou uma nota de imprensa, acho que até tinha som e tudo, como se fosse feita naquele dia, quando já sabia de antemão que, há um mês, as propostas tinham sido chumbadas na Comissão. Fez um número, para a comunicação social, de que vinha apresentá-las pela primeira vez. É isto que os açorianos têm de perceber e vão percebendo aos poucos.

Para terminar, Sr. Presidente, porque sobre este assunto não tenho mais nada a dizer, quero, enfim, deixar aqui uma última mensagem: é que esta oposição construtiva, qualitativa, um dia vai ser, com certeza, uma oposição mais quantitativa, porque com propostas destas e a favor dos açorianos é claro que só pode ser assim e os açorianos vão perceber isso e já estão a perceber isso. Por isso é que o PSD está tão nervoso.

Apelo, mais uma vez, à alegria, à boa disposição, para aprovarmos esta proposta para os nossos idosos.

**Presidente:** Tem a palavra a Sra. Deputada Nélia Amaral.

**(\*) Deputada Nélia Amaral (PS):** Sr. Presidente da Assembleia, Sras. e Srs. Deputados, Sra. e Srs. Membros do Governo Regional, Sr. Deputado Clélio Meneses:

A proposta que nós temos aqui em análise e que o PS vai aprovar, como já disse, vai aprovar porque é exequível, porque é específica, porque é clara, porque vem de encontro à política social que nós temos vindo a prosseguir. Três desses critérios estão claramente definidos: em função da idade, em função dos recursos económicos e em função das necessidades de medicação.

As propostas de alteração que o PSD apresenta eliminam o critério de idade mas continuam a referir-se a idosos. Então o que é um idoso, Sr. Deputado Clélio Meneses? Não idosos com mais de 65 anos. São idosos com mais de 60? São idosos com mais de 55? A sua crítica, o seu critério continua a ser válido. O de 54, que tem despesas de saúde maiores, porque é que não é elegível?

Os senhores, no fundo, o que fazem é aproveitar uma proposta – Sr. Deputado, leia as suas propostas – que é exequível e tentar transformá-la numa que é inexecuível. Não serve de nada o senhor vir dizer «ficam 14 mil de fora». Ficam mais de 14 mil de fora, Sr. Deputado, infelizmente, há muitos açorianos que têm dificuldade em fazer face às suas necessidades diárias, nomeadamente às suas faltas de medicação. Desta proposta específica ficam mais de 14 mil de fora. Mas fica, também, a garantia de que, à semelhança dos mais de 23 mil açorianos que já foram apoiados no âmbito do subsídio de precariedade económica especificamente para a aquisição de medicamentos, esses 14 mil e todos os outros podem aceder a esse apoio, Sr. Deputado.

**Presidente:** Estamos em condições de votar.

Na generalidade, os Senhores Deputados que concordam com esta proposta por favor mantenham-se como se encontram.

**Secretário:** Na generalidade o Projecto de Decreto Legislativo Regional foi aprovado por unanimidade.

**Presidente:** Na especialidade, existem alterações para o artigo 1.º, para o artigo 2.º e para o artigo 3.º.

Alguém se quer pronunciar sobre as alterações para o artigo 1.º, ou consideram que o debate já está feito?

Então, havendo inscrições, vamos dar início ao debate na especialidade, começando pelo artigo 1.º, para o qual existe uma proposta de alteração apresentada pelo Partido Socialista.

Tem a palavra a Sra. Deputada Nélia Amaral.

**(\*) Deputada Nélia Amaral (PS):** Sr. Presidente da Assembleia, Sras. e Srs. Deputados, Sra. e Srs. Membros do Governo Regional:

É apenas uma questão de arrumo do diploma.

Nós propomos que a redacção do n.º 2 do artigo 2.º, que se prende ainda com o objecto da iniciativa, passe para o n.º 3 do artigo 1.º. Portanto, fica de vez explicada parte da alteração proposta para o artigo 2.º, que passa, em função desta alteração, a ter um ponto único.

Explicaria de vez, também, a outra alteração que é proposta para o artigo 2.º: é só especificar que ficam abrangidos, consideram-se elegíveis, os pensionistas que cumprem os requisitos de idade e de necessidade económica mas também, obviamente, que tenham residência na Região.

**Presidente:** Muito bem, vamos votar esta proposta de alteração apresentada para o artigo 1.º pelo Partido Socialista.

Os Srs. Deputados que concordam por favor mantenham-se como se encontram.

**Secretário:** A proposta de alteração foi aprovada por unanimidade.

**Presidente:** Vamos votar a proposta de alteração do PSD para o mesmo artigo.

Os Srs. Deputados que concordam por favor mantenham-se como se encontram.

Os Srs. Deputados que discordam façam o favor de se sentar.

**Secretário:** A proposta de alteração foi rejeitada, com 27 votos contra do PS, 1 voto contra do CDS/PP, 18 votos a favor do PSD e 1 voto a favor do Deputado Independente.

**Presidente:** Vamos votar a parte restante, não alterada, do artigo 1.º.

Os Srs. Deputados que concordam por favor mantenham-se como se encontram.

Os Srs. Deputados que discordam façam o favor de se sentar.

Os Srs. Deputados que se abstêm façam o favor de se sentar.

**Secretário:** A parte em questão do artigo 1.º foi aprovada com 27 votos a favor do PS, 1 voto a favor do CDS/PP, 1 voto a favor do Deputado Independente e 18 abstenções do PSD.

**Presidente:** Para o artigo 2.º, existem duas propostas de alteração, uma do PS e uma do PSD.

Não havendo inscrições, vamos votar a proposta de alteração apresentada pelo Partido Socialista.

Os Srs. Deputados que concordam por favor mantenham-se como se encontram.

Os Srs. Deputados que discordam façam o favor de se sentar.

Os Srs. Deputados que se abstêm façam o favor de se sentar.

**Secretário:** A proposta de alteração foi aprovada com 27 votos a favor do PS, 1 voto a favor do CDS/PP, com 18 abstenções do PSD e 1 abstenção do Deputado Independente.

**Presidente:** Vamos votar agora a proposta apresentada pelo Partido Social Democrata.

Os Srs. Deputados que concordam por favor mantenham-se como se encontram.

Os Srs. Deputados que discordam façam o favor de se sentar.

**Secretário:** A proposta de alteração foi rejeitada com 17 votos a favor do PSD, 1 voto a favor do Deputado Independente, 27 votos contra do PS e 1 voto contra do CDS/PP.

**Presidente:** Vamos votar agora a parte não alterada, a parte restante, do Artigo 2.º.

Os Srs. Deputados que concordam por favor mantenham-se como se encontram.

Os Srs. Deputados que se abstêm façam o favor de se sentar.

**Secretário:** A parte restante foi aprovada, com 27 votos a favor do PS, 1 voto a favor do CDS/PP, 1 voto a favor do Deputado Independente e 18 abstenções do PSD.

**Presidente:** Vamos passar agora ao artigo 3.º, para o qual existe uma proposta de alteração apresentada pelo PS.

Não havendo inscrições, passamos à votação da proposta.

Os Srs. Deputados que concordam por favor mantenham-se como se encontram.

**Secretário:** A proposta de alteração foi aprovada por unanimidade.

**Presidente:** Vamos passar agora à votação da parte restante do artigo 3.º.

Os Srs. Deputados que concordam por favor mantenham-se como se encontram.

**Secretário:** A parte restante do artigo 3.º foi aprovada por unanimidade.

**Presidente:** Os artigos 4.º, 5.º e 6.º não têm propostas de alteração. Pergunto à câmara se os posso pôr à votação em conjunto?

Não havendo oposição, vamos votar os artigos 4.º, 5.º e 6.º.

Os Srs. Deputados que concordam por favor mantenham-se como se encontram.

**Secretário:** Os artigos anunciados foram aprovados por unanimidade.

**Presidente:** Vamos passar à proposta de aditamento, apresentada pelo CDS/PP, que diz respeito à questão orçamental que este diploma levanta e que está prevista no Orçamento, ou seja, é uma remissão para uma disposição orçamental.

Os Srs. Deputados que concordam com esta proposta de aditamento por favor mantenham-se como se encontram.

**Secretário:** A proposta de aditamento foi aprovada por unanimidade.

**Presidente:** Passamos assim à votação final global.

Os Srs. Deputados que concordam com este diploma por favor mantenham-se como se encontram.

**Secretário:** Em votação final global, o Projecto de Decreto Legislativo Regional foi aprovado por unanimidade.

*(Aplausos das bancadas do PS e do PP)*

**Presidente:** Srs. Deputados, estão interrompidos os nossos trabalhos por 30 minutos.

*(Eram 17 horas e 35 minutos)*

**Presidente:** Srs. Deputados, vamos prosseguir os nossos trabalhos.

*(Eram 18 horas e 35 minutos)*

Vamos passar ao ponto seguinte da nossa ordem de trabalhos, **Proposta de Decreto Legislativo Regional que "Reestrutura a Escola Profissional de Capelas, alterando o Decreto Legislativo Regional n.º 26/2005/A, de 4 de Novembro"**.

O Sr. Secretário Regional da Educação e Ciência tem a palavra.

**(\*) Secretário Regional da Educação e Ciência (Álamo Meneses):** Sr. Presidente da Assembleia, Sras. e Srs. Deputados, Sra. e Srs. Membros do Governo:

O Decreto Legislativo Regional n.º. 21/97/A foi o primeiro diploma que introduziu algum grau de autonomia nas escolas, mas neste momento encontra-se claramente obsoleto face à evolução do sistema educativo.

Esse diploma foi mantido em vigor por força do artigo 122.º do Decreto Legislativo Regional n.º 26/2005/A e aquilo que agora aqui se propõe é a revogação desse artigo. Esse artigo cria um regime excepcional e, dada a natureza do corpo docente da Escola Profissional das Capelas, também se introduzem dois novos números no artigo 83.º desse diploma, que visam permitir que os formadores que não sejam docentes no sentido estrito do termo também sejam eleitores activos e passivos na escolha dos órgãos de administração e gestão da escola. O outro artigo do diploma, o artigo 3.º, visa apenas criar um regime transitório que permita acomodar a transição da escola do actual regime para o novo regime. A Escola Profissional das Capelas, neste momento, por força dos artigos 2.º e 3.º do Decreto Regulamentar Regional 1/2002/A que aprova a sua orgânica, tem como órgãos o director, o conselho administrativo, o conselho técnico-pedagógico e o conselho consultivo. Com a nova estrutura, em termos orgânicos, a escola mantém-se sensivelmente a mesma coisa, ou seja: o director, que neste momento é assessorado por dois sub-directores, passará a ser um presidente do conselho executivo com dois vice-presidentes, o conselho administrativo mantém a mesma estrutura, o conselho técnico-pedagógico será o conselho pedagógico e o conselho consultivo será a futura assembleia de escola. Com a diferença que todos estes órgãos têm, no enquadramento jurídico que agora existe para o ensino regular, poderes bastante mais alargados.

As diferenças essenciais entre os dois regimes estão, por um lado, no tipo de autonomia. A escola, neste momento, é um instituto público com autonomia administrativa, financeira e património próprio e passará a ser uma escola com autonomia pedagógica, autonomia administrativa e autonomia financeira através do seu fundo escolar; deixará de ter património próprio, porque o património da escola reingressa no património da Região Autónoma dos Açores. A outra grande diferença tem a ver com a forma de selecção dos seus órgãos, que neste momento, no que diz respeito ao director e aos dois sub-directores, são de nomeação do Secretário e passarão a ser eleitos pelos órgãos próprios da escola.

Com este diploma alarga-se, substancialmente, a autonomia pedagógica da escola, permite-se que a escola faça melhor aquilo que deve fazer e que tem feito. A Escola Profissional das Capelas tem sido um estabelecimento que tem produzido ensino de grande qualidade e tem obtido grandes resultados. Queremos que ela continue a ser assim e que obtenha ainda melhores resultados.

Passará a ter uma maior autonomia pedagógica mas permite, na área da sua autonomia financeira, ter uma gestão mais consentânea com a realidade do sistema educativo, o que evitará alguns dos problemas de gestão financeira que têm acontecido, apesar da escola ter conseguido, ao longo destes anos, manter um desempenho adequado.

Por outro lado, também, ao fazer-se esta alteração vai-se permitir a normalização da situação da escola no panorama do sistema educativo. Ela manteve-se assim desde 97. Este modelo de 97, em boa parte, serviu de inspiração àquilo que em 1998 foi feito para as outras escolas e esse modelo de 98 veio a ser aperfeiçoado em 2005, com o regime que actualmente as escolas têm. A experiência de aplicação do regime de autonomia das escolas aconselha a que ele seja estendido a todo o sistema educativo e que se crie um regime uniforme, que acomode todos os tipos de escolas.

Com esta alteração não se põe em causa, em nada, a natureza de escola profissional da Escola Profissional das Capelas. Continua a ser uma escola profissional, não se põe em causa a sua orgânica nem os seus funcionários que, aliás, já se encontram incluídos, desde o Decreto Regulamentar Regional 14/2007/A, na orgânica do sistema educativo em geral. Assim, a situação dos seus funcionários e a forma de gestão, digamos, do pessoal da escola já se encontram normalizadas com o regime geral do sistema educativo.

Para que fiquem também descansados aqueles que levantam esse espantinho de tempo em tempo, não há nenhuma intenção, nem jamais houve, aliás, a carta educativa é bem clara sobre essa natureza, de fazer a fusão ou a integração da Escola Profissional das Capelas com qualquer outro estabelecimento de ensino.

A Escola Profissional das Capelas é um estabelecimento valioso, que deu boas provas, continua a dar e nós queremos que ela continue a dar essas boas provas e que aprofunde a sua autonomia e se integre cada vez mais no nosso sistema educativo.

Muito obrigado.

**Presidente:** Tem a palavra a Sra. Deputada Catarina Furtado.

**(\*) Deputada Catarina Furtado (PS):** Sr. Presidente da Assembleia, Sras. e Srs. Deputados, Sra. e Srs. Membros do Governo:

A Escola Profissional das Capelas é por todos conhecida e reconhecida pela excelência do seu ensino e pelo mérito firmado com os resultados alcançados ao longo do seu percurso.

Actualmente, a Escola Profissional das Capelas é a única escola pública da Região que não estava integrada no sistema educativo regional, não dispondo, por isso, das mesmas possibilidades e potencialidades que o nosso sistema educativo regional permite, com o quadro legislativo actual, nomeadamente e como já referiu o Sr. Secretário, o Decreto Legislativo Regional 12/2005/A, sobre o regime jurídico das unidades orgânicas no que respeita à criação, à autonomia e gestão.

Assim, neste diploma há a possibilidade das unidades orgânicas, figura em que agora se transforma a Escola Profissional das Capelas, desenvolverem e aprofundarem vários níveis de autonomia. Destas autonomias, nós destacaríamos, tal como o Sr. Secretário também frisou, a autonomia pedagógica e a autonomia cultural que, bem desenvolvidas e aprofundadas permitem práticas pedagógicas inovadoras no sistema educativo regional e que, até agora, não foram exploradas ainda na sua plenitude.

Deste modo, no entender da bancada socialista, essa integração vai permitir mais-valias para ambos os intervenientes: o sistema regional educativo, que vê integrado e fica enriquecido com uma escola que tem um historial de sucesso dos seus educandos e de excelência nos resultados obtidos nos eventos em que tem participado, quer a nível nacional quer a nível internacional, constituindo um excelente exemplo para as restantes unidades orgânicas que têm percursos semelhantes ou que pelos mesmos anseiam; por outro lado, a Escola Profissional das Capelas disporá de uma autonomia pedagógica muito mais ampliada em relação à que a actual dispõe.

É por isso com agrado que a bancada do Partido Socialista vê essa integração e votará favoravelmente o diploma em apreço.

Obrigada.

**Presidente:** Tem a palavra o Sr. Deputado José Manuel Bolieiro.

**(\*) Deputado José Manuel Bolieiro (PSD):** Sr. Presidente, Sras. e Srs. Deputados, Sra. e Srs. Membros do Governo:

Estamos aqui para analisar uma Proposta de Decreto Legislativo Regional que reestrutura a Escola Profissional das Capelas.

A minha primeira palavra vai para, justificadamente, homenagear esta estrutura de formação profissional dos Açores e toda a sua história, como um caso de sucesso, os seus administradores, os docentes e os formandos que, ao longo do tempo e da história da escola,

orgulharam e prestigiaram a formação profissional daquela escola, no país e no estrangeiro. Fica, por isso, a homenagem, em primeiro lugar, a essa história, aos seus profissionais e aos formandos.

Em segunda linha, e porque assim é o pressuposto desta intervenção, a firme convicção do Partido Social Democrata em estar contra esta alteração.

O que se propõe é extinguir o funcionamento actual e o modelo actual, um caso de sucesso enquanto instituto público que lhe garantiu autonomia financeira, autonomia administrativa e autonomia pedagógica, que são estruturantes, também, do sucesso alcançado e que atrás referi. Razão pela qual o PSD vê na excelência que a Escola de formação das Capelas é, no contexto da formação profissional dos Açores, um exemplo que deve ser valorizado, potenciado e, desde logo, mantendo o instituto enquanto instituto público, porque lhe garante, como garantiu até hoje – e temos essa expectativa que no futuro assim asseguraria – o caso de sucesso e de excelência que é. Com o PSD, a escola não regressa ao ensino regular, mantém-se enquanto estrutura, mantém-se enquanto estrutura autónoma e de excelência na formação profissional.

Daí decorre o nosso voto contra, a nossa discordância de concepção e de funcionamento da Escola das Capelas como aquela que propõe o Governo.

Aliás, têm razão de queixa e deram conta disso mesmo, designadamente, o actual director da escola, a todos os deputados da Comissão que analisou esta proposta, dizendo que consideravam um regresso e um retrocesso esta mudança agora proposta pelo Governo Regional, porque o modelo actual, enquanto instituto público, é garantia do sucesso e da excelência que até agora alcançou. O resto é uma incerteza.

**Deputada Nélia Amaral (PS):** O senhor diga as palavras ditas pelo director da escola!

**O Orador:** Portanto, com o PSD, a Escola Profissional das Capelas continuaria autónoma e enquanto instituto público, e sendo a referência da excelência da formação profissional nos Açores, para os Açores, para o país e para o plano internacional.

O Governo Regional, enquanto dialogou com os próprios gestores daquela escola, conduziu as reuniões em sentido que não permitiu, nunca, vislumbrar que a opção seria esta, a de extinguir enquanto instituto público regional. Portanto, contrariou a expectativa dos actuais gestores. Está no seu pleno direito em obedecer à política que quer. Agora, tem o PSD

também o seu pleno direito de afirmar que está contra esta opção e acha que é um regresso esta solução de extinção de instituto público da Escola de formação das Capelas.

**Vozes de deputados da bancada do PS:** É um regresso ao passado!

**O Orador:** Aliás, parte das justificações que o Sr. Secretário Regional colocou no processo de audição na Comissão dos Assuntos Sociais carece de justificação, sob o ponto de vista jurídico em particular, porque o Sr. Secretário Regional invocava, como fundamento jurídico, a necessidade fruto do novo regime dos institutos públicos regionais recentemente aprovado nesta Assembleia, como um dos fundamentos para extinguir o instituto público Escola das Capelas.

**Secretário Regional da Educação e Ciência** (*Álamo Meneses*): Como acessório, Sr. Deputado.

**O Orador:** Ora bem, não é certo, não é rigoroso, não é assim.

Seja como for, gostaria nesta fase e uma vez que já declarei, de forma peremptória e afirmativa, o nosso voto contra e o nosso modelo quanto à formação profissional, bem como a homenagem que deixamos prestada à escola, gostaria de perguntar se o Governo cumpriu neste processo, que agora acaba com a votação desde diploma, designadamente o que está previsto no artigo 50.º do Regime Jurídico dos Institutos Públicos Regionais, aprovado pelo Decreto Legislativo 13/2007/A, nestes termos: «Todos os institutos existentes à data da entrada em vigor do presente diploma serão objecto de uma análise à luz dos requisitos nela estabelecidos, para efeitos de eventual reestruturação, fusão ou extinção. Para efeitos do disposto no número anterior, poderá ser constituída uma comissão, que funcionará na dependência do membro do Governo Regional responsável pela área das finanças e do membro do Governo que tiver a seu cargo a Administração Pública, constituída do seguinte modo» e dispense-me de ler o modo.

Foram constituídos, em que modelos é que funcionaram, a que conclusões chegaram, porque não fizeram parte do processo legislativo estes estudos e estes pareceres, para aqui tomarmos conhecimento?

«Cada um dos institutos públicos regionais existentes apresentará à referida comissão um relatório sobre a sua justificação, bem como sobre as alterações a introduzir para o conformar com o regime previsto no presente diploma.»

Isto foi feito? Se foi feito, porque que é que o Sr. Secretário Regional e o Governo não fizeram apresentar à Comissão e a este Parlamento estes estudos?

Porque se fundamenta juridicamente esta alteração, como aliás o preâmbulo faz referência, e o senhor, em declarações expressas e que eu registei, na Comissão, fez referência ao fundamento jurídico desta alteração, se tudo isto foi cumprido?

Portanto, sem prejuízo da afirmação que fiz, por parte do PSD, quanto à sua visão para o presente e para o futuro da escola de formação profissional, gostaria de obter estas respostas por parte do Governo Regional.

Muito obrigado.

**Vozes de deputados da bancada do PSD:** Muito bem! Muito bem!

**Presidente:** O Sr. Secretário Regional da Educação e Ciência tem a palavra.

**(\*) Secretário Regional da Educação e Ciência (Álamo Meneses):** Sr. Presidente, Sras. e Srs. Deputados, Sra. e Srs. Membros do Governo:

Primeira questão: o Sr. Deputado prestou, e bem, homenagem à Escola Profissional das Capelas. Estou perfeitamente de acordo consigo e associo-me a essa homenagem.

Também eu já o tinha feito, continuo a fazê-lo e quero dizer-lhe duas coisas: é que não há aqui nenhum regresso a coisa nenhuma. A Escola Profissional das Capelas não existia, existia sim um Centro de Formação Profissional dos Açores, que era uma direcção de serviços de uma direcção regional. Não tinha qualquer grau de autonomia, nem administrativa, nem financeira, nem coisa nenhuma, era uma direcção de serviços. Portanto, não podemos falar em regresso ao que quer que seja, porque não há regresso a coisa nenhuma. O que há aqui, sim, é um avanço em termos de autonomia, um avanço noutra sentido.

**Deputado José Manuel Bolieiro (PSD):** Eu quando falei em regresso não era voltar atrás.

**O Orador:** Enfim, regresso quer dizer voltar atrás.

Segunda questão, Sr. Deputado.

Se bem se lembra – e a Comissão tomou a devida nota disso – eu invoquei como matéria secundária a questão jurídica do instituto, inclusive dizendo que era possível continuar assim, que não era por causa disso. Portanto, não venha agora centrar a discussão na questão do instituto porque, nem aqui, nem na Comissão, eu invoquei a questão da nova legislação do instituto como sendo a razão motivadora.

A razão motivadora foi, sim, a avaliação que foi feita do funcionamento da Escola das Capelas, avaliação essa que concluiu – já há algum tempo, este é um assunto que já anda a ser discutido há mais de um ou dois anos – que seria melhor esta transformação. Ou seja, foi feita essa avaliação e a avaliação concluiu que o melhor caminho era este que está agora a ser seguido. Não foi criada nenhuma comissão, aliás aí o decreto diz que *pode* ser criada, não foi criada e, portanto, a avaliação foi assim, não violou essa lei nem outra qualquer, nem isto tem a ver directamente com esse diploma.

Muito obrigado.

**Presidente:** Tem a palavra a Sra. Deputada Catarina Furtado.

**(\*) Deputada Catarina Furtado (PS):** Sr. Presidente, Sras. e Srs. Deputados, Sra. e Srs. Membros do Governo:

Primeiro, dizer ao Deputado Bolieiro que comecei por, exactamente, enaltecer a excelência do ensino e a excelência e o mérito da Escola Profissional das Capelas. Penso que isso é inequívoco, todos nós prestamos a nossa homenagem, todos nós reconhecemos os méritos adquiridos.

Exactamente porque o sucesso é o que se pretende com o nosso sistema educativo regional, os senhores, que tanto apelam ao sucesso, não vejo o porquê nem a reticência de incorporar uma escola, com tanto sucesso firmado, no nosso sistema educativo, que só pode ser um exemplo, para todas as outras, estando integrada.

No que respeita à autonomia, Sr. Deputado, penso que já lhe tinham aconselhado em Comissão que o senhor fizesse uma leitura comparada do que havia relativamente à autonomia de que hoje a escola profissional dispõe, que o senhor pode ler no Decreto Legislativo Regional 1/97/A no seu ponto 4 do artigo 5º, em que diz: «Entende-se por autonomia pedagógica a competência para conceber e formular o projecto educativo, adoptar os métodos necessários à sua realização, assegurar e controlar a avaliação de conhecimentos dos alunos e realizar práticas de inovação pedagógica».

Em contrapartida, se o Sr. Deputado se der ao trabalho de ver o capítulo da autonomia do Decreto Legislativo Regional 12/2005/A, verá que a autonomia pedagógica ocupa, toda ela, uma secção, e que vê ampliado e aprofundado tudo o que respeita a gestão de currículos, os programas, as actividades educativas, a avaliação, a orientação, toda ela esmiuçada nas mais variadas vertentes que podem ser aprofundadas. Portanto, é um manancial de autonomia

muito superior, que está ainda longe de ter sido atingido por qualquer outra unidade orgânica.

**Deputado José Manuel Bolieiro (PSD):** Não apoiado!

**A Oradora:** Para não falarmos já na possibilidade dos contratos de autonomia, que também estão previstos no mesmo diploma, até porque a Escola Profissional, por todo o seu historial vê e tem possibilidades que as outras não têm, exactamente porque até agora teve a implementação e a oportunidade destas práticas e tem, agora, uma vantagem ao poder propor contratos de autonomia previstos no decreto a que agora fica sujeita e ao ver ampliada e reforçada toda essa vertente pedagógica. Quanto ao senhor ter desvirtuado um pouco aquilo que disse o director da escola: o director da escola – e está no relatório da audição –, entre outras coisas, reafirmou que a escola tem sabido integrar a mudança com sucesso. A prová-lo estão os resultados alcançados pelos alunos, tendo a escola diferentes estatutos e modelos de gestão. Foi dito, foi ouvido pelo senhor que estava em comissão na altura e, portanto, não sei porque a refutar.

**Deputado José Manuel Bolieiro (PSD):** Eu ouvi e ouvi mais.

**A Oradora:** Ou seja: na sua história, a Escola Profissional das Capelas tem sabido responder sempre com excelência e sucesso, com mérito, ao longo dos vários regimes jurídicos a que já foi sujeita.

Como já disse o Sr. Secretário, não é um regresso a, é um avanço, é uma oportunidade de ampliar e de aprofundar aquilo que é mais importante em qualquer escola, independentemente de ser uma escola do nível ou do tipo básico ou secundário ou ser uma escola profissional.

A excelência das práticas pedagógicas e a excelência da inovação pedagógica, são o mais importante. A possibilidade das parcerias, dos protocolos, uma possibilidade dum maior articulação com a sociedade em que está envolvida, é que é uma grande mais-valia que a Escola Profissional das Capelas vê agora reforçada e possibilitada, face ao novo quadro legislativo.

Portanto, tudo o que o Sr. Deputado disse creio que fica mais do que esclarecido.

Obrigada.

**Presidente:** Tem a palavra o Sr. Deputado José Manuel Bolieiro.

**(\*) Deputado José Manuel Bolieiro (PSD):** Sr. Presidente, Sras. e Srs. Deputados, Sra. e Srs. Membros do Governo, Sr. Secretário Regional da Educação:

A primeira nota: saúdo a correcção, quando afinal fica claro que esta alteração nada tem a ver com qualquer exigência jurídica ou de novo regime dos institutos públicos regionais. É, portanto, como nós sabíamos, uma opção política. Uma opção política que, no nosso entendimento, vai no caminho errado e, por isso, não vamos por aí.

Demarcamo-nos desta posição, afirmando aqui e a todos os açorianos e em particular aos profissionais daquela escola, aos antigos formandos, aos actuais formandos e aos futuros formandos que o nosso caminho seria outro e, desde logo, mantendo o actual regime enquanto instituto, que lhe garante verdadeira autonomia administrativa, financeira e pedagógica. Garantindo que esta escola se move no universo competitivo das escolas de formação profissional, as outras existentes nos municípios e na Região Autónoma dos Açores, sejam elas de responsabilidade municipal ou de entidades privadas. É este o universo competitivo que deve assegurar, em que deve estar inserida a Escola de formação das Capelas, cumprindo o seu papel de excelência e de referência para a formação profissional na Região Autónoma dos Açores, bem assegurado enquanto instituto público.

Devo dizer, por outro lado, que o engenho, a arte e a adequação da actual forma jurídica para o funcionamento daquela escola tem-se revelado de tal ordem eficaz e útil que merecia a sua continuidade porque, como disse e textualmente cito o Sr. Director actual daquela escola: «A escola tem hoje o dobro de cursos que tinha há anos e metade dos recursos financeiros de que antigamente dispunha». Ora, Sr. Secretário, o universo daquela escola e a história de sucesso daquela escola e das suas mudanças têm garantido realidades diferentes.

Avaliada hoje a situação da escola, a verdade do que o Sr. Director diz daquela escola que a escola tem hoje o dobro de cursos que tinha há anos e metade dos recursos de que dispunha então. Ora, melhor caso de sucesso e de boa gestão é difícil encontrar. Não faz sentido, por isso, a mudança. Como dizia o Sr. Secretário: altera para não alterar nada. Então não se altere, Sr. Secretário e essa é a nossa visão, clara e inequívoca, por isso votaremos contra.

Finalmente, para dizer que é textualmente, Sra. Deputada, que cito o Sr. Director também na comissão. Ele disse exactamente isto: «A escola é específica. Torná-la subsidiária é diminuí-la. As outras escolas podem evoluir, mas não à custa da Escola das Capelas. É um

diploma precipitado. A história das Capelas, com esta opção, neste Decreto Legislativo Regional, é apoucada». Citei o Sr. Director daquela escola.

Mas nem sequer é por esse fundamento nem por essa arguição que o PSD decide a sua opção. O PSD decide a sua opção porque tem uma visão política própria para a formação profissional nos Açores e, desde logo, para o papel que reserva para a Escola de formação das Capelas enquanto escola de referência da formação profissional nos Açores.

Muito obrigado, não tenho mais nada a acrescentar.

**Vozes de deputados da bancada do PSD:** Muito bem! Muito bem!

**Presidente:** Tem a palavra a Sra. Deputada Catarina Furtado.

**(\*) Deputada Catarina Furtado (PS):** Sr. Presidente, Sras. e Srs. Deputados, Sra. e Srs. Membros do Governo:

Apenas para reforçar que eu julgo que o Deputado Bolieiro devia ter estudado um pouco melhor o decreto a que fica sujeita a Escola Profissional das Capelas, o da autonomia, porque a autonomia administrativa também está prevista. Estão previstas, nesse decreto a que fica sujeita, a autonomia administrativa, pedagógica, cultural e financeira.

Portanto, o que o senhor vem agora aqui dizer em termos de apoucar, porque o director ...

**Deputado José Manuel Bolieiro (PSD):** Não fui eu que usei essa expressão!

**A Oradora:** Não, eu sei, o senhor parafraseou.

Mas ele também disse que ao longo do tempo a escola soube sempre admitir alunos com percursos de insucesso noutras escolas e transformá-los nos melhores técnicos do país. Portanto, eu não vejo em que é que pode ser um apoucar, aliás defendemos que agora seja um exemplo dessa transformação de insucesso em sucesso para todo o sistema educativo regional.

Penso que ambas as partes ganham e é um exemplo a seguir por todo o sistema em que fica inserida.

Obrigada.

**Presidente:** Tem a palavra o Sr. Secretário Regional da Educação e Ciência.

**(\*) Secretário Regional da Educação e Ciência (Álamo Meneses):** Sr. Presidente, Sras. e Srs. Deputados, Sra. e Srs. Membros do Governo:

Sr. Deputado, em relação àquilo que disse, concordo, é uma opção política e é uma decisão que resulta da avaliação, política e não só, do funcionamento da escola. Resulta também de

uma certeza: é que a Escola Profissional das Capelas, com este novo enquadramento, vai poder afirmar-se ainda mais como uma das nossas melhores escolas e como um estabelecimento que cumpre, de facto, os objectivos para os quais foi constituído.

De facto, a Escola Profissional das Capelas passou de 237 alunos em 1996 para cerca de 600 hoje, ou seja, mais do que duplicou a sua actividade formativa, mantendo ainda um potencial de crescimento muito grande, que espero que seja estimulado ao longo dos próximos anos, que ela possa absorver um número cada vez maior de alunos, que justifiquem e que aproveitem as instalações que lá estão e que permitam manter o grau de sucesso que ela tem tido até agora.

Eu também registo com agrado a evolução que nestes onze anos aconteceu da parte do PSD, porque em 1997 a posição não foi exactamente esta. É bom que se tenham encaminhado nesta direcção e ficamos todos muito felizes com isso. Bem-vindos ao campo da autonomia das escolas.

Muito obrigado.

**Presidente:** Srs. Deputados, creio que estamos em condições de fazer a votação na generalidade.

Os Srs. Deputados que concordam por favor mantenham-se como se encontram.

Os Srs. Deputados que discordam façam o favor de se sentar.

O Sr. Deputado que se abstém faça o favor de se sentar.

**Secretário:** Na generalidade, a Proposta de Decreto Legislativo Regional foi aprovada com 27 votos a favor do PS, 18 votos contra do PSD e uma abstenção do Deputado Independente.

**Presidente:** Na especialidade, há uma proposta de alteração para o artigo 2.º e eu pergunto à câmara se podemos votar em primeiro lugar a proposta de alteração e entrarmos nos artigos depois.

Parecendo não haver oposição, passamos à votação da proposta de alteração vinda da Comissão e subscrita pelo PS.

Os Srs. Deputados que concordam por favor mantenham-se como se encontram.

Os Srs. Deputados que discordam façam o favor de se sentar.

O Sr. Deputado que se abstém faça o favor de se sentar.

**Secretário:** A proposta de alteração foi aprovada com 27 votos a favor do PS, 18 votos contra do PSD e uma abstenção do Deputado Independente.

**Presidente:** Passamos agora aos restantes artigos e parte restante do artigo 2.º.

Os Srs. Deputados que concordam, na especialidade, com os restantes artigos por favor mantenham-se como se encontram.

Os Srs. Deputados que discordam façam o favor de se sentar.

O Sr. Deputado que se abstém faça o favor de se sentar.

**Secretário:** Os artigos anunciados foram aprovados com 27 votos a favor do PS, 18 votos contra do PSD e a abstenção do Deputado Independente.

**Presidente:** Passamos então à votação final global.

Os Srs. Deputados que concordam por favor mantenham-se como se encontram.

Os Srs. Deputados que discordam façam o favor de se sentar.

O Sr. Deputado que se abstém faça o favor de se sentar.

**Secretário:** Em votação final global, a Proposta de Decreto Legislativo Regional foi aprovada com 27 votos a favor do PS, 18 votos contra do PSD e uma abstenção do Deputado Independente.

**Presidente:** O diploma baixa à Comissão para redacção final.

Passamos ao ponto seguinte da nossa agenda, a **Proposta de Resolução – "Contributo para uma política sustentável e competitiva de produção de leite nos Açores"**, apresentada pelo Grupo Parlamentar do Partido Social Democrata.

Tem a palavra o Sr. Deputado António Ventura.

**Deputado António Ventura (PSD):** Exmo. Sr. Presidente da Assembleia, Exma. Sras. e Srs. Deputados, Exmo. Sr. Presidente do Governo, Exma. Sra. e Srs. Membros do Governo: A Agricultura é, e cada vez mais, uma actividade horizontal a toda a sociedade, pois encontra-se no centro dos grandes desafios que a humanidade enfrenta.

A Agricultura adquire compromissos para processos como as mudanças climáticas, a segurança alimentar, as energias alternativas, a preservação ambiental e a conservação da biodiversidade, entre outras e outras funcionalidades.

Nos Açores estes aspectos ganham ainda mais corpo, atendendo às características deste Arquipélago.

Todavia, é preciso não perder de vista a função produtiva da Agricultura, porque na Região é a base económica do desenvolvimento dos Açores e, sobretudo, a produção de leite.

Desde o início do povoamento das ilhas que a produção de leite assumiu um peso significativo na subsistência e no rendimento das populações, tendo sido o único produto pecuário que conseguiu atravessar os tempos e alcançar grandeza produtiva.

O peso da produção de leite nos Açores é de tal modo significativo que actualmente representa 30% do total do leite produzido em Portugal.

A fileira leiteira adquiriu uma situação de predomínio no seio da Agricultura regional, particularmente quando se observa a falta de alternativas neste Arquipélago.

A produção de leite nos Açores, como no resto da Europa, obedece a uma disciplina produtiva regulada por um sistema de imposição suplementar.

O regime de quotas surge para aproximar a oferta da procura, evitando-se os grandes excedentes de oferta, eliminando-se os grandes encargos orçamentais da União mas, principalmente, para estabilizar o rendimento dos agricultores.

Neste sentido, a autorização administrativa de produção de leite resulta numa vantagem para as Regiões desfavorecidas com permanentes condicionalismos geográficos, onde se inclui a distância, a pequena dimensão a dispersão geográfica e a forte dependência de um pequeno grupo de produtos.

Acrescem a estas desvantagens alguns eco-condicionalismos que interessa conservar e proteger, como a diversidade genética e o meio natural.

Neste sentido, a supressão das quotas leiteiras para além de 2015, isto é, uma liberalização desta produção de forma “selvagem”, terá repercussões negativas sobre o rendimento dos Produtores de leite da Região, das Indústrias transformadoras e, genericamente, sobre a economia dos Açores.

As Indústrias transformadoras sedeadas na Região têm vindo a efectuar robustos investimentos na sua reestruturação e modernização, algumas para além da actual capacidade de produção de leite dos seus universos de recolha e transformação.

Também os produtores da Região têm vindo a comprar quantidades avultadas de quota no continente europeu.

Esta contenção de secretaria – quotas leiteiras – nunca foi bem aceite por todos os Estados Membros, tendo ficado bem patente na última reforma da Política Agrícola Comum e por várias tentativas, ao longo deste tempo, de eclipsar esse sistema.

Agora, surge a oportunidade contextual de transformar a avaliação da PAC, apelidada de “exame médico”, numa alteração significativa de parte das decisões do Conselho do Luxemburgo de Junho de 2003. Aliás, um exame médico que se transforma numa intervenção cirúrgica.

Exmo. Sr. Presidente, Sras. e Srs. Deputados, Sra. e Srs. Membros do Governo,

A produção de leite nos Açores ultrapassa a dimensão económica, representando um importante factor social, onde se destaca a fixação de pessoas em Ilhas tendentes ao abandono humano e sua a matriz familiar.

É por tudo isso, que as perspectivas de mudança no sistema de quotas leiteiras, já várias vezes ameaçadas antes de 2015, devem contemplar de forma duradoura as especificidades desta Região.

Urge, deste modo, sensibilizar os decisores da República e da Comunidade Europeia para a aceitação e a concretização de medidas que permitam criar competitividade e sustentabilidade à bovinicultura de leite neste Arquipélago.

Este é um Projecto de Resolução de iniciativa do PSD mas que recebeu os contributos do PS.

Num interesse Regional de supra importância, como é o da produção de leite, conseguiu-se qualificar e quantificar uma iniciativa de consenso generalizado.

Disse.

**Deputado Clélio Meneses (PSD):** Muito bem!

*(Aplausos da bancada do PSD)*

**Presidente:** Tem a palavra o Sr. Secretário Regional da Agricultura e Florestas.

**(\* Secretário Regional da Agricultura e Florestas (Noé Rodrigues):** Sr. Presidente da Assembleia, Sras. e Srs. Deputados, Sra. e Srs. Membros do Governo Regional:

Gostaria de utilizar a palavra para saudar os Srs. Deputados e, em particular, a Comissão de Economia que, com o seu trabalho, o seu bom trabalho, permitiu transformar a primeira

versão da Proposta de Resolução que o PSD apresentou a esta casa no âmbito do processo de análise à saúde da PAC.

Faço-o porque a exposição de motivos da inicial proposta do PSD era uma exposição de motivos globalmente aceitável visto que, afinal, transcrevia os princípios gerais e de diagnóstico que são transversais e comuns e que constam, aliás, de vários documentos, quer regionais, quer nacionais, quer até comunitários e que são princípios que, repito, são transversais a todos na Região Autónoma dos Açores.

No entanto, a inicial proposta do PSD, apesar de defender, nas suas motivações e nos seus fundamentos, a necessidade de sensibilizar as autoridades nacionais e comunitárias para a concretização de objectivos e de medidas, afinal a inicial proposta do PSD não concretizava nenhum objectivo nem nenhuma medida.

Considerando que a planificação da análise e do exame da saúde da PAC passa nos próximos tempos pela adopção de um texto de compromisso por parte do Conselho, que será no mês de Março próximo, e pela apresentação de propostas legislativas da Comissão Europeia no mês de Maio próximo, considerando essa planificação não podíamos apenas ficar, mais uma vez, pelo enunciado de princípios e pelo enunciado do diagnóstico que é comum a todos nós.

O Governo Regional entende que o sector agro-pecuário, e em particular o sector leiteiro, é um sector estratégico, é um sector central para o nosso processo de desenvolvimento, pelo que ao longo do último ano tem feito várias reuniões de trabalho com o movimento associativo, com as unidades industriais da Região, com as organizações representativas de uns e outros, com o próprio e no âmbito do próprio Conselho Regional de Agricultura e, em resultado de todo esse trabalho, havíamos concluído com a elaboração de um conjunto de propostas concretas que mereceram um amplo consenso de todos os parceiros sociais, propostas que oportunamente transmitimos às autoridades nacionais sublinhando, de uma forma muito veemente, a importância que o sector leiteiro representa para a Região, para os agricultores açorianos e para o nosso crescimento económico e social.

Porque a versão do PSD, aquela que agora apresenta a esta Assembleia, após o trabalho desenvolvido na Comissão, acolhe em grande medida os objectivos e os princípios traçados pelo Governo Regional e que o Governo Regional já havia transmitido às autoridades competentes, já havia levado à apreciação dos parceiros sociais e já havia comunicado ao

Governo da República, entendemos que a proposta, assim transformada e acolhendo aquelas que têm sido as posições do Governo Regional ao longo desse último ano, assim transformada, devia receber o nosso consenso, a nossa aceitação porque, afinal, ela acolhe os objectivos que nós defendemos, as medidas que nós propusemos e os objectivos ousados que os Açores devem prosseguir.

Obrigado.

**Presidente:** Tem a palavra o Sr. Deputado Luís Paulo Alves.

**(\*) Deputado Luís Paulo Alves (PS):** Sr. Presidente, Sras. e Srs. Deputados, Sra. e Srs. Membros do Governo:

A proposta que estamos a analisar incide sobre o exame médico às decisões do Conselho de Luxemburgo, de Junho de 2003, no âmbito da revisão da PAC.

Comecemos então por relembrar que, em Junho de 2003, foi tomado um conjunto de decisões, no sector do leite e lacticínios, do qual se podem destacar a redução dos preços de intervenção, a compensação parcial da redução dos preços de intervenção a conceder aos produtores de leite e produtos lácteos e a dissociação dessas compensações das respectivas produções. Foram também tomadas medidas como a supressão das quotas a partir de 1 de Abril de 2015 e o aumento gradual das quotas em 1,5% em três etapas de 0,5% ao ano. Foi ainda deliberada a redução da imposição suplementar, vulgarmente chamada de multa, em 4 etapas.

Todas estas decisões, ao longo dos últimos anos, têm tido forte impacto no sector leiteiro nos vários países da Europa e na Europa do Sul em particular.

O próprio Regulamento CE 1782/2003 fixou datas para rever os mecanismos e as decisões acordadas em 2003, nomeadamente o artigo 8.º, respeitante à condicionalidade, o artigo 16.º, respeitante à gestão das explorações, o artigo 60.º, da utilização das terras e o artigo 64.º, relativo ao desligamento.

De assinalar também que, com o início da reforma de 2003, entraram para a Comunidade mais dez Estados-membros, trazendo mais 80 milhões de consumidores e 18,5 milhões de toneladas de leite, ao que acresceu, com a adesão da Roménia e da Bulgária em 2007, mais 4 milhões de toneladas, tendo passado o volume total de quota comunitária para 142 milhões de toneladas.

A reforma de 2003 tinha, na sua génese, o objectivo de aumentar os níveis de competitividade da agricultura europeia, conferindo-lhe uma melhor orientação para o mercado. Pretendia-se desencadear a produção de *commodities* ou desincentivar a produção de *commodities* como o leite em pó e a manteiga, incentivando a produção, na Europa, de produtos com maior valor acrescentado, nomeadamente os produtos frescos e os queijos. Com os aumentos das quotas pretendia-se também incentivar maiores produções, uma melhor reestruturação das fileiras lácteas e promover a atractibilidade dos jovens. Já então, para a reforma em 2003, a Comissão propunha, também, um aumento de quota em 2%, que não vingou, conseguindo apenas o compromisso de proceder à avaliação do mercado em 2007/2008.

Na sequência deste estudo, agora apresentado em Dezembro último, a Comissão volta a retomar essa proposta de aumento em 2% nas quotas comunitárias.

Por outro lado, as complexas questões e os desafios que nos lançam, relativamente às alterações climáticas, à bioenergia, à gestão da água e à biodiversidade assumem hoje outra visibilidade e outra presença que não acontecia em 2003. Também os mercados do leite e lacticínios em 2007 se apresentaram extremamente desequilibrados do lado da oferta, com subabastecimento ao consumo e com substanciais aumentos nos preços do leite e dos produtos lácteos.

Foi neste quadro geral que a Comissão apresentou, em 20 de Novembro último, a comunicação ao Parlamento Europeu e ao Conselho para preparar o exame de saúde da reforma da PAC, sobre o qual, neste momento, se procede à sua discussão e se tomam posições que visam acautelar e promover os interesses mais díspares na evolução da Política Agrícola Comum.

Para os Açores, a pecuária do leite como pilar da economia transforma-nos numa região ímpar no grupo das regiões desfavorecidas pois, aos condicionalismos derivados da nossa condição ultraperiférica, acresce a nossa dependência social, económica e ambiental desta produção.

No quadro de orientação da Política Agrícola Comunitária, em que temos vivido na última década, os Açores puderam desenvolver uma profunda transformação no sector do leite e lacticínios. A produção de leite aumentou de 366 milhões de litros de leite para 505, mais 139 milhões; a produção de queijo aumentou de 13 mil toneladas para 26 mil, mais 92%; o

leite ao consumo aumentou de 36 milhões de litros para 78, mais 116%; e as produções de leite em pó diminuíram 11%, menos 2027 toneladas. O tecido produtivo tornou-se, também, mais robusto. A média produtiva por explorações em 1995 era de 63 mil litros; hoje é 120% superior, fruto de uma revolução silenciosa que foi reestruturando o sector produtivo sem crises sociais e com aumentos de produtividade e de produção na ordem dos 139 milhões de litros de leite. A política comunitária tem permitido o nosso desenvolvimento no quadro global. O potencial agro-industrial da Região também se transfigurou e em todos os indicadores relativos à estrutura das explorações pecuárias se viram claramente melhorias.

Todavia, esta reestruturação em curso encontra-se longe de estar concluída. Tem de merecer da nossa parte, da parte da Assembleia, uma posição política determinada, que acautele o seu desenvolvimento, para que não se faça perigar a sua continuidade e o património conseguido que está na essência da nossa riqueza económica, social, ambiental e paisagística, sendo fundamental também para o sucesso da emergência de outros sectores económicos nos Açores, como está a acontecer com o turismo. É, portanto, pela natureza absolutamente determinante que para os Açores podem assumir alterações e novas orientações na Política Agrícola Comum, que venham a resultar desta avaliação em curso ou exame da saúde da PAC, que este Projecto de Resolução, que dá à Assembleia Legislativa da Região Autónoma dos Açores a oportunidade de se pronunciar, mereceu, da nossa parte, a melhor disponibilidade.

Todavia bem acolhida a sua oportunidade, em nossa opinião, não reflectia de início aquilo que devia ser a posição desta Assembleia que, no nosso entender, devia ir mais além, devia tomar posição, devia incorporar substância e propositura, indo mais longe na chamada de atenção, meritória mas vaga, que inicialmente apresentava. Neste sentido, foram também questionados, no âmbito das audiências, o representante da Federação Agrícola e o representante da ANIL, sobre o sentido de orientação que deveria conter o objecto desta proposta. Diga-se que a sua concordância nesta matéria foi também absoluta.

Neste quadro, e no maior respeito pelo mérito do proponente, quanto à natureza da matéria apresentada e dado que a figura do Projecto de Resolução só ao proponente permitia alterar o seu conteúdo, o PSD disponibilizou-se e manifestou concordância para integrar os conteúdos que nós nos propúnhamos ver na proposta. Registamos, com manifesto agrado, que o PSD assim o fez e é com manifesto sentido positivo que trabalhámos também com o

Governo, apresentámos um conjunto de medidas concretas que conferiram maior substância à proposta e mereceram também a concordância por parte de todas as partes representadas na Comissão.

Destacamos, por exemplo, os pontos que se relacionam com a capacidade produtiva, onde a proposta defende a integração das 23 mil toneladas, que hoje se constitui um direito produtivo da Região, em quota efectiva; que defendem que no quadro de abolição de quotas ou do seu desmantelamento, haja uma diferenciação positiva para a Região, concedendo-lhe maiores direitos produtivos; integrámos ainda na proposta o conceito de defesa dos rendimentos, fazendo passar um envelope financeiro e pedindo a garantia desse envelope financeiro no que diz respeito ao prémio aos produtos lácteos para o POSEIMA; que se mantivesse também a exclusão do desligamento que hoje existe e da obrigação da modulação; que, por parte da Região Autónoma dos Açores não exista limite mínimo para acesso às subvenções; que persistam os mecanismos de armazenagem privada como regulador de mercado face à tipologia das nossas produções e ao seu afastamento dos mercados que nós temos; foram contributos que, do nosso ponto de vista, ajudaram a fortalecer a proposta.

Esta proposta, assim reformulada, que agora apreciamos e que todos reconhecem ter sofrido uma evolução consensualizada muito substancial, capaz de conferir à posição a tomar, pela Assembleia Legislativa, uma força e um conteúdo de propositura que dê à Comissão Europeia e ao Conselho Europeu uma imagem da unidade que esta matéria assume nos Açores, tem portanto o nosso apoio, merece e vai receber o nosso voto favorável.

Muito obrigado.

**Presidente:** Tem a palavra o Sr. Deputado Paulo Gusmão.

**(\*) Deputado Paulo Gusmão (Indep):** Sr. Presidente da Assembleia, Sras. e Srs. Deputados, Sra. e Srs. Membros do Governo Regional:

Permitam-me que me associe à proposta aqui apresentada pelo PSD e que, de facto, manifeste o meu apreço pela preocupação que o Sr. Deputado António Ventura aqui trouxe – aliás, em sequência de muitas outras propostas que aqui tem feito e de intervenções sempre atentas à questão agrícola – e que me associe com sentido político de que estamos a lidar com uma situação que vai para além de 2015, mas sobre a qual é tempo de reflectir.

O Governo Regional estava um pouco adormecido sobre isso. Infelizmente no passado, em relação à quota, os problemas foram sempre resolvidos depois de terem surgido.

Penso que é uma perspectiva positiva, que deve ser enaltecida, a do PSD como partido de alternativa apresentar a este tempo, a esta distância, para 2015 uma proposta que tem este sentido político e, por isso, quero associar-me a ela, porque penso que deve ser, sim, aprovada por unanimidade. É uma proposta que significa, também, essa responsabilidade para o Governo Regional, porque com este instrumento, com este sentido político de unanimidade de aprovação nesta casa, o Governo Regional tem um instrumento eficaz e tem maior responsabilidade na negociação que vai fazer quanto àquelas que são as medidas concretas que aqui estão. Portanto, ao Governo agora compete, de facto, levar em frente esta proposta que aqui veio, sobretudo tendo em atenção este sentido político que se gerou em volta dela, com os contributos que o Partido Socialista aqui encontrou.

Tendo presente, permitam-me que o diga a concluir, que a agricultura e, de um modo especial, o que aqui está em causa, deve continuar a ser assumida como uma prioridade económica da Região. A preferência ao mundo rural, a fixação das pessoas, a economia familiar, são valores que fazem parte da forma de ser dos açorianos.

Portanto, conforme aqui é bem explicitado, esta é uma causa muito importante entre aquelas que devem ser as nossas preocupações, daí o meu apoio e o meu elogio ao Sr. Deputado e à bancada do PSD.

**Presidente:** Srs. Deputados, não havendo mais inscrições, vamos então votar a Proposta de Resolução apresentada pelo PSD.

Os Srs. Deputados que concordam por favor mantenham-se como se encontram.

**Secretário:** A Proposta de Resolução foi aprovada por unanimidade.

**Presidente:** Passamos agora à **Petição relativa à "Deslocalização dos estaleiros da Tecnovia, sita na Barca"**, cujo primeiro subscritor é o Senhor Alberto Oliveira.

Para apresentar o relatório, tem a palavra o Sr. Deputado Rogério Veiros.

**Deputado Rogério Veiros (PS):** Sr. Presidente, Sras. e Srs. Deputados, Sra. e Srs. Membros do Governo:

RELATÓRIO NO ÂMBITO DA APRECIACÃO DA PETIÇÃO RELATIVA À  
"DESLOCALIZAÇÃO DOS ESTALEIROS DA TECNOVIA, SITA NA BARCA –

MADALENA – PICO”, QUE TEM COMO PRIMEIRO SUBSCRITOR O SENHOR ALBERTO OLIVEIRA

## Capítulo I – INTRODUÇÃO

A Comissão de Assuntos Parlamentares, Ambiente e Trabalho reuniu no dia 14 de Janeiro de 2008, na delegação de São Miguel da Assembleia Legislativa da Região Autónoma dos Açores, em Ponta Delgada.

Da agenda da reunião constava a conclusão da apreciação e relato, em execução do despacho de Sua Excelência o Presidente da Assembleia Legislativa, sobre a Petição relativa à "Deslocalização dos Estaleiros da Tecnovia, sita na Barca – Madalena – Pico”, que tem como primeiro subscritor o senhor Alberto Oliveira.

A mencionada petição, contendo 100 (cem) assinaturas, deu entrada na Assembleia Legislativa da Região Autónoma dos Açores em 10 de Julho de 2007, tendo sido enviado à Comissão de Assuntos Parlamentares, Ambiente e Trabalho para relato e emissão de parecer, no prazo de 60 dias, contado a partir de 1 de Setembro de 2007.

O adiamento da audição da Secretária Regional do Ambiente e Mar para o dia 12 de Novembro de 2007 e a consequente disponibilização de informação por parte da governante impossibilitou o cumprimento do prazo estatuído no n.º 1 do artigo 191.º do Regimento da Assembleia Legislativa.

## Capítulo II – ENQUADRAMENTO JURÍDICO

O direito de petição, previsto no artigo 52.º da Constituição da República Portuguesa, exerce-se nos termos do n.º 4 do artigo 42.º do Estatuto Político-Administrativo da Região Autónoma dos Açores, dos artigos 189.º a 193.º do Regimento da Assembleia Legislativa e da Lei n.º 43/90, de 10 de Agosto.

A apreciação da petição pela Assembleia Legislativa e a elaboração do respectivo relatório cabe à comissão especializada permanente competente em razão da matéria, nos termos do disposto nos n.ºs 1 dos artigos 190.º e 191.º do respectivo Regimento.

Nos termos da Resolução da Assembleia Legislativa n.º 1-A/99/A, de 28 de Janeiro, as matérias relativas aos “ambiente” e “ordenamento do território”, onde se enquadra a presente petição, são competência da Comissão de Assuntos Parlamentares, Ambiente e Trabalho.

## Capítulo III – APRECIÇÃO DA PETIÇÃO

a) Da admissibilidade:

Apreciada a admissibilidade da Petição, nos termos do disposto no n.º 2 do artigo 190.º do Regimento da Assembleia Legislativa, a Comissão de Assuntos Parlamentares, Ambiente e Trabalho deliberou, na reunião de 4 de Setembro de 2007 e por unanimidade, admiti-la, por estarem verificados todos os requisitos legais (Lei n.º 43/90, de 10 de Agosto) e regimentais (artigo 189.º).

b) Diligências efectuadas:

Admitida a Petição e ainda na reunião de 4 de Setembro de 2007, a Comissão decidiu efectuar as seguintes diligências:

- Audição dos peticionantes;
- Audição do Secretário Regional da Economia;
- Audição da Secretária Regional do Ambiente e Mar;
- Audição do Presidente da Câmara Municipal da Madalena;
- Audição do Director do Gabinete Técnico da Paisagem Protegida de Interesse Regional da Cultura da Vinha da Ilha do Pico;
- Audição da empresa Tecnovia, SA;
- Visita às instalações da Tecnovia, SA, objecto da petição.

## 1. AUDIÇÃO DOS PETICIONANTES

Os peticionantes foram ouvidos nas pessoas dos Senhores Alberto Oliveira e Jorge Pires, no dia 17 de Setembro de 2007, na Delegação do Pico da Assembleia Legislativa.

Por eles foi dito que “é difícil morar nos arredores da pedreira”, designadamente devido “à poluição, aos maus cheiros e ao barulho”, tendo sendo estes os motivos da petição. Entendem, ainda, que a pedreira constitui um handicap ao desenvolvimento e promoção do turismo, dado que está implantada numa zona de paisagem protegida.

Não obstante, foi afirmado pelos peticionantes que não pretendem o encerramento da actividade da empresa Tecnovia, SA, mas tão só a deslocalização das instalações objecto da petição para um local onde não existam impactos sobre habitações e sobre uma área protegida, como a que está em questão.

## 2. AUDIÇÃO DO DIRECTOR DO GABINETE TÉCNICO DA PAISAGEM PROTEGIDA DE INTERESSE REGIONAL DA CULTURA DA VINHA DA ILHA DO PICO

No dia 17 de Setembro de 2007, na Delegação do Pico da Assembleia Legislativa, a Comissão procedeu à audição do Director do Gabinete Técnico da Paisagem Protegida de Interesse Regional da Cultura da Vinha da Ilha do Pico (PPIRCVIP), Dr. Fernando Luís Oliveira, o qual informou ser entendimento do gabinete sob a sua direcção de que se deve proceder à deslocalização das instalações objecto da petição, porquanto estas têm impactos na zona de paisagem protegida e porque aqueles terrenos deveriam ser destinados à construção de uma unidade hoteleira, tal como consta do Plano de Ordenamento da PPIRCVIP.

### 3. AUDIÇÃO DO PRESIDENTE DA CÂMARA MUNICIPAL DA MADALENA

O Presidente da Câmara da Madalena, Senhor Jorge Rodrigues, ouvido pela Comissão, no dia 17 de Setembro de 2007, na Delegação do Pico da Assembleia Legislativa, manifestou o entendimento de que se devem reunir esforços com vista à deslocalização da pedreira, já que toda aquela zona, pela sua proximidade à Vila, é “apetecível em termos de construção”.

Informou também que os licenciamentos urbanos efectuados nos terrenos circundantes à pedreira, não tiveram em conta a existência dessas instalações, já que, segundo o Presidente da Câmara Municipal, “o licenciamento não é uma decisão política” e a autarquia, mesmo depois de dispor de plano director municipal, continua a solicitar pareceres a diversas entidades, no âmbito dos processos de licenciamento urbano.

O Presidente da Câmara notou ainda o importante papel da empresa para a economia da ilha.

### 4. AUDIÇÃO DA EMPRESA TECNOVIA, SA

Ainda no dia 17 de Setembro de 2007, na Delegação do Pico da Assembleia Legislativa, a Comissão procedeu à audição da empresa Tecnovia, SA, proprietária das instalações objecto da petição, a qual se fez representar pelo Eng.º Jorge Taborda.

De acordo com a informação prestada, a referida empresa possui instalações do género das que são objecto da petição em diversas ilhas da Região e, em todas elas, existe “todo o cuidado na exploração da pedra”.

Segundo o representante da Tecnovia, SA, a legislação relativa à exploração de pedreiras condiciona o aparecimento de habitações nos arredores, o que não terá sido respeitado neste caso concreto.

À parte disso, a pedreira existente naqueles terrenos caminha para a extinção, pelo que a empresa tem diligenciado a procura de uma localização alternativa, onde possa prosseguir com a actividade extractiva, reaproveitando aos terrenos da Barca para outros fins. Para tanto, a Tecnovia, SA, já contactou a Secretaria Regional da Agricultura e Florestas (SRAF), com vista à identificação de um terreno da Região para a instalação da pedreira e demais infra-estruturas, onde não existam constrangimentos como os que actualmente se verificam.

Ainda de acordo com a informação da empresa, identificados os terrenos, a deslocalização das instalações objecto da petição demorará, no mínimo, entre um ano a um ano e meio.

Segundo a informação prestada pelo Eng.º Jorge Taborda, a Pedreira obteve licença de estabelecimento em 1995, sendo que a Central de Fabricação de Misturas Betuminosas dispõe de uma autorização de laboração a título experimental pelo prazo de meses, terminando no final de 2007.

Relativamente à Central de Fabricação de Betão e de Misturas Betuminosas foi destacado o esforço e investimento que a Tecnovia, SA, tem feito com vista a cumprir todos os requisitos legais, designadamente por via da instalação de um “filtro de mangas” na referida central.

Quanto à Pedreira e considerando a perspectiva de deslocalização, a Tecnovia, SA, já encetou o processo de recuperação dos limites da mesma, em cumprimento do respectivo plano de recuperação paisagística.

## 5. AUDIÇÃO DO SECRETÁRIO REGIONAL DA ECONOMIA

No dia 17 de Outubro de 2007, na Delegação de São Miguel da Assembleia Legislativa, a Comissão procedeu à audição do Secretário Regional da Economia, o qual se fez acompanhar pelo Director Regional do Comércio, Industria e Energia.

Pelo Secretário Regional da Economia e pelo Director Regional do Comércio, Indústria e Energia foi prestada informação sobre os procedimentos e datas de licenciamento da Pedreira e das autorizações de laboração da Central de Fabricação de Betão e de Misturas Betuminosas.

Foi, também, manifestado o entendimento e vontade do Governo Regional para que se encontre, rapidamente, uma solução com vista à deslocalização das referidas instalações,

sem pôr em causa a normal disponibilização no mercado local das produções daquelas instalações.

Conforme solicitado no decurso da audição, foram remetidas à Comissão, a coberto do ofício n.º 6778, de 18 de Outubro de 2007, da Direcção Regional do Comércio, Indústria e Energia, o qual se anexa, a Licença de Estabelecimento de Pedreira e as Autorizações de Laboração emitidas a favor da empresa Tecnovia, SA, e relativas às instalações objecto da petição.

## 6. AUDIÇÃO DA SECRETÁRIA REGIONAL DO AMBIENTE E MAR

A Comissão procedeu à audição da Secretária Regional do Ambiente e Mar no dia 12 de Novembro de 2007, na sede da Assembleia Legislativa.

A Secretária Regional do Ambiente e Mar reiterou o entendimento do Governo Regional favorável à deslocalização das instalações objecto da petição, apostando na requalificação daquela zona.

Foi também informado pela governante que, durante os últimos anos, foram lavrados alguns autos de notícia e instaurados processos contraordenacionais por violação dos limites legais de emissões da Central de Fabricação de Betão e de Misturas Betuminosas.

Questionada pelos Deputados do PSD, a Secretária Regional fez saber que não está equacionada a adopção de acções mitigadoras dos impactos, durante o período que decorra até à concretização da eventual deslocalização da infra-estrutura.

Foi ainda informado que, não existindo queixas relativamente às emissões de ruído, não foram efectuadas quaisquer medições.

## 7. VISITA ÀS INSTALAÇÕES OBJECTO DA PETIÇÃO

Para além das audições supra mencionadas, a Comissão de Assuntos Parlamentares, Ambiente e Trabalho efectuou uma visita às instalações da Tecnovia, SA, objecto da petição.

Nessa visita, a Comissão foi acompanhada pelo Eng.º Jorge Taborda, representante da empresa Tecnovia, SA, tendo constatado no local que a exploração da Pedreira se encontra em fase terminal e verificado os investimentos efectuados pela empresa visando a redução dos impactos da actividade da Central de Fabricação de Betão e de Misturas Betuminosas, designadamente a construção do silo de cimento e a instalação dos “filtros de mangas”.

A Comissão pôde, ainda, constatar a privilegiada localização dos terrenos, numa zona de paisagem protegida.

#### Capítulo IV – SÍNTESE DAS POSIÇÕES DOS DEPUTADOS

Os Grupos Parlamentares do PS e do PSD, relevando a participação dos cidadãos, neste particular usando do direito de petição junto da Assembleia Legislativa, manifestaram posições de concordância com a deslocalização, no mais curto espaço de tempo, das instalações, objecto da petição, para local apropriado à natureza e aos impactos da exploração.

#### Capítulo V – CONCLUSÕES

Com base na apreciação efectuada, designadamente em resultado das audições efectuadas e da visita ao local, a Comissão de Assuntos Parlamentares, Ambiente e Trabalho concluiu que:

1. As instalações objecto da petição, concretamente a Pedreira e a Central de Fabricação de Betão e de Misturas Betuminosas da Tecnovia, SA, se situam em zona classificada como Paisagem Protegida de Interesse Regional desde 1996 (Decreto Legislativo Regional n.º 12/96/A, de 27 de Junho);
2. A exploração da Pedreira está licenciada com o n.º 88, desde 21 de Abril de 1995;
3. A Central de Fabricação de Betão e de Misturas Betuminosas obteve autorização de laboração em 29 de Junho de 1999, estando no que respeita à fabricação de misturas betuminosas a laborar a título experimental, pelo prazo de 180 dias, desde 26 de Junho de 2007;
4. A Tecnovia, SA, efectuou, nos últimos anos, diversos investimentos visando a redução dos impactos da actividade da Central de Fabricação de Betão e de Misturas Betuminosas, designadamente a construção do silo de cimento e a instalação dos “filtros de mangas”;
5. A Pedreira encontra-se em fase terminal de exploração, não possuindo pedra para mais do que um ano de extracção;
6. Não obstante o referido na Conclusão 4. e o cumprimento pela Tecnovia, SA, dos dispositivos legais em vigor, continuam a verificar-se alguns impactos negativos nas áreas circundantes às referidas instalações, designadamente maus cheiros, ruídos e poeiras;
7. Existe um vasto consenso, por parte das instituições e pessoas ouvidas pela Comissão, em torno da necessidade e da importância da deslocalização das instalações objecto da petição;

8. A actividade desenvolvida pela Tecnovia, SA, é de enorme importância para a economia da ilha do Pico.

Recomendando, conseqüentemente, que:

1. Sejam desenvolvidos todos os esforços conducentes à célere deslocalização das instalações, objecto da petição, para local apropriado à natureza e aos impactos da exploração;

2. Na sequência da deslocalização, seja garantida a adequada recuperação paisagística do local.

Atentos os interesses públicos e privados em causa e a relevância social e económica de um eventual processo de deslocalização das instalações, objecto da presente petição, a Comissão de Assuntos Parlamentares, Ambiente e Trabalhos, nos termos e para os efeitos previstos na alínea b) do n.º 1 do artigo 192.º do Regimento da Assembleia Legislativa, deliberou, por unanimidade, emitir parecer favorável à apreciação do presente relatório em reunião plenária da Assembleia Legislativa da Região Autónoma dos Açores, recomendando à Conferência o respectivo agendamento.

Ponta Delgada, 14 de Janeiro de 2008.

O Relator, em substituição, José Ávila.

O presente relatório foi aprovado por unanimidade.

O Presidente, Hernâni Jorge.

**Presidente:** Srs. Deputados, está apresentado o Relatório da Comissão. O regime do debate é o previsto no artigo 192.º, como sabem e portanto, agora, se alguém quiser intervir sobre esta matéria pode fazê-lo.

Sr. Deputado Jaime Jorge, tem a palavra.

**(\*) Deputado Jaime Jorge (PSD):** Muito obrigado, Sr. Presidente.

Sr. Presidente, Sras. e Srs. Deputados, Sra. e Srs. Membros do Governo:

O PSD congratula-se com este Relatório da CAPAT sobre a deslocalização dos estaleiros da Tecnovia na Madalena do Pico, uma vez que este recomenda e vai de encontro às expectativas das pessoas e entidades da ilha, que sofrem, de uma forma ou de outra, os impactos negativos daquela unidade industrial.

Embora o fecho e a deslocalização desta não possam ser efectuadas de imediato, o que de resto se compreende, este relatório recomenda que este processo se inicie com a maior

brevidade possível e se acautele a recuperação paisagística de toda aquela área que, como se sabe, se situa dentro de um núcleo urbano da paisagem protegida da vinha.

Fica assim também dado, por parte desta Assembleia Regional, um importante contributo no sentido de se resolver um problema urbano, social, ambiental e paisagístico que, nos últimos anos, muitos conflitos vinha gerando em toda a população envolvente.

Resta-me deixar também aqui uma palavra de apreço à Tecnovia que, percebendo todos estes inconvenientes, manifestou, desde logo, total disponibilidade para colaborar em todo este processo.

Convém também aqui recordar que aquela infra-estrutura foi, de resto, muito importante para o desenvolvimento estrutural de toda a ilha ao longo dos últimos anos.

Muito obrigado.

**Presidente:** Tem a palavra o Sr. Deputado Hernâni Jorge.

**(\*) Deputado Hernâni Jorge (PS):** Sr. Presidente, Sras. e Srs. Deputados, Sra. e Srs. Membros do Governo:

Em primeiro lugar, o Grupo Parlamentar do Partido Socialista saúda este exercício da democracia participativa, este exercício de cidadania que é o uso do direito de petição por cidadãos da Região Autónoma dos Açores a esta sua Assembleia Legislativa.

A Comissão teve oportunidade de apreciar a Petição desses cidadãos, fê-lo durante os últimos meses, ouvindo diversas entidades conforme na apresentação do Relatório foi enunciado pelo Relator da Comissão, tendo daí tirado várias conclusões e duas recomendações que, em síntese, são no sentido de recomendar às entidades envolvidas a célere deslocalização daquela infra-estrutura atendendo, naturalmente, os interesses económicos e sociais em causa naquela área e junto daquela instalação industrial. Recomendando também ainda que, no âmbito dessa deslocalização, seja acautelada designadamente a recuperação paisagística daquela área.

São estas as recomendações da Comissão, analisadas neste Plenário, conforme foi sugerido unanimemente pela Comissão e admitido e agendado pela Conferência e seguir-se-à naturalmente, em cumprimento do que dispõe a Lei que regula o direito de petição, o dar conhecimento deste Relatório e das respectivas recomendações às entidades envolvidas, designadamente a empresa Tecnovia, SA, os departamentos do Governo Regional e os próprios peticionantes, na pessoa do primeiro subscritor.

**Presidente:** Tem a palavra o Sr. Secretário Regional da Presidência.

**(\*) Secretário Regional da Presidência (Vasco Cordeiro):** Sr. Presidente, Sras. e Srs. Deputados, Sra. e Srs. Membros do Governo:

Apenas para, participando neste debate, também possibilitar que fique registada a posição do Governo Regional sobre esta matéria, expressa em sede de Comissão pelas audições, quer do Sr. Secretário Regional da Economia, quer pela audição da Sra. Secretária Regional do Ambiente e do Mar, sobretudo nos aspectos que se referem à consciência, por parte do Governo, da importância daquele espaço e da utilidade que aquele espaço pode ter para a instalação de outra actividade com um maior valor, até, para a própria ilha do Pico, sendo certo, porém, que também há que ter a consciência – e isso parece-me suficientemente vertido no Relatório – de que este é um processo que, para além do próprio interesse mais geral da valorização daquele espaço, há também os interesses que dizem respeito ao próprio funcionamento duma estrutura deste tipo e à importância que a mesma tem para a actividade económica da Ilha do Pico.

De qualquer modo, com esta consciência e tendo em conta todos os condicionalismos que estão presentes numa situação deste tipo, reafirmar a disponibilidade e o interesse do Governo Regional em seguir atentamente este processo e em actuar, na oportunidade própria pelo método adequado, no sentido de salvaguardar todos os interesses que estão em causa, quer os da Ilha do Pico, do ponto de vista de valorização paisagística e de valorização económica, até, do próprio local, quer também dos outros interesses que decorrem da própria existência de uma estrutura deste tipo na ilha.

Muito obrigado.

**Presidente:** Srs. Deputados, o último ponto da nossa ordem de trabalhos já não é necessário. Era o depoimento como testemunha do Sr. Deputado Parreira que já não é necessário, segundo informação do próprio e, portanto, relativamente à nossa ordem de trabalhos, ficamos por aqui.

Entretanto, há uma Proposta de Deliberação, subscrita por mim próprio, em que a Assembleia declara findo o período legislativo de Janeiro.

Srs. Deputados, penso que concordam com esta Deliberação que dá por findos os trabalhos de Janeiro.

Os Srs. Deputados que concordam, por favor mantenham-se como se encontram.

**Secretário:** A Proposta de Deliberação foi aprovada por unanimidade.

**Presidente:** Srs. Deputados, muito obrigado, bom regresso às vossas casas.

*(Os trabalhos terminaram às 19 horas e 45 minutos)*

*Deputados que entraram durante a Sessão:*

**Partido Socialista (PS)**

**Francisco Manuel Coelho** Lopes Cabral

**Partido Social Democrata (PSD)**

**Aires** António Fagundes dos **Reis**

**Jaime** António da Silveira **Jorge**

**José Manuel** Cabral Dias **Bolieiro**

*Deputado Independente (Ind.)*

**Paulo** Domingos Alves de **Gusmão**

*Deputados que faltaram à Sessão:*

**Partido Socialista (PS)**

**Cláudia** Alexandra Coelho Cardoso Meneses da **Costa**

**Nuno** André da Costa Soares **Tomé**

**Osório** Meneses da **Silva**

**Partido Social Democrata (PSD)**

**António** Maria da Silva **Gonçalves**

(\*) Texto não revisto pelo Orador.

**Documentos entrados**

## **PROJECTO DE DECRETO LEGISLATIVO REGIONAL**

### **Cria o Conselho Consultivo de Segurança Pública**

O sentimento de insegurança tem vindo a aumentar nos Açores.

Os relatórios anuais de Segurança Interna, já disponíveis e relativos aos anos de 2005 e 2006, revelam um continuado aumento da criminalidade participada de 3,8% de 2004 para 2005 e de 0,5% de 2005 para 2006, colocando os Açores como a quarta Região do País com maior índice de criminalidade.

Sendo certo que este aumento de criminalidade se deve apenas a alguns tipos de criminalidade – crimes contra a propriedade e contra as pessoas – de reduzida intensidade criminal, não é menos certo que o aumento destes crimes causam alarme social, atendendo à sua natureza.

Os Açores são, tradicional e historicamente, uma Região segura, circunstância que, entre outras, tem contribuído para a sua valorização como destino turístico.

Importa, pois, concertar estratégias e esforços para combater este sentimento de insegurança e este continuado crescimento de criminalidade, explorando as competências da Região Autónoma dos Açores.

O desenvolvimento das ilhas e o crescente aumento da população flutuante exigem, agora, inovadora avaliação das necessidades e dos meios técnicos e recursos humanos a afectar aos Açores e em particular a cada um dos nossos concelhos por realidades tão diferenciadas que são.

Ancorados nestes pressupostos, conclui-se pela importância da criação, na Região Autónoma dos Açores, de um Conselho Consultivo de Segurança Pública, que possa contribuir para a articulação, informação e cooperação, nos domínios da ordem e segurança públicas.

Este Conselho, funcionando junto da Presidência do Governo Regional, pode estimular a cooperação da Administração Regional Autónoma com o Governo da República quanto aos meios e à coordenação das forças de segurança pública sediadas nos Açores.

Assim, ao abrigo do disposto na alínea a) do n.º 1 do artigo 23º do Estatuto Político-Administrativo da Região Autónoma dos Açores e dos artigos 114º e 115º do Regimento da Assembleia Legislativa, os Deputados do Grupo Parlamentar do Partido Social Democrata apresentam, nos termos da alínea a) do n.º 1 do artigo 227º da Constituição e da alínea c) do n.º 1 do artigo 31º do Estatuto Político-Administrativo da Região Autónoma dos Açores, o seguinte projecto de Decreto Legislativo Regional:

Artigo 1º

(Objecto)

É criado o Conselho Consultivo de Segurança Pública da Região Autónoma dos Açores, abreviadamente designado por Conselho de Segurança Pública, cuja natureza, objectivos, competências, composição e funcionamento se regem pelo disposto no presente Decreto Legislativo Regional.

**Artigo 2º**

(Natureza)

O Conselho de Segurança Pública é um órgão de consulta, articulação, informação e cooperação, nos domínios da ordem pública e da segurança pública na Região Autónoma dos Açores, que funciona junto da Presidência do Governo Regional, que assegura as despesas do seu funcionamento e respectivas instalações.

**Artigo 3º**

(Objectivos)

O Conselho de Segurança Pública tem por objectivo:

- a) Contribuir para o aprofundamento do conhecimento da situação da ordem e segurança públicas da Região Autónoma dos Açores, através da consulta entre todas as entidades que o compõem;
- b) Monitorizar e promover o escrutínio da efectiva colaboração entre todas as entidades locais, regionais e nacionais que actuam em matéria de segurança pública nos Açores;
- c) Promover a discussão sobre medidas de combate à criminalidade e à exclusão social nos Açores;
- d) Formular propostas de solução para os problemas de marginalidade, toxicodependências e segurança dos cidadãos em todas as ilhas dos Açores e participar em acções de prevenção;
- e) Aprovar pareceres e elaborar balanços e propostas, a enviar, por semestre, à Assembleia Legislativa da Região Autónoma dos Açores.

#### **Artigo 4º**

##### (Competências)

Compete ao Conselho de Segurança Pública praticar todos os actos adequados ao cumprimento dos seus objectivos, e em especial:

- a) Estudar, analisar e emitir parecer sobre a qualidade e evolução dos níveis de criminalidade nas ilhas dos Açores;
- b) Dar parecer sobre o dispositivo legal de segurança e a capacidade operacional das forças de segurança nos Açores;
- c) Aconselhar o Presidente do Governo Regional na sua qualidade de membro do Conselho Superior de Segurança Interna;
- d) Avaliar globalmente os resultados das medidas e acções de segurança interna nos Açores, e as condições materiais e os meios humanos empregues em iniciativas e programas concretos de segurança pública e prevenção;

- e) Avaliar globalmente as situações sociais sensíveis, designadamente as ligadas ao alcoolismo e demais toxicodependências, que possam estar associadas à tendência para o crescimento da marginalidade e delinquência;
- f) Contribuir para a operacionalização de uma efectiva coordenação regional das forças de segurança pública na Região Autónoma dos Açores;
- g) Promover a realização e respectiva divulgação de estudos de referência no âmbito regional da segurança pública e criminalidade nos Açores;
- h) Aconselhar o Governo Regional quanto à manutenção da Ordem Pública;
- i) Avaliar a intervenção da Administração Pública da Região Autónoma dos Açores no âmbito da polícia administrativa;
- j) Aprovar o seu regulamento Interno.

### **Artigo 5º**

(Articulação com outras entidades)

O Conselho de Segurança Pública, para o desempenho das suas competências, deve articular-se com outros organismos que desenvolvam actividades de natureza análoga, nomeadamente os Conselhos Municipais de Segurança.

### **Artigo 6º**

(Composição)

1 - O Conselho de Segurança Pública tem uma composição plural e de cobertura regional, integrando representantes das entidades que desenvolvem actividades no âmbito da ordem e segurança públicas na Região Autónoma dos Açores, nos seguintes termos:

- a) O Presidente do Governo Regional;
- b) Um membro do Governo Regional designado pelo Presidente do Governo Regional;
- c) Dois Deputados da Assembleia Legislativa, eleitos por maioria absoluta dos Deputados em efectividade de funções;
- d) O Presidente de cada Conselho Municipal de Segurança na Região Autónoma dos Açores;

- e) Um representante do Ministério Público em cada Círculo Judicial dos Açores;
- f) Os comandantes regionais das forças de segurança presentes no território da Região Autónoma dos Açores.

2 – O Conselho de Segurança Pública é presidido pelo Presidente do Governo Regional.

### **Artigo 7º**

(Reuniões)

O Conselho de Segurança Pública tem reuniões ordinárias de periodicidade semestral, podendo reunir extraordinariamente sempre que convocado pelo seu Presidente.

### **Artigo 8º**

(Instalação)

1 - Compete ao Presidente do Governo Regional assegurar a instalação do Conselho de Segurança Pública, no prazo de sessenta dias após a sua criação.

2 – Os membros do Conselho tomam posse perante o Presidente do Governo Regional.

### **Artigo 9º**

(Entrada em Vigor)

O presente diploma entra em vigor 30 dias contados a partir da data da sua publicação.

Horta, Sala das Sessões, 23 de Janeiro de 2008

## **O presidente do Grupo Parlamentar do PSD**

Clélio Meneses

---

**RELATÓRIO E PARECER, NO ÂMBITO DA AUDIÇÃO DOS ÓRGÃOS DE GOVERNO PRÓPRIO DAS REGIÕES AUTÓNOMAS, SOBRE O PROJECTO DE DECRETO-LEI N.º 684/2007 – PROCEDE À PRIMEIRA ALTERAÇÃO AO DECRETO-LEI N.º 152/2005, DE 31 DE AGOSTO, QUE REGULA A APLICAÇÃO NA ORDEM JURÍDICA INTERNA DO ARTIGO 16.º E DO N.º 1 DO ARTIGO 17.º DO REGULAMENTO (CE) N.º 2037/2000, DO PARLAMENTO EUROPEU E DO CONSELHO, DE 29 DE JUNHO, RELATIVO ÀS SUBSTÂNCIAS QUE EMPOBRECEM A CAMADA DE OZONO**

### **Capítulo I** **INTRODUÇÃO**

A Comissão de Assuntos Parlamentares, Ambiente e Trabalho reuniu no dia 14 de Janeiro de 2008, na sede Delegação de São Miguel da Assembleia Legislativa da Região Autónoma dos Açores, em Ponta Delgada.

Da agenda da reunião constava a apreciação, relato e emissão de parecer, na sequência do solicitado por Sua Excelência o Presidente da Assembleia Legislativa, sobre o Projecto de Decreto-Lei n.º 684/2007 – Procede à primeira alteração ao Decreto-Lei n.º 152/2005, de 31 de Agosto, que regula a aplicação na ordem jurídica interna do artigo 16.º e do n.º 1 do artigo 17.º do

Regulamento (CE) n.º 2037/2000, do Parlamento Europeu e do Conselho, de 29 de Junho, relativo às substâncias que empobrecem a camada de ozono.

O Projecto de Decreto-Lei deu entrada na Assembleia Legislativa da Região Autónoma dos Açores em 23 de Novembro de 2007, tendo sido enviada à Comissão de Assuntos Parlamentares, Ambiente e Trabalho, no dia 26 do mesmo mês, para relato e emissão de parecer, até 13 de Dezembro de 2007.

## **Capítulo II**

### **ENQUADRAMENTO JURÍDICO**

A pronúncia dos órgãos de governo próprio da Região Autónoma dos Açores relativamente às questões de competência dos órgãos de soberania que digam respeito à Região exerce-se por força do disposto no n.º 2 do artigo 229.º da Constituição da República Portuguesa e na alínea i) do artigo 30.º do Estatuto Político-Administrativo.

Tratando-se de actos legislativos, compete à Assembleia Legislativa a emissão do respectivo parecer, conforme determina a alínea a) do n.º 1 do artigo 79.º do Estatuto Político-Administrativo, o qual, em caso de urgência, deverá ser emitido no prazo de 10 (dez) dias nos termos do artigo 80.º do Estatuto Político-Administrativo.

A emissão do parecer da Assembleia Legislativa cabe à comissão especializada permanente competente em razão da matéria, nos termos da alínea e) do artigo 42.º do Regimento.

Nos termos da Resolução da Assembleia Legislativa n.º 1-A/99/A, de 28 de Janeiro, as matérias relativas ao “ambiente” são competência da Comissão de Assuntos Parlamentares, Ambiente e Trabalho.

## **Capítulo III**

### **APRECIACÃO DA INICIATIVA**

#### **a) Na generalidade**

A mencionada iniciativa, ora submetida a parecer da Assembleia Legislativa da Região Autónoma dos Açores, no âmbito da audição dos órgãos de governo próprio das Regiões Autónomas, têm por objecto a alteração ao Decreto-Lei n.º

Assembleia Legislativa da Região Autónoma dos Açores 152/2005, de 31 de Agosto, que regula a aplicação na ordem jurídica interna do artigo 16.º e do n.º 1 do artigo 17.º do Regulamento (CE) n.º 2037/2000, do

Parlamento Europeu e do Conselho, de 29 de Junho, relativo às substâncias que empobrecem a camada de ozono, designadamente, clarificando determinados aspectos técnicos respeitantes à identificação dos cursos profissionais relevantes para o estabelecimento das qualificações mínimas do pessoal envolvido nas operações de recuperação para reciclagem, valorização e destruição das substâncias que empobrecem a camada do ozono, contidas em equipamentos de refrigeração e de ar condicionado, bombas de calor, sistemas de protecção contra incêndios e extintores, bem como nas operações de manutenção e de assistência desses mesmos equipamentos, incluindo a detecção de eventuais fugas das referidas substâncias.

Não obstante o prazo conferido à Comissão para emissão do respectivo parecer (13 de Dezembro de 2007), o diploma foi aprovado na reunião do Conselho de Ministros de 12 de Dezembro de 2007.

b) Na especialidade

Não obstante o diploma já ter sido aprovado pelo Conselho de Ministros, a Comissão, na apreciação na especialidade, deliberou, por unanimidade, alertar, com cariz pedagógico, para o redundância e menor rigor jurídico da disposição do n.º 1 do artigo 12.º (Aplicação às Regiões Autónomas), porquanto decorre do n.º 2 do artigo 228.º da Constituição a aplicação nas Regiões Autónomas da legislação da República na falta de legislação regional, acrescendo, nos termos do disposto no artigo 81.º do Estatuto Político-Administrativo da Região Autónoma dos Açores, que compete ao Governo Regional, no território da Região Autónoma dos Açores, a execução dos actos legislativos nacionais, sem necessidade de qualquer adaptação normativa.

## **Capítulo IV**

### **SÍNTESE DAS POSIÇÕES DOS DEPUTADOS**

Os Grupos Parlamentares do PS e do PSD não manifestaram oposição ao regime estabelecido no Projecto de Decreto-Lei em apreciação, salvo a observação feita na apreciação na especialidade.

## **Capítulo V**

### **CONCLUSÕES E PARECER**

Com base na apreciação efectuada, na generalidade e na especialidade, a Comissão de Assuntos Parlamentares, Ambiente e Trabalho concluiu, por unanimidade, não se opor ao regime estabelecido no Projecto de Decreto-Lei em apreciação.

Ponta Delgada, 14 de Janeiro de 2008

**O Relator**, *em substituição, José Ávila*

O presente relatório foi aprovado por unanimidade.

**O Presidente**, *Hernâni Jorge*

—

**RELATÓRIO E PARECER, NO ÂMBITO DA AUDIÇÃO DOS ÓRGÃOS DE GOVERNO PRÓPRIO DAS REGIÕES AUTÓNOMAS, SOBRE O PROJECTO DE DECRETO-LEI N.º 707/2007 – ASSEGURA A EXECUÇÃO E GARANTE O CUMPRIMENTO, NA ORDEM JURÍDICA INTERNA, DAS OBRIGAÇÕES DECORRENTES PARA O ESTADO PORTUGUÊS DO REGULAMENTO (CE) N.º 1013/2006, DO PARLAMENTO EUROPEU E DO CONSELHO, DE 14 DE JUNHO DE 2006, RELATIVO À TRANSFERÊNCIA DE RESÍDUOS, E REVOGA O DECRETO-LEI N.º 296/95, DE 17 DE NOVEMBRO**

## **Capítulo I**

### **INTRODUÇÃO**

A Comissão de Assuntos Parlamentares, Ambiente e Trabalho reuniu no dia 14 de Janeiro de 2008, na sede Delegação de São Miguel da Assembleia Legislativa da Região Autónoma dos Açores, em Ponta Delgada.

Da agenda da reunião constava a apreciação, relato e emissão de parecer, na sequência do solicitado por Sua Excelência o Presidente da Assembleia Legislativa, sobre o Projecto de Decreto-Lei n.º 707/2007 – Assegura a execução e garante o cumprimento, na ordem jurídica interna, das obrigações decorrentes para o Estado Português do Regulamento (CE) n.º 1013/2006, do Parlamento Europeu e do Conselho, de 14 de Junho de 2006, relativo à transferência de resíduos, e revoga o Decreto-Lei n.º 296/95, de 17 de Novembro.

O Projecto de Decreto-Lei deu entrada na Assembleia Legislativa da Região Autónoma dos Açores em 28 de Novembro de 2007, tendo sido enviada à Comissão de Assuntos Parlamentares, Ambiente e Trabalho, no dia 3 de Dezembro, para relato e emissão de parecer, até 18 de Dezembro de 2007.

## **Capítulo II**

### **ENQUADRAMENTO JURÍDICO**

A pronúncia dos órgãos de governo próprio da Região Autónoma dos Açores relativamente às questões de competência dos órgãos de soberania que digam respeito à Região exerce-se por força do disposto no n.º 2 do artigo 229.º da Constituição da República Portuguesa e na alínea i) do artigo 30.º do Estatuto Político-Administrativo.

Tratando-se de actos legislativos, compete à Assembleia Legislativa a emissão do respectivo parecer, conforme determina a alínea a) do n.º 1 do artigo 79.º do Estatuto Político-Administrativo, o qual, em caso de urgência, deverá ser emitido no prazo de 10 (dez) dias nos termos do artigo 80.º do Estatuto Político-Administrativo.

A emissão do parecer da Assembleia Legislativa cabe à comissão especializada permanente competente em razão da matéria, nos termos da alínea e) do artigo 42.º do Regimento.

Nos termos da Resolução da Assembleia Legislativa n.º 1-A/99/A, de 28 de Janeiro, as matérias relativas ao “ambiente” são competência da Comissão de Assuntos Parlamentares, Ambiente e Trabalho.

### **Capítulo III**

#### **APRECIACÃO DA INICIATIVA**

##### **a) Na generalidade**

A mencionada iniciativa, ora submetida a parecer da Assembleia Legislativa da Região Autónoma dos Açores, no âmbito da audição dos órgãos de governo próprio das Regiões Autónomas, têm por objecto assegurar a execução e garantir o cumprimento, na ordem jurídica interna, das obrigações decorrentes para o Estado Português do Regulamento (CE) n.º 1013/2006, do Parlamento

Europeu e do Conselho, de 14 de Junho de 2006, relativo à transferência de resíduos, e revoga o Decreto-Lei n.º 296/95, de 17 de Novembro.

A iniciativa legislativa visa estabelecer um novo regime jurídico relativo à transferência de resíduos, simplificando e clarificando os procedimentos de controlo das transferências de resíduos, ao mesmo tempo que reforça os mecanismos de fiscalização e se determina que a autoridade nacional competente pela aplicação das novas regras é a Agência Portuguesa do Ambiente.

O diploma em apreciação foi aprovado na reunião do Conselho de Ministros de 27 de Dezembro de 2007.

##### **b) Na especialidade**

Na apreciação na especialidade, não foi apresentada, em Comissão, qualquer proposta de alteração da iniciativa legislativa.

### **Capítulo IV**

#### **SÍNTESE DAS POSIÇÕES DOS DEPUTADOS**

Os Grupos Parlamentares do PS e do PSD não manifestaram oposição ao regime estabelecido no Projecto de Decreto-Lei em apreciação.

### **Capítulo V**

#### **CONCLUSÕES E PARECER**

Com base na apreciação efectuada, na generalidade e na especialidade, a Comissão de Assuntos Parlamentares, Ambiente e Trabalho concluiu, por unanimidade, não se opor ao regime estabelecido no Projecto de Decreto-Lei em apreciação.

Ponta Delgada, 14 de Janeiro de 2008

**O Relator**, *em substituição, José Ávila*

O presente relatório foi aprovado por unanimidade.

**O Presidente**, *Hernâni Jorge*

Pela redactora

Ágata Patrícia Biga de Almeida Vieira de Sousa